



organizadoras

Janine Pimentel

Maria Cristina Volpi

Terminologia e Catalogação do Vestuário

percursos
interdisciplinares



organizadoras

Janine Pimentel

Maria Cristina Volpi

Terminologia e Catalogação do Vestuário

percursos
interdisciplinares

| São Paulo | 2023 |



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T319

Terminologia e catalogação vestuário: percursos interdisciplinares/
Organizadores Janine Pimentel, Maria Cristina Volpi. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-769-3

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.97693

1. Linguística - Dialetoлогия. 2. Terminologia. 3. Vocabulário.
4. Moda. 5. Vestuário. I. Pimentel, Janine (Organizadora). II. Volpi,
Maria Cristina Organizadora). III. Título.

CDD 417

Índice para catálogo sistemático:

I. Linguística - Dialetoлогия.

Jéssica Oliveira – Bibliotecária – CRB-034/2023

ISBN formato impresso (brochura): 978-65-5939-767-9

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assessora editorial	Bianca Bieging
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	Subinpumsom, Rawpixel.com, Freepik - Freepik.com
Tipografias	Swiss 721, Acumin
Revisão	Os autores e os organizadores
Organizadores	Janine Pimentel Maria Cristina Volpi

PIMENTA CULTURAL

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fábrica Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jônata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton <i>Universidade Luterana do Brasil, Brasil</i>	Jacqueline de Castro Rimá <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Alexandre João Appio <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Lucimar Romeu Fernandes <i>Instituto Politécnico de Bragança, Brasil</i>
Bianka de Abreu Severo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Marcos de Souza Machado <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>
Carlos Eduardo Damian Leite <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Michele de Oliveira Sampaio <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>
Catarina Prestes de Carvalho <i>Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil</i>	Pedro Augusto Paula do Carmo <i>Universidade Paulista, Brasil</i>
Elisiene Borges Leal <i>Universidade Federal do Piauí, Brasil</i>	Samara Castro da Silva <i>Universidade de Caxias do Sul, Brasil</i>
Elizabete de Paula Pacheco <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Thais Karina Souza do Nascimento <i>Instituto de Ciências das Artes, Brasil</i>
Elton Simomukay <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>	Viviane Gil da Silva Oliveira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Francisco Geová Goveia Silva Júnior <i>Universidade Potiguar, Brasil</i>	Weyber Rodrigues de Souza <i>Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil</i>
Indiamaris Pereira <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>	William Roslindo Paranhos <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CLA - Centro de Letras e Artes
- CNM - Cadastro Nacional de Museus
- CNRS - *Centre National de la Recherche Scientifique*
- COSTUME - *International Committee for Museums and Collections of Costume, Fashion and Textiles*
- CSJ - Coleção Sophia Jobim
- EBA - Escola de Belas Artes
- EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense
- IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus
- ICDAD - *International Committee for Museums and Collections of Decorative Arts and Design*
- ICMAH - *International Committee for Museums and Collections of Archeology and History*
- ICME - *International Committee for Museums and Collections of Ethnography*
- ICOM - *International Council of Museums*
- ICOMAM - *International Committee for Museums and Collections of Arms and Military History*
- ICR - *International Committee for Regional Museums*
- ISO - *International Standards Organization*
- MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
- MET - *Metropolitan Museum of Art*
- MG - Minas Gerais
- MHN - Museu Histórico Nacional
- MSS - Museu Simões da Silva
- MUMO - Museu da Moda
- PIBIAC - Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural
- PPGAV - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais
- PR - Pará
- PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- RJ - Rio de Janeiro
- RS - Rio Grande do Sul

SC - Santa Catarina

SENAI/Cetiqt - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

SERET - Seção de Reserva Técnica

SP - São Paulo

U.F.A.C. - Union Française des Arts du Costume

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFPI - Universidade Federal do Piauí

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNAMA - Universidade da Amazonia

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP - Universidade de São Paulo

VTB - Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume

VTB - Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Indumentária

SUMÁRIO

Apresentação.....	12
<i>Mara Rúbia Sant'Anna</i>	
Introdução.....	16
<i>Janine Pimentel</i> <i>Maria Cristina Volpi</i>	
Elaboração da versão brasileira do Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume	21
<i>Janine Pimentel</i> <i>Maria Cristina Volpi</i> <i>Henrique Guimarães dos Santos</i>	
Projeto de “Terminologia do Vestuário”: motivações e processos.....	51
<i>Carolina Casarin</i> <i>Carolina Morgado Pereira</i> <i>Fuviane Galdino Moreira</i> <i>Hellen Alves Cabral</i>	
Classificando a indumentária no museu: uma abordagem biográfica das coleções do Museu Histórico Nacional	80
<i>Maria do Carmo Rainho</i>	
Atualização dos termos básicos de indumentária no acervo Sophia Jobim, do Museu Histórico Nacional.....	107
<i>Madson Oliveira</i> <i>Jeane Mautoni</i>	

Singular ou plural? Um estudo sobre a flexão de número de termos do vestuário	134
<i>Janine Pimentel</i> <i>Carolina Casarin</i> <i>Luciene C. Alves de Lucena</i>	
Anexo A	157
Anexo B	159
Apêndice A	214
Sobre os autores e autoras	227
Índice Remissivo	231

APRESENTAÇÃO

Mara Rúbia Sant'Anna

“Como se chama mesmo aquela peça assim, assim, assim?”
Quem trabalha com o vestuário, certamente, já ouviu ou disse essa frase.

A vendedora da loja de grife responde à questão posta pela cliente com um nome em língua estrangeira, de apelo comercial, definido pela campanha de marketing da marca que a profissional supõe ser o que a compradora busca.

A mãe arrisca, trocando olhares de indagação com a filha, alguns palpites, certamente, associando termos não mais em uso com outros ouvidos recentemente.

A professora de história da moda, diante do estudante curioso, silencia, busca na memória, intenta um critério classificatório e, provavelmente, depois de um preâmbulo, que situa a peça no tempo e espaço histórico, responde com o termo mais apropriado a seu ver.

A museóloga no silêncio da reserva técnica, diante da peça a ser catalogada, examina, olha a ficha de recepção do elemento agregado ao acervo: propõe um termo, dúvida; ensaia outro, questiona; rabisca um terceiro e se ainda restam dúvidas, a técnica recomenda que se apoie na bibliografia de referência e encontre o termo estabelecido como padrão, a fim de que seu trabalho de “conservadora do tempo” não seja em vão. Cruel angústia se o termo é amplo demais para precisar a riqueza e singularidade da peça e, então, se recorre à descrição dos detalhes, dos motivos estampados, bordados, aplicados, se for o caso. Talvez, ainda ao final do dia, a tarefa não esteja concluída e nem a museóloga satisfeita, porém isto foi o possível a fim de transpor da realidade têxtil para o papel ou ficha catalográfica eletrônica onde o registrado nunca será mais completo do que o próprio referente.

SUMÁRIO

Foi em busca de auxiliar, satisfazer e acalantar com mais segurança profissionais, como as citadas por último, que a pesquisa documentada no presente livro se organizou. Marcado pelas dúvidas e variedades de termos disponíveis para o registro de um material têxtil acervado ou elencado nos anais da história do vestuário, profissionais de diversos âmbitos carecem de termos precisos, bem delimitados e habilmente diferenciados entre seus similares para fazerem as devidas referências às inúmeras peças do vestuário, com seus acessórios, técnicas, materiais e demais elementos produzidos pela humanidade, e que sobrevivem ainda hoje.

Todavia, é importante que se diga: tal esforço de compor um vocabulário de termos controlados para a catalogação e nomeação da área do vestuário vem sendo realizado desde a década de 1970 pelo *International Council of Museums/ICOM* (Conselho Internacional de Museus). Proveniente de um conselho internacional, tal documento é produzido em inglês e francês por serem línguas hegemônicas na sociedade contemporânea, gerando, para realidades, como a brasileira, outro entrave: a dimensão da tradução de termos de um idioma para outro e suas conseqüentes imprecisões.

A história desse processo de catalogação e busca de termos controlados é bem relatada no primeiro capítulo desta obra, sinalizando a década de 1960 como o início de tais preocupações e a de 1980 como o momento de maior sistematização, realizada por museólogos franceses e de outros países, como Holanda, Canadá, Israel e Estados Unidos da América.

Sobretudo, é muito relevante conhecer a metodologia processual desenvolvida pela equipe responsável desta obra. Firmado em cinco passos, organizado a partir de três grupos de documentos, classificados por sua condição de acesso, o grupo empenhou-se em validar equivalências pelo uso textual dos termos contidos no VTB – Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Indumentária – compilado pelo ICOM e apresentado em inglês, alemão,

SUMÁRIO

francês e espanhol. Mesmo que em processo de conclusão, tendo a última etapa por consolidar, o livro traz em seu apêndice o equivalente em português do documento do ICOM.

Além do primeiro capítulo, que expõe detalhadamente a proposta do livro, os demais capítulos trazem reflexões relevantes para compreender, de maneira aplicada, a importância de haver termos apropriados para cada peça do vestuário no tratamento do acervo têxtil, bem como na composição de narrativas do passado e práticas do vestir e da aparência. Diante deste propósito, o segundo capítulo “Projeto de Terminologia do Vestuário: Motivações e Processos” completa, por outro viés, o que o capítulo anterior já havia exposto. Numa primeira parte expõe a fragilidade de um compêndio de termos próprios ao vestuário, desenvolvido em 2014, diante da necessidade de precisão e, ao final, remontam o processo de proposição da pesquisa que resultou no livro. Coroando a discussão, as autoras, que têm em comum a orientação de Maria Cristina Volpi, detalham suas pesquisas realizadas e outras ações acadêmicas em torno de acervos e artefatos da cultura material têxtil, evidenciando, no conjunto, a importância da pesquisa concluída e a relevância do VTB consolidado pelo trabalho árduo produzido.

No terceiro texto, “Classificando a indumentária no museu: uma abordagem biográfica das coleções do Museu Histórico Nacional”, Maria do Carmo Rainho relata e explicita o programa de trabalho realizado entre 2016 e 2019 no Museu Histórico Nacional. Didaticamente, o texto está construído em três partes que se somam para a efetiva compreensão da complexidade e importância do trabalho museológico. Inicialmente são tratadas as coleções de indumentária dos museus, suas limitações e dificuldades de difusão, o que se relaciona à precariedade da classificação das coleções. Em seguida, detém-se sobre a trajetória dos itens de indumentária no Museu Histórico Nacional. Por fim, numa reflexão aplicada, a autora examina as fichas dos objetos de indumentária do Museu Histórico Nacional, dialogando com a possibilidade

SUMÁRIO

de se construir uma biografia dos objetos e todos os reveses, astúcias e outros engenhos que os circundam, tal como os balangandãs doados pela família Calmon.

O penúltimo artigo dos autores Madson Oliveira e Jeane Mautoni tratam dos termos básicos aplicados ao acervo de Sophia Jobim guardado no Museu Histórico Nacional. Para sustentar a discussão, inicialmente é considerado o MHN e como a coleção da professora de indumentária e iniciadora do curso, em 1949, na Escola Nacional de Belas Artes, encontra-se organizada entre o Arquivo Histórico, a Biblioteca e a Reserva Técnica. Na segunda parte, algumas, peças da coleção de Sophia Jobim, são abordadas a fim de considerar a pertinência da terminologia básica aplicada em sua catalogação. O estudo aplicado do VTB, desenvolvido numa coleção rica e bem estudada como a de Sophia Jobim, atesta claramente a importância do trabalho que a equipe desenvolveu nestes últimos anos de árdua pesquisa.

O derradeiro capítulo, chamado de “Singular ou plural? Um estudo sobre a flexão de termos do vestuário” fecha as reflexões suscitadas, considerando a precisão necessária para a consolidação do VTB.

Sob a batuta de Janine Pimentel, professora permanente do Programa interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, de Maria Cristina Volpi e Madson Oliveira, membros do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e em Design, Escola de Belas Artes, seis estudantes, uma historiadora e uma museóloga construíram o excelente trabalho que temos o prazer de apresentar e renovar votos de muito sucesso e vida longa, tão longa como a das peças que ajudará a bem nomear, catalogar e, por isso, serem acessadas, estudadas e difundidas como testemunhos e agentes de um tempo de vestires e pareceres que está distante no calendário, porém ainda ecoando em nossas práticas e cultura do vestir do presente¹.

1 Revisão gramatical Albertina Felisbino.

INTRODUÇÃO

Janine Pimentel

Maria Cristina Volpi

Sendo um dos fenômenos mais relevantes da idade moderna, a indumentária é hoje estudada regularmente em várias disciplinas, como a sociologia, a semiótica, os estudos culturais, a teoria da arte e da literatura, a psicologia, a antropologia, a economia e gestão, o design, entre outros (MATTEUCCI, 2019). Mas o que significa exatamente “indumentária”? E qual a diferença entre os termos “indumentária”, “vestuário”, “traje”, “roupa” e “moda”, já que tanto Sophia Jobim Magno de Carvalho quanto muitos pesquisadores tendem a usá-los indiscriminadamente como sinônimo de quase tudo?

Começemos com a diferença entre “vestuário” e “indumentária”. A palavra “vestuário” designa necessariamente o conjunto de trajes e acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo. Já o termo “indumentária” tem um sentido mais amplo. Derivado do termo latino *indumentum* (o que reveste) e formado a partir do adjetivo espanhol *indumentario*, o termo “indumentária” é sinônimo de “traje”, peça individual ou conjunto, ou de “roupa”, aquilo que cobre o corpo. Refere-se também à arte e à história do traje que uma sociedade produz. É importante mencionar que nem toda cultura tem roupa, mas sim ornamentos e interferências no corpo. Por exemplo, estudos recentes sobre os índios Karajá desenvolvidos por Rita Andrade identificaram que colares e pinturas corporais são percebidos por eles como indumentária, remetendo ao sentido original do termo – aquilo que reveste. Já o uso generalizado do termo “moda” para significar “vestuário” também deve ser questionado. Idealmente, a opção por empregar um dentre os muitos sentidos e interpretações dados ao termo “moda”

SUMÁRIO

e sua manifestação no vestuário (muitas vezes contraditórios) deverá ser estabelecida a priori.

Roland Barthes foi quem primeiro postulou a ideia da indumentária como sistema e como linguagem, pois para ele ambas são “estruturas completas, constituídas organicamente por uma rede funcional de normas e formas, a transformação ou o deslocamento de um elemento podendo modificar o conjunto, produzir uma nova estrutura [...]” (BARTHES, 2005, p. 265-267). A partir dessas premissas, a semiologia barthesiana tem influenciado longamente o campo dos Estudos da Indumentária e da Moda, inclusive entre nós, em especial aqueles que empregaram fontes verbais e visuais em suas pesquisas.

O estudo da indumentária em acervos museológicos é bem mais raro no Brasil quando comparadas com a Europa e os EUA. Enquanto os acervos europeus e norte-americanos foram organizados desde o final do século XVIII e ampliados e valorizados a partir dos anos 1970, no Brasil o número de acervos nacionais é reduzido e subfinanciado. Por isso, a Europa e os EUA viram o desenvolvimento de estudos baseados no objeto, feitos por conservadores e historiadores no âmbito da cultura material, enquanto o Brasil ficou relegado à invisibilidade de suas coleções museológicas, a uma falta de recursos para sua adequada conservação, bem como a falta de políticas que valorizem e reúnam exemplos de indumentária de diferentes extratos e regiões no país.

Ainda assim as pesquisas sobre o vestuário e a moda no Brasil vêm evoluindo e utilizando um leque cada vez mais amplo de documentos que incluem acervos de vestuário, fontes visuais, impressas e orais, além de teses e dissertações, artigos científicos e fichas catalográficas. O fato de todos estes documentos serem progressivamente disponibilizados para acesso online tem, claramente, contribuído para a divulgação do conhecimento da área dentro e fora do Brasil. Contudo, a nomenclatura para a catalogação e a descrição do vestuário (dos trajes e acessórios do vestir), tanto em fichas catalográficas de acervos

SUMÁRIO

museológicos quanto em trabalhos científicos, tende a empregar um vocabulário complexo e variável, dificultando a recuperação das informações. Isso sem falar na maneira como o vestuário é descrito nas revistas de moda e nos periódicos, de modo geral. A verdade é que, embora o campo dos Estudos da Indumentária e da Moda esteja em franca expansão no Brasil, o estudo do vocabulário empregado para a descrição e registro de peças e acessórios ainda é pouco explorado.

Foi a partir desta situação-problema que um projeto de parceria entre a Faculdade de Letras e a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Histórico Nacional se iniciou em 2017 com o propósito de criar uma versão em português do *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume* (VBT) desenvolvido pelo ICOM (International Council of Museums) há várias décadas. O objetivo do vocabulário criado pelo ICOM, que está disponível de forma gratuita e online em quatro línguas (inglês, alemão, francês e espanhol), é possibilitar a correta indexação da terminologia do vestuário para que a informação sobre cada peça das coleções seja armazenada de acordo com as normas internacionais. A versão em português do Brasil desse vocabulário deveria servir a mesma finalidade além de sedimentar a relevância da terminologia do vestuário para os Estudos da Indumentária e da Moda.

Depois de três anos de trabalho para construir o Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Indumentária (VTB), o grupo de pesquisadores pôde então dedicar-se à divulgação dos resultados obtidos e debruçar-se sobre as instigantes reflexões que o projeto propiciou. É neste contexto que nasce o presente livro intitulado “Terminologia do vestuário: percursos interdisciplinares” com cinco capítulos redigidos pelos participantes do projeto – docentes e discentes da Faculdade de Letras e da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadoras do Museu Histórico Nacional – e uma apresentação assinada pela renomada especialista Mara Rúbia Sant’Anna.

SUMÁRIO

Os cinco capítulos abordam as principais questões que deram forma ao projeto, tanto do ponto de vista metodológico, quanto do ponto de vista de suas aplicações, buscando trazer algumas respostas às inquietações mencionadas aqui anteriormente. O eixo central e comum a todos os capítulos é, portanto, o estudo da terminologia do vestuário por meio da análise de recursos museológicos, lexicográficos e documentais existentes. Alguns capítulos dedicam-se à discussão de recursos museológicos, enquanto outros dedicam-se à discussão de recursos lexicográficos; e outros ainda comparam os diversos tipos de recursos. Ao fazer isso, todos buscam de uma forma ou de outra identificar as razões que explicam a complexidade e a variabilidade desta terminologia. Mas, sem dúvida, o enfoque principal do livro é a criação e aplicação do VTB – o objetivo central do projeto que uniu as instituições envolvidas.

O primeiro capítulo, “Elaboração da versão brasileira do Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume”, é de autoria das coordenadoras do projeto (Janine Pimentel e Maria Cristina Volpi) e do mestrando Henrique Guimarães dos Santos e expõe detalhadamente os objetivos e pressupostos teórico-metodológicos do trabalho desenvolvido. No segundo capítulo, “Projeto de Terminologia do Vestuário: motivações e processos”, as autoras Carolina Casarin, Carolina Morgado Pereira, Fuviane Galdino Moreira e Hellen Alves Cabral contam como suas pesquisas as levaram a refletir sobre a falta de precisão da terminologia do vestuário e sobre a insuficiência de obras terminológicas e lexicográficas. O terceiro capítulo, assinado por Maria do Carmo Rainho e intitulado “Classificando a indumentária no museu: uma abordagem biográfica das coleções do Museu Histórico Nacional”, trata da importância da indumentária no Museu Histórico Nacional e da precariedade da classificação das coleções. O capítulo seguinte apresenta uma aplicação do VTB nesse mesmo museu. É neste quarto capítulo, “Atualização dos termos básicos de indumentária no acervo Sophia Jobim, do Museu Histórico Nacional” que Jeane Mautoni e Madson Oliveira põem à prova a utilidade e aplicabilidade do VTB na catalogação das peças de Sophia Jobim no Museu

SUMÁRIO

Histórico Nacional. Por fim, o último e quinto capítulo, “Singular ou plural? Um estudo sobre a flexão de número de termos do vestuário”, de autoria de Janine Pimentel, Carolina Casarin e Luciene C. Alves de Lucena procura responder a uma das principais inquietações vividas durante a execução do projeto: por que motivo alguns termos do vestuário são usados na forma plural? Por que motivo não encontramos nos recursos terminológicos e lexicográficos existentes uma resposta consensual e clara para esta pergunta?

Todos os capítulos oferecem respostas e soluções para alguma questão ligada à terminologia do vestuário. Podem não representar soluções ideais e finais, mas são muito provavelmente o caminho para o avanço do conhecimento no campo dos Estudos da Indumentária e da Moda. Uma coisa é certa: ao fazer intersecções na indumentária, na museologia, na terminologia e na lexicografia, os percursos interdisciplinares apresentados neste livro permitiram chegar, finalmente, à primeiríssima versão em língua portuguesa do *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume*. Estes mesmos percursos interdisciplinares também nos levaram a identificar outros caminhos e desdobramentos de pesquisa que são tanto urgentes quanto necessários para a área da indumentária. Esperamos, por isso, que a presente coletânea inspire muitos pesquisadores a darem seguimento ao estudo da terminologia do vestuário.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Rita. Vestires indígenas em bonecas Karajá: argumentos para uma história da indumentária no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, volume 65, n.2, p. 197-222, jul./dez. 2017.

BARTHES, Roland. **Inéditos**. Vol. 3 – Imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATTEUCCI, Giovanni. Fashion. **International Lexicon of Aesthetics**. Edição de Outono de 2019, ISSN 2611-5166, ISBN 9788857559926, DOI 10.7413/18258630066.



Janine Pimentel
Maria Cristina Volpi
Henrique Guimarães dos Santos

**ELABORAÇÃO
DA VERSÃO BRASILEIRA
DO *VOCABULARY OF BASIC
TERMS FOR CATALOGUING
COSTUME***

DOI:10.31560/pimentacultural/2023.97693.1

Pesquisas sobre o vestuário no Brasil vêm utilizando um amplo leque de documentos que incluem acervos, além de fontes impressas e orais. Teses e dissertações, artigos científicos e fichas catalográficas têm sido cada vez mais disponibilizados para acesso on-line, contribuindo para a divulgação do conhecimento em escala global. De todo modo, a nomenclatura para a catalogação e a descrição dos trajes e acessórios do vestir, tanto em fichas catalográficas de acervos museológicos quanto em trabalhos científicos, tende a empregar um vocabulário complexo e variável, dificultando a recuperação das informações.

Nesse sentido, o *International Council of Museums/ICOM* (Conselho Internacional de Museus) vem desenvolvendo, desde a década de 1970, um glossário de termos da área do vestuário intitulado *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume (VBT)*. O trabalho é um reconhecimento do ICOM da necessidade de mostrar a correta indexação da terminologia do vestuário para que a informação sobre cada peça das coleções seja catalogada de acordo com as normas internacionais garantindo a recuperação dos dados.

A preservação do patrimônio cultural musealizado estabelece um diálogo com a sociedade a partir de processos de salvaguarda, que envolvem a conservação e a documentação, assim como de comunicação patrimonial (CÂNDIDO, 2014, p. 59). O registro e a documentação de um objeto patrimonial precisa ser nomeado e descrito em termos standardizados para ser recuperado e lembrado (DUFLOTT-PRIOT, 1984, p.375).

O ICOM é uma organização não governamental vinculada à UNESCO, criada em 1946 por profissionais de museus e reúne hoje mais de 40.000 membros em 141 países. Seus objetivos são conservar, preservar e difundir para a sociedade o patrimônio mundial cultural e natural, material e imaterial do passado e do presente. Além dos 141 comitês nacionais, 31 comitês internacionais desenvolvem atividades de formação, intercâmbio e promoção de museus e coleções.

SUMÁRIO

O comitê internacional para Museus e Coleções de Indumentária (COSTUME), renomeado a partir de 2020 Comitê Internacional para Museus e Coleções de Indumentária, Moda e Têxteis, foi criado em 1962 durante a 6ª Conferência Geral do ICOM, realizada em Haia, na Holanda. Após a criação do COSTUME, em 1962, nenhuma reunião efetiva do comitê se realizou e sua constituição definitiva só se deu muito lentamente.

Seu fundador e primeiro presidente, François Leon Louis Boucher, conhecido no Brasil por sua obra *Histoire du Costume en Occident de l'Antiquité à nos Jours*,² nasceu em Paris em 26 de novembro de 1885 e faleceu em Neuilly-sur-Seine em 29 de novembro de 1966. Formado pela Escola de Chartes³ em 1913, foi nomeado conservador agregado do Museu Carnavalet em 1915, mas só tomaria posse no cargo após a guerra, em 1919.⁴

A iniciativa de François Boucher de criar esse comitê temático no âmbito do ICOM resultou de sua experiência profissional como conservador, atuando em museus históricos parisienses com acervos de arte, arquitetura, artes decorativas e literatura. Entre 1919 e 1948, Boucher trabalhou no Museu Carnavalet, um museu histórico cujo recorte temático é a cidade de Paris e que possuía na época um acervo de vestuário dos séculos XVIII e XIX. Também foi conservador do Museu Cognacq-Jay, inaugurado em 1929, que abriga a coleção de arte do século XVIII acumulada entre 1900 e 1927 por Ernest Cognacq - fundador das lojas de departamentos *La Samaritaine* - e sua esposa Marie-Louise Jay, e do Museu Victor Hugo situado na Place des Vosges em Paris, onde o escritor viveu e escreveu grande parte de sua obra, uma casa museu que contém decoração de interiores, mobiliário e objetos pessoais.

- 2 Publicado em português: BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente**. São Paulo Cosac & Naify, 2010.
- 3 École de Chartes, fundada em 1821, forma conservadores especializados no patrimônio escrito, gráfico e monumental.
- 4 Nesse ínterim serviu como oficial de infantaria até ser transferido para a equipe francesa do Estado-Maior. Por seus serviços à França, foi condecorado com a Cruz de Guerra e com a Legião de Honra (LAVIER, 1967, p.4).

SUMÁRIO

Em 1948, Boucher fundou junto com representantes da alta-costura e das indústrias têxtil-vestuário a *Union Française des Arts du Costume* (U.F.A.C.), com o objetivo de identificar, conservar, estudar e enriquecer coleções de indumentária francesa, reunindo uma coleção de trajés e acessórios datados a partir do século XVIII e um centro de documentação, que daria origem às principais coleções que existem atualmente na França. O acervo, reunido inicialmente por iniciativa de Boucher e mais tarde por Yvonne Deslandres⁵, foi incorporado a partir de 1986 ao Museu de Artes da Moda instalado no Louvre, um dos departamentos do Museu de Artes Decorativas de Paris (POIX, 1989, p. 22-23). As atividades da U.F.A.C. resultaram da concepção que François Boucher tinha sobre como a indumentária deveria ser conservada e estudada, pautando-se sobre o estudo do objeto, da iconografia e da documentação escrita, antes mesmo de Roland Barthes postular sobre os três tipos de vestuários em seu *Système de la Mode* (1981[1967], p. 15-17)⁶.

Sua experiência com esses diferentes acervos e seu interesse em história da indumentária levaram-no a organizar o I Congresso Internacional de História da Indumentária (*Ier Congrès International d'Histoire du Costume*) em 1952, que foi presidido pelo historiador inglês James Laver (1899 - 1975). Realizado no *Centro Internazionale delle Arte e del Costume* no Palazzo Grassi em Veneza, o encontro contou com a participação dos principais estudiosos dedicados ao tema, dentre conservadores, historiadores da arte e etnólogos, de quatorze países europeus interessados em compartilhar suas pesquisas de ponta sobre o vestuário europeu dos séculos XIII ao XVIII (Actes...1952, p. 5-24). Na comunicação apresentada na ocasião, Boucher destacava a importância de parâmetros técnico-científicos aplicados às coleções museológicas, tendo se dedicado durante sua carreira no Carnavalet, entre outros temas, à elaboração de um sistema de indexação para tecidos e trajés (LAVÉ, 1967, p. 4).

- 5 Yvonne Deslandres (Paris, 08/02/1923-14/12/1986) foi uma museóloga francesa formada pela École de Chartes e pela École du Louvre, conferencista dos Museus Nacionais (a partir de 1951), assistente de François Boucher, bibliotecária e a partir de 1967, diretora executiva da U.F.A.C. Em 1983 foi nomeada conservadora do Museu de Artes da Moda no Pavilhão Marsan. Publicou *Le Costume, image de l'homme* (1976), *Histoire du costume* (1984) e *Histoire de la mode au XXe siècle* (1986), dentre outros (GARNIER, 1988, p. 459).
- 6 Publicado em português: BARTHES, Roland. **O Sistema da Moda**. Lisboa: Ed. 70, 1981.

SUMÁRIO

Portanto, a experiência profissional de François Boucher, seu interesse na valorização da indumentária como patrimônio, sua crença na importância da preservação dessas coleções, levou-o a refletir sobre a conservação, guarda, estudo e exibição de coleções de indumentária e moda.

HISTÓRIA DA TERMINOLOGIA DO VESTUÁRIO

A proposta da elaboração de um vocabulário básico que uniformizasse os termos empregados na classificação e indexação das peças de coleções de indumentária em museus e atendesse a necessidade de recuperação de suas informações, surgiu de uma necessidade essencial identificada pelos conservadores e curadores de museus membros do COSTUME no encontro ocorrido em setembro de 1965 em Nova York durante a 7ª Conferência Geral do ICOM. A partir de questões trazidas pelos membros titulares na reunião presidida por François Boucher, reeleito presidente do COSTUME, três ações foram propostas: identificar os museus e coleções de indumentária e seus acervos no mundo, investir na especialização em história da indumentária de profissionais para atuar junto às coleções museológicas e elaborar um vocabulário unificado a ser utilizado na classificação das peças de vestuário e acessórios em acervos que facilitasse a recuperação de informações (BOUCHER, Compte-rendu, 1965).

A pesquisa junto aos museus e coleções de indumentária não se limitavam ao que Boucher entendia como traje nacional (sic), ou seja, coleções de indumentária histórica europeia que geralmente faziam parte de museus de arte (BOUCHER, Comité..., 1965, p. 1-2). Foram feitos esforços no sentido de estabelecer ligações com outros comitês que possuíam coleções de vestuário e acessórios como o de Etnografia (ICME), de Arqueologia e História (ICMAH), de Artes Aplicadas (ICDAD), Regionais (ICR) e de Armas e História Militar (ICOMAM).

A iniciativa pessoal de Boucher de levantar dados junto a museus e coleções por meio de um questionário, antecedeu as atividades do COSTUME. Em uma carta enviada em fevereiro de 1961, à colecionadora brasileira Sophia Jobim Magno de Carvalho,⁷ que lecionou indumentária histórica na Escola Nacional de Belas Artes da UFRJ entre 1949 e 1968 e fundou em 1960 o Museu de Indumentária Histórica e Antiguidades em sua casa no Rio de Janeiro, o historiador francês pedia notícias das iniciativas da professora e auxílio em seu levantamento dos acervos de indumentária na América do Sul.

Numa época em que os profissionais responsáveis por acervos de indumentária eram autodidatas, foram propostas ações que contribuíssem para a especialização de conservadores e historiadores, inspiradas nas iniciativas da U.F.A.C. que oferecia anualmente cursos de história da indumentária. Os trabalhos para o desenvolvimento do projeto de standardização do vocabulário de indumentária no âmbito do COSTUME se desenvolveram, então, entre os anos 1970 e 1980, durante a presidência da historiadora inglesa Anne Buck (1968-1974) e da museóloga suíça Jenny Schneider (1974-1980).

Em 1971, Anne Buck⁸, que sucederia Boucher na presidência do COSTUME, instituiu o Grupo de Trabalho Catalogando Indumentária, durante o encontro anual do Comitê realizado em Paris. Com a introdução de bases de dados digitais para indexar as coleções e recuperar informações, a elaboração de um vocabulário básico se tornou fundamental para garantir um registro claro e unificado. Entre 1971-1974 o grupo de trabalho inicial tratou da definição e abrangência dos trabalhos, centrados em identificar as peças de indumentária para registro e quais seriam as informações básicas necessárias

7 MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Coleção Sophia Jobim Magno de Carvalho. Acervo Histórico. Doc. SMcr30.

8 Anne Buck, OBE (14/05/1910 – 12/05/2005) foi uma historiadora inglesa que começou sua carreira no Museu Luton, no Reino Unido em 1938, substituindo o curador durante a guerra. Em 1947 a cidade de Manchester adquiriu a coleção reunida por Willett e Phillis Cunnington, com mais de 3.500 itens de indumentária e criou a *Gallery of English Costume* em Platt Hall, Manchester, o primeiro museu dedicado à indumentária, nomeando Anne Buck diretora. (LEVITT, et. al, 2006).

para isso. A abordagem proposta foi estabelecer qual seria a informação a ser disponibilizada como classificação primária. Os principais problemas identificados nessa fase foram: o uso de termos do vocabulário de moda, cujo sentido era variável, o uso inexato desses termos, as variantes linguísticas tanto na linguagem comum quanto em variantes da língua (ex.: inglês britânico/inglês americano).

A partir da presidência de Jenny Schneider,⁹ o COSTUME passou a se reunir anualmente e, em 1975 o grupo de trabalho coordenado pela conservadora holandesa Mary de Jong¹⁰ começou a preparar listas com termos básicos para usar como nomes padrão na catalogação de indumentária em museus. No encontro anual em Lisboa em 1978, o grupo liderado pela antropóloga israelense Aviva Lance-t-Muller¹¹ trabalhou inicialmente nos termos de indexação do vestuário feminino incluindo desenhos esquemáticos associados a eles de modo a facilitar a identificação do objeto. Essa etapa contou com a participação de especialistas em indumentária¹² e com a colaboração

SUMÁRIO

- 9 Dr. Jenny Schneider (Basiléia, 07/12/1924 – 22/07/2004), foi uma historiadora da arte especializada em pintura em vidro, têxteis e trajes regionais. Foi diretora do Museu Nacional da Suíça (1982-86), em Zurique (LANZ, 2011).
- 10 Conservadora e pesquisadora holandesa do Nederlands Kostuummuseum Lange Vyeveerberg em Haia, que existiu entre 1951 e 1985, mais tarde incorporado ao Haags Gemeentemuseum da mesma cidade.
- 11 Conservadora das coleções etnográficas do Museu Etnográfico de Israel em Jerusalém, durante várias décadas (GUTWIRTH, 2010, p. 152-174).
- 12 Apresentaram sugestões e alterações a esta versão: Anne Buck, presidente do COSTUME de 1968 a 1974; June Marion Swann, MBE (1929-) curadora do Departamento de Botas e Calçados do Museu e Galeria de Arte de Northampton; Janet Arnold (1932-1998), pesquisadora e professora do Departamento de Teoria e Estudos Teatrais da Royal Holloway da Universidade de Londres; Ken Teague (1936-), antropólogo, vice curador de Antropologia asiática do Museu Horniman, Londres; Pauline Johnstone (1919-2007) curadora do Departamento de Têxteis e Trajes do Victória & Albert Museum, Londres; Jennifer M. Scarce, curadora assistente encarregada das coleções orientais, Royal Scottish Museum, Edimburgo (Reino Unido); Rita Bolland (1919-2006) curadora do Departamento de Têxteis do Tropenmuseum, Amsterdam; Mary de Jong, curadora do Nederlands Kostuummuseum, Haia (Holanda); Ruth Eis (?-2012) curadora do Judah L. Magnes Museum desde 1962, e mais tarde incorporado à Universidade da Califórnia em Berkeley; William C. Sturtevant (1926-2007) membro do Departamento de Antropologia do Museu Nacional de História Natural do Smithsonian Institution; Ruth Hawthorne, de Bloomington (EUA); Dr. Agnes Geijer (1898 -1989) arqueóloga e restauradora têxtil, chefe do departamento de têxteis do Conselho do Patrimônio Nacional Sueco, Estocolmo (Suécia); Veronika Gervers (1940-1979) curadora do Departamento de Têxteis do Museu Real de Ontário, Toronto (Canadá); e Jenny Schneider, na época, vice-diretora do Museu Nacional, Zurich (Suíça) e presidente do COSTUME de 1974 a 1980.

SUMÁRIO

de profissionais não vinculados ao COSTUME, como a historiadora canadense, Prof. Barbara Kirshenblatt-Gimblett, da Universidade de Nova York, e da etnóloga francesa, Dra. Hélène Balfet (1922-2001), pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), responsável pelo departamento de tecnologia comparada do Museu do Homem em Paris, com experiência na elaboração de um sistema descritivo para cerâmicas.

A lista de vestuário masculino foi elaborada em 1980 e a série completa do vestuário infantil em 1981 (BUCK, [relatório], 1981, p. 2). Os parâmetros empregados na elaboração da lista de termos resultaram de estudos para a criação de um sistema descritivo aplicado à indumentária (LANCET-MULLER, 1981; BALFET, 1984, p. 363-373; DU-FLOS-PRIOU, 1988). Durante a reunião anual do COSTUME realizada em 1981 em Nafplion na Grécia, foram discutidas duas propostas: a *Taxonomy of Ethnographic Costume* apresentada por Aviva Lancet-Muller (LANCET-MULLHER, 1981), membro do COSTUME, e o *Système descriptif du Vêtement*, apresentado pela etnóloga francesa Monique de Fontanès do Laboratório de Etnologia do Museu do Homem em Paris (BALFET, et. All., 1984, p. 363-373). Essa última proposta foi desenvolvida sob a liderança de Hélène Balfet e aperfeiçoada nos anos seguintes por um grupo de trabalho sobre o vestuário vinculado ao museu parisiense¹³ (BALFET, et. All., 1984, p. 363-373).

Os estudos elaborados por Lancet-Muller e Balfet no contexto da etnografia estruturalista foram influenciados pela obra de Leroi-Gouhan (1984, p. 155-184), e visavam propor termos claramente definidos

13 Yvonne Elisabeth Broutin (pesquisadora do CNRS e do Museu do Homem, especialista em sociolinguística), Françoise Cousin (etnóloga e conservadora das coleções têxteis do Museu do Quai Branly), Monique de Fontanès, Yves Delaporte (1944-) (etnólogo, pesquisador honorário do CNRS), Marika Diener-Kovacs (1932-2016) (etnóloga de origem húngara, curadora de coleções no departamento europeu do Museu do Homem (até 1997), especialista em povos fino-úgricos), Monique Drosson (-2018) (conservadora adjunta do Museu de Tecidos Impressos de Mulhouse (até 1993), Marie-Thérèse Duflos-Priou (socióloga e pesquisadora do Centro de Etnologia Francesa do CNRS) e Marion Rembur (etnóloga, especialistas em têxteis sul-americanos do departamento da América no Museu do Homem (até 1984).

para nomear e descrever toda peça de vestuário independente de sua origem (BALFET, 1984, p. 363). A metodologia empregada fundamentava-se: a) na definição dos principais critérios de classificação das peças; b) no uso da arborescência como critério de classificação, e c) no emprego de uma terminologia da língua corrente (francês/inglês). Os critérios utilizados para classificação eram: os pontos de apoio no corpo humano - zonas onde é possível assentar ou prender peças de vestuário: cabeça, pescoço, peito, ombros, cintura, cotovelos, joelhos, mãos e pés; o comprimento ou a superfície coberta; a separação dos membros; o fechamento; a proximidade do corpo; a estrutura (modo de fabricação); o modo de vestir (apoiado/enrolado/enfiado); a fixação.

A regra geral seguida na indexação da peça era usar um termo básico e genérico para cada traje ou acessório; o segundo termo identificava o tipo de objeto de forma mais precisa e se necessário e conhecido; um terceiro termo identificaria a variante do segundo termo. A partir do segundo termo em diante, se fosse necessário, poderiam ser inseridos termos regionais, contemporâneos ou históricos¹⁴, destacados entre colchetes. A opção por um termo mais genérico e abrangente foi considerada preferível a um termo específico que demandasse conhecimento especializado e poderia confundir o trabalho de quem faz o registro da peça, contribuindo também para a recuperação dos dados por estudantes (BUCK, 1981). Os termos básicos do vestuário feminino, masculino e infantil, foram agrupados por critérios relacionados às camadas das peças usadas sobre o corpo: vestuário principal, agasalhos, roupas de proteção, roupas íntimas, estruturas de suporte, roupas de dormir. Os acessórios foram agrupados como acessórios usados, acessórios usados à mão, acessórios apostos ao corpo ou usados como enfeite, acessórios utilizados no cuidado da pessoa, acessórios usados no cuidado das roupas e acessórios usados na confecção e no ajuste das roupas, perfazendo um total de doze categorias para o vestuário feminino, masculino e infantil (ver Anexo B).

14 Peças de vestuário histórico que não são mais usadas podem ter nomes que não fazem mais parte do registro contemporâneo.

A tipologia dos sete primeiros grupos de peças varia de acordo com o gênero e classe de idade, mas a partir do item 8, a mesma nomenclatura é empregada para os três VTBs.

Como afirmou Anne Buck em seu relatório, as versões em diferentes línguas não são traduções, mas o resultado de um trabalho de identificação dos diferentes tipos de vestuário e dos termos adequados para nomeá-los em cada língua (BUCK, 1981). Esse glossário está disponível atualmente, de forma gratuita, em quatro línguas (inglês, alemão, francês e espanhol) no site do ICOM (<http://terminology.collectionstrust.org.uk/ICOM-costume/vbt00e.htm>).

Os diversos agentes envolvidos na elaboração do vocabulário foram pioneiros nos estudos da indumentária com o emprego da cultura material. Muitos deles vinham trabalhando na catalogação de peças de vestuário e acessórios em seus países de origem. Embora tenham participado especialistas em trajes/têxteis orientais ou em trajes e têxteis sul-americanos, a composição do COSTUME era predominantemente de especialistas europeus e da América do Norte. Do mesmo modo, os repertórios que serviram de base para esse vocabulário foram coleções de indumentária europeia (trajes de corte ou trajes regionais) ou coleções etnográficas que faziam parte de museus europeus ou norte-americanos e canadenses.

O número de termos nessas diferentes versões do VTB é variável, uma vez que os termos empregados para nomear diferentes tipos de vestuário não têm a mesma equivalência em inglês, francês, alemão e espanhol. Além disso, foram incluídas também as variantes regionais como o espanhol europeu/latino-americano. A versão em português é provisória pois inclui apenas a versão em português do Brasil faltando os termos em português europeu. O VTB em português do Brasil tem um total de 384 termos, sendo 203 termos para trajes femininos, 113 termos para trajes masculino e 70 termos para trajes infantis.

SUMÁRIO

TERMINOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR

De acordo com a ISO (*International Standards Organization*), a Terminologia é uma disciplina teórica e aplicada que se serve da Linguística, das Ciências da Comunicação, das Ciências Cognitivas, da Ciência da Informação e das especialidades particulares. É um campo inter e transdisciplinar voltado para o estudo dos conceitos e dos termos que designam esses conceitos (ISO 704, 2000). Como disciplina acadêmica, a Terminologia surgiu após a Segunda Guerra Mundial com o desenvolvimento científico-tecnológico que caracterizou essa época. As comunidades científicas ganhavam, então, um grande impulso de crescimento e, por isso, necessitaram padronizar seus termos para facilitar a comunicação entre especialistas e consolidar suas áreas de especialidade.

Nas décadas de 1960 e 1970, Eugen Wüster, um engenheiro austríaco preocupado em discutir a natureza dos conceitos, a fim de delimitar normas e padrões de usos internacionais, desenvolveu a Terminologia como um campo disciplinar cujo principal objetivo era a caracterização dos sistemas conceituais das áreas técnico-científicas. Alguns dos princípios defendidos por Wüster (1998) na sua Teoria Geral da Terminologia (TGT) foram: a primazia do conceito; a precisão dos conceitos (monossemia); a univocidade dos termos (ausência de sinonímia); a concepção semiótica das designações; a abordagem sincrônica; a evolução controlada dos termos (normalização); a priorização de designações aceitas internacionalmente; e a abordagem onomasiológica.

Como explica Krieger (2011, p. 446), “a TGT caracteriza-se por ser vocacionada para a problemática de padronização internacional dos termos técnico-científicos, privilegiando assim a missão de controlar os usos terminológicos no plano mundial.” Os objetivos desta abordagem prescritiva eram eliminar a ambiguidade da linguagem técnica por meio da normalização da terminologia para que os especialistas comunicassem seus conhecimentos de forma eficaz.

SUMÁRIO

Para isso, Wüster desenvolveu princípios de normalização da terminologia, que se encontram ainda hoje nas normas ISO.

Apesar da inegável contribuição de Wüster para a área da Terminologia, as pesquisas nesta área evoluíram nas últimas décadas trazendo propostas teóricas e metodológicas mais descritivas e menos normativas. Uma das principais inovações teórico-metodológicas consistiu na utilização de corpora eletrônicos e de ferramentas informáticas para a compilação de terminologias. Um corpus eletrônico é um conjunto de textos selecionados criteriosamente em função de um objetivo de pesquisa específico, e esses textos devem estar em formato eletrônico para que sejam analisáveis por meio do computador. O uso de corpora eletrônicos não são exclusividade dos terminólogos, mas diversas outras áreas, tais como a Lexicografia, o Ensino de Línguas, a Análise do Discurso, os Estudos de Tradução, têm usado corpora eletrônicos com objetivos e metodologias diferentes.

Tal virada epistemológica da Terminologia, por conta da utilização de corpora e de outras abordagens, trouxe também várias críticas aos princípios teóricos tradicionais da Terminologia, como aqueles seguidos por Wüster. Uma dessas críticas é a de que as inferências teóricas de Wüster se baseavam apenas na observação de um número reduzido de linguagens técnicas com termos padronizados designando um só conceito de forma consensual entre especialistas (CABRÉ, 2003, p. 167, nossa tradução). De uma maneira geral, nas teorias contemporâneas da Terminologia o termo deixou de ser compreendido apenas como representação ontológica de uma área de conhecimento e passou a ser concebido como um item lexical que, para além de uma dimensão cognitiva, compreende uma faceta linguística. Com isso, não se recusa mais, por exemplo, a existência de variação e de sinonímia dos termos técnicos, aspectos não reconhecidos pela TGT. Deste modo, o trabalho terminológico pode partir da, e se basear na, seleção e análise de uma documentação especializada, ou seja de um corpus textual especializado.

SUMÁRIO

Outro ponto relevante de crítica à TGT se relaciona com o estabelecimento de equivalências entre termos. Como mencionado anteriormente, o VTB é um recurso multilíngue (inglês, alemão, francês e espanhol) com a terminologia do vestuário usada por museus em todo o mundo para catalogar as peças de coleções. Por não estar disponível em português, um dos objetivos do nosso projeto consistiu em estabelecer as equivalências terminológicas entre termos da área do vestuário para atender as demandas dos especialistas do vestuário e museólogos. Ao contrário do que os trabalhos de Wüster evidenciavam, pesquisas atuais na área da terminologia têm mostrado que a equivalência terminológica se estabelece não só num plano sistêmico, mas também num plano textual porque o comportamento sintagmático dos termos desempenha um papel importante na escolha do equivalente terminológico correto (ROGERS, 2008; PIMENTEL, 2012, 2013).

A elaboração de um vocabulário de termos, um dos principais objetivos deste projeto, deve ser considerada não apenas como um produto funcional, mas também como um artefato humano derivado de um processo de reflexão e da aplicação de uma metodologia. A metodologia que elaboramos apoia-se não só na TGT e nas ideias de Wüster, mas também na abordagem textual mencionada anteriormente.

Cada área de especialidade levanta desafios específicos que, ao serem ultrapassados, trazem contribuições teóricas e metodológicas para a Terminologia. Assim, foi nossa pretensão, além de criar a versão brasileira do VTB (o produto), contribuir para a área da terminologia do vestuário especificamente. O projeto resultou de uma parceria entre a Faculdade de Letras e a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Histórico Nacional. A equipe de execução do projeto reuniu docentes, discentes e especialistas dessas instituições durante cerca de três anos (cf. Anexo A). A seguir apresentamos a metodologia que foi usada para atingir esses objetivos e discutimos os principais desafios que encontramos, como por exemplo a dificuldade em validar alguns termos.

SUMÁRIO

METODOLOGIA

O processamento de terminologias recebeu grande impulso em razão das ferramentas informatizadas que agilizam esse trabalho, mas, apesar disso, a identificação de termos é sempre uma tarefa complexa. Um dos motivos é que os termos costumam ser compostos por mais do que um item lexical, ou apresentam graus de lexicalização distintos para alcançar sua realização sintagmática. Essa ordem de problemas ainda não é equacionada satisfatoriamente pela máquina, que se limita a oferecer candidatos a termo. Cabe então ao especialista da área ou ao terminólogo a determinação final do estatuto terminológico de um item lexical.

A metodologia para compilar o VTB foi desenhada para uma equipe com as características da nossa, ou seja, uma equipe constituída essencialmente por especialistas da área e apenas por um terminólogo. Uma parte importante da metodologia consistiu na criação de três corpora (eletrônico, digital e impresso) que foram usados, fundamentalmente, para validar as equivalências estabelecidas pelos especialistas a partir das outras línguas descritas já no VBT. Ainda que por vezes se entrecruzem, as etapas da metodologia proposta foram as seguintes:

1. compilação dos corpora;
2. estabelecimento das equivalências;
3. validação das equivalências;
4. revisão e síntese dos dados;
5. codificação dos dados.

Na prática, os especialistas reuniram-se regularmente para identificar e discutir os equivalentes brasileiros dos termos da versão em

língua inglesa do VBT, e depois essas equivalências sugeridas foram validadas nos três corpora (eletrônico, digital e impresso). O processo de estabelecimento das equivalências (etapa 2) ocorreu de forma concomitante à compilação dos corpora (etapa 1), enquanto a validação das equivalências (etapa 3) só foi possível depois de os corpora estarem prontos. O projeto terminou com a revisão dos termos em português que compõem então o VTB (etapa 4), e a última etapa – codificação dos dados (etapa 5) – está pendente.

COMPILAÇÃO DOS CORPORA

O corpus textual em formato eletrônico incluiu uma seleção de textos pertinentes para a pesquisa recomendados pelos especialistas participantes, e esses textos foram organizados de acordo com o critério de gênero textual (Tabela 1.1). O corpus reúne textos científicos sobre indumentária e moda no Brasil, incluindo dissertações e teses extraídas do banco de teses da CAPES, artigos científicos, capítulos de livros e livros publicados por pesquisadores brasileiros no campo da história e da sociologia do vestuário. Também foram aproveitados textos literários de domínio público, em especial a literatura oitocentista e do início do século XX, que utiliza a descrição dos trajes como recurso para a caracterização das personagens. Por fim, incluímos manuais de corte e costura e colunas de moda publicadas em periódicos nacionais.

O conjunto de textos, que formam o corpus eletrônico compilado para esta pesquisa, encontrava-se em formatos variados e distintos e, por isso, foi necessário fazer uma conversão para o formato eletrônico txt. De forma a garantir a validade e a confiabilidade do corpus que serviu à pesquisa em foco, foram seguidos os seguintes requisitos: autenticidade, amostragem, diversidade e tamanho (KENNEDY, 1998; BIBER ET AL., 1998). O corpus eletrônico contém 77 textos sendo 03 colunas de moda, 05 manuais de corte e costura, 50 textos científicos

e 19 textos literários (Tabela 1.1). Os textos literários datam dos séculos XIX e XX e estão listados no Apêndice A. No total, o corpus eletrônico contém 3.432.445 palavras.

Tabela 1.1 - Corpus eletrônico - Tipologia/quantidade/número de palavras

Tipo de texto	Quantidade	Quantidade de palavras
Colunas de moda	3	7.476
Manuais de corte e costura	5	41.240
Textos científicos	50	2.301.851
Textos literários	19	1.081.878
TOTAL	77	3.432.445

Fonte: os autores.

No decorrer dos trabalhos, nem todos os termos puderam ser validados por esse corpus e, por isso, foi necessário ampliar nossa tipologia de corpus de forma a incluir bases on-line de periódicos digitalizados¹⁵ e catálogos de lojas virtuais online. Este corpus tem cerca de 74 textos diferentes, que somente poderiam ser acessados de forma online. A este corpus demos o nome de “corpus digital”. Além disso, também selecionamos um conjunto de 09 textos impressos, que não puderam ser vertidos para txt. devido a existência de imagens junto do texto, como alguns manuais de corte e costura, normas técnicas para confecção de vestuário e catálogos de lojas de departamento. Por uma questão de praticidade, nos referimos a estes dois corpora como “corpus digital e impresso” (Tabela 1.2).

SUMÁRIO

15 Fontes: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> e sítio da Revista Veja, disponível em <https://veja.abril.com.br/>.

Tabela 1.2 - Corpus digital e impresso - Tipologia/quantidade

Tipo de texto digital	Quantidade	
	impresso	
Catálogos de lojas virtuais	33	-
Periódicos	41	-
Catálogos de lojas de departamento	-	2
Manuais de corte e costura e normas técnicas	-	7
Total parcial	74	9
TOTAL	82	

Fonte: os autores.

A composição do corpus digital é formada por catálogos de lojas online, por periódicos digitalizados e disponíveis na hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, tendo sido utilizados 33 catálogos e 41 periódicos, num total de 74 obras digitais. Já o corpus impresso consta de dois catálogos históricos de lojas de departamento do Rio de Janeiro e de São Paulo, de manuais de corte e costura e livros com normas técnicas para confecção de trajes (ver Apêndice A), num total de 09 obras impressas.

ESTABELECIMENTO DAS EQUIVALÊNCIAS

O VTB em inglês tem cerca de 400 termos e está dividido em três seções: traje feminino, traje masculino e traje infantil. Foi pedido aos especialistas da área da indumentária participantes desta etapa do projeto que pensassem em termos do português brasileiro que designam os conceitos associados aos itens listados na versão inglesa do VBT disponível online. Tendo em vista que os termos estão agrupados segundo a tipologia de uso e de apoio no corpo, começamos por encontrar as equivalências em português do Brasil para as palavras

usadas para classificar e descrever os termos.¹⁶ Alguns especialistas ficaram responsáveis por estabelecer as equivalências dos termos do vestuário feminino, outros ficaram responsáveis por estabelecer as equivalências dos termos do vestuário masculino, e outros ficaram responsáveis pelo repertório infantil.

Uma vez concluída essa fase, o grupo se reuniu para discutir se as equivalências encontradas nos corpora seriam as melhores palavras para designar os objetos, tendo em vista a comparação do significado do termo em inglês e a imagem associada a esse. Quando o termo em inglês deixava dúvidas quanto a qual objeto se referia, eram consultadas as versões em francês e espanhol.

Durante esta etapa de estabelecimento de equivalências, os especialistas eram livres para consultarem as fontes de documentação que desejassem para encontrar os candidatos a termos. Muitas vezes partiam de suas intuições e consultavam, então, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras¹⁷ e/ou dicionários da língua portuguesa publicados no Brasil para verificar se suas intuições eram possíveis. A consulta dessas fontes de documentação não visava a validação final desses candidatos a termos, mas somente a confirmação da existência dessas formas linguísticas em língua portuguesa.

SUMÁRIO

16 1. Vestuário principal; 2. Agasalhos; 3. Roupa de proteção contra sujeira ou perigo, não contra o tempo; 4. Roupa de baixo; 5. Peças para sustentar ou modelar; 6. Roupa de dormir; 7. Acessórios usados [na cabeça, no cabelo, como revestimentos de rosto e adições, acima da cintura, na cintura e abaixo, nos braços e nas mãos, nas pernas e nos pés]; 8. Acessórios usados à mão; 9. Acessórios apostos ao corpo ou usados como enfeite; 10. Acessórios utilizados no cuidado da pessoa; 11. Acessórios utilizados no cuidado de roupas e 12. Acessórios usados na confecção e no ajuste de roupas.

17 Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 18 de julho de 2018 e 20 de outubro de 2019

VALIDAÇÃO DAS EQUIVALÊNCIAS

O processo de validação se deu de acordo com as seguintes fases: a) na primeira fase, o programa “AntConc” foi aplicado ao corpus eletrônico; b) na segunda fase, os termos não validados foram submetidos à validação no corpus digital (periódicos digitalizados¹⁸ e lojas virtuais); c) na terceira fase, os termos não validados foram submetidos à validação no corpus impresso (catálogos de lojas de departamento antigas – séculos XIX e XX, manuais de corte e costura, normas técnicas); d) na quarta fase, os termos que restaram sem validação foram submetidos à consulta a especialistas da área dos estudos da indumentária e da moda de todo o Brasil.

Os termos que não constavam do corpus eletrônico (primeira fase) mas que ocorriam pelo menos duas vezes em duas fontes diferentes foram validados na segunda e na terceira fase. Por vezes, os corpora apresentavam formas ortográficas arcaicas dos termos (ex. cardigan/cardigã; collete/colete; mitaine/mitene), mas a equipe tomou a decisão de usar a grafia dos termos em português como é usada contemporaneamente para criar uma lista provisória de candidatos a termos que seriam validados nos corpora eletrônico, digital e impresso em seguida.

Para a validação considerou-se o contexto em que o termo aparecia no texto, como vemos aqui no exemplo de validação do termo ‘caixa de chapéu’:

Cada um escovou sua sobrecasaca, pôz camphora na **caixa de chapéu**, esfregou cêbo de carneiro nas botinas de cordovão, e ficou em casa a espera dos acontecimentos. (Diário Carioca, Anno V, N. 1118, 16/02/1932, p. 1.)

18 Com exceção da Revista Isto É, disponível em <https://istoe.com.br/>, e o blog Villa Mulher, disponível em <https://vilamulher.com.br/>. os demais periódicos foram consultados na Biblioteca Nacional - Hemeroteca Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 18 de julho de 2018 e 20 de outubro de 2019.

e

Ainda assim madame, com outra parte da bagagem que trouxe consigo, duas valises, uma **caixa de chapéu** e um envolturo, dirigiu-se à pensão Avenida, na avenida Mem de Sá, e lá tomou hospedagem deixando no livro de registro um nome, Marie Idrae. (A Noite, Anno XIII, N. 4189, 28/07/1923, p. 3.)

Do total dos 349 termos sugeridos pelos especialistas para a versão do VTB em língua portuguesa, 163 foram validados exclusivamente no corpus eletrônico, 115 no corpus digital e 02 no corpus impresso; 34 termos foram validados em mais de um corpus (30 termos nos corpora eletrônico/digital e 4 nos digital/impresso). Após esta fase, ainda restaram 35 termos não validados (sendo 07 validados apenas uma vez e 29 termos não validados), os quais foram submetidos a consulta a especialistas. A validação pelos especialistas recebeu peso equivalente às outras validações.

A equipe elaborou uma lista com 57 especialistas, aos quais foi encaminhado um questionário por meio do aplicativo do Google formulário, com as seguintes perguntas:

- [ao lado da imagem representando o objeto nomeado] você reconhece este objeto?
- [ao lado da sugestão do termo dado] esse é o termo mais adequado?
- Há algum outro termo que melhor descreva o objeto?
- Qual seria o termo mais utilizado?
- Poderia indicar alguma referência bibliográfica na qual o termo que você sugeriu apareça?

Dos especialistas consultados, 24 responderam às perguntas.¹⁹ Foram incluídos no formulário, além dos desenhos dos objetos, os termos em inglês e francês. A metodologia empregada tomou como válido o termo que pelo menos dois especialistas considerassem válidos. Dado que algumas respostas eram muito heterogêneas, uma parte da equipe do projeto se reuniu novamente para analisar o resultado da consulta aos especialistas e deliberar sobre a melhor resposta, validando 4 termos para os quais as respostas colhidas pelo questionário não apresentavam convergência.

Finalmente, foram feitas 18 validações, restando um total de 10 termos não validados mesmo após todas as etapas anteriores.

REVISÃO E SÍNTESE DOS DADOS

Analisando os 349 termos equivalidos, a fonte mais utilizada foi o corpus eletrônico, com um percentual de 46,70%, em seguida, o corpus digital com 33,24%, e apenas 0,57% dos termos foram validados no corpus impresso. Os especialistas consultados durante a quarta fase da etapa de validação das equivalências validaram 5,16% dos termos, incluindo aqueles validados apenas 1 vez, restando apenas 2,87% não validados mesmo após todas as etapas do trabalho.²⁰

19 Foram eles: Adilson José de Almeida (USP), Camila Borges da Silva (UERJ), Caroline Müller, Elizabeth Murilho (UFJF), Fausto Viana (USP), Fernando Hage Soares (UNAMA/PR), Flávio Bragança, Guilherme Gonsales, Irina Aragão (PUC-Rio), João Dalla Rosa Junior (SENAI-Cetiqt), Laura Ferrazza de Lima, Mara Rúbia Sant'Anna (UDESC), Maria Claudia Bonadio (UFJF), Maria de Jesus F. Medeiros (UFPI), Maristela Novaes (UFG), Priscila Andrade (PUC-Rio), Priscila Nina Fernandes (USP), Renata Cardoso (UFBA), Renata Fratton Noronha, Rita Andrade (UFG), Rosane Feijão, Samuel Abrantes (UFRJ), Teresa Cristina Toledo de Paula (USP), Tula Fiskatoris.

20 As tabelas de validação foram revisadas pelas coordenadoras de modo a ajustar discrepâncias na validação e na digitação dos dados.

Tabela 1.3 - Quantidade de termos validados por corpora

TIPO DE CORPUS	VESTUÁRIO FEMININO	VESTUÁRIO MASCULINO	VESTUÁRIO INFANTIL	TOTAL	%
Eletrônico	109	54	0	163	46,70%
Digital	35	35	46	115	33,24%
Impresso	0	0	2	2	0,57%
Eletrônico/Digital	25	4	1	30	8,60%
Digital /Impresso	0	0	6	4	1,72%
Digital - validado 1 vez	1	1	1	3	0,86%
Impresso – validado 1 vez	1	0	0	1	0,29%
Especialistas	8	7	3	18	5,16%
Não validados	6	4	0	10	2,87%
TOTAL	185	105	59	349	100,00%

Fonte: os autores.

Embora o corpus eletrônico (44,70 %) e o digital (33, 24%) tenham sido mais eficazes no cômputo geral, se observarmos separadamente o vocabulário básico para peças do vestuário feminino, masculino e infantil teremos resultados diferentes.

Tabela 1.4 - Validação dos itens do vestuário feminino - porcentagem

TIPO DE CORPUS	VESTUÁRIO FEMININO	%
Eletrônico	109	58,92%
Digital	35	18,92%
Eletrônico/Digital	25	13,51%
Digital - validado 1 vez	1	0,54%
Impresso – validado 1 vez	1	0,54%
Validado pelos especialistas	8	4,32%
Não validados	6	3,24%
TOTAL	185	100,00%

Fonte: os autores.

Considerando o total de termos do vestuário feminino (185 itens), foi possível validar 58,92% no corpus eletrônico, 18,92% no corpus digital, 13,51% em mais de um corpus, 5,40% pelos especialistas (incluindo os termos validados apenas uma vez) e nenhum item no impresso, restando 3,24% não validados.

Tabela 1.5 - Validação dos itens do vestuário masculino - porcentagem

TIPO DE CORPUS	VESTUÁRIO MASCULINO	%
Eletrônico	54	51,43%
Digital	35	33,33%
Eletrônico/Digital	4	3,81%
Digital - validado 1 vez	1	0,95%
Validado pelos especialistas	7	6,67%
Não validados	4	3,81%
TOTAL	105	100,00%

Fonte: os autores.

Considerando o total de termos do vestuário masculino (105 itens), foi possível validar 51,43% no corpus eletrônico, 33,33% no corpus digital, 3,81% em mais de um corpus, 6,67% pelos especialistas e nenhum item no impresso, restando 3,81% não validados, incluindo um termo que havia sido validado apenas uma vez (colete doublê).

Tabela 1.6 - Validação dos itens do vestuário infantil - porcentagem

TIPO DE CORPUS	VESTUÁRIO INFANTIL	%
Digital	46	77,97%
Impresso	2	3,39%
Eletrônico/Digital	1	1,69%
Digital/Impresso	6	6,78%
Digital - validado 1 vez	2	3,39%
Impresso - validado 1 vez	1	1,69%
Validado pelos especialistas	3	5,08%
TOTAL	59	100,00%

Fonte: os autores.

Considerando o total de termos do vestuário infantil (59 itens), foi possível validar 77,97% no corpus digital, 3,39% no corpus impresso, sendo 6,78 % em mais de um corpus e 5,08% pelos especialistas. Todos os termos do vestuário infantil foram validados, embora o corpus eletrônico não contivesse nenhum termo desse segmento.

Os resultados mostram que o corpus eletrônico (formado por textos científicos e literatura) é muito eficaz na validação do vocabulário feminino (58,92%) e no masculino (51,43%), mas não se aplica aos termos do vestuário infantil. Tal fato aponta para a temática predominante na literatura e nos estudos de indumentária e moda no Brasil centrados na moda feminina e, em menor grau, na masculina. Ficou evidente que o vestuário infantil não aparece nem na literatura nem nos estudos atuais, uma vez que não encontramos nenhum termo no corpus eletrônico e 77,97% dos termos validados foram extraídos do corpus digital formado, em grande parte, por catálogos de lojas online.

Já no que se refere aos termos do vestuário masculino, as bases digitais utilizadas foram em sua maioria os periódicos (33,33%) e este tipo de corpus foi mais produtivo para validar o vocabulário básico masculino do que o vocabulário básico feminino.

Os 18 termos validados pelos especialistas, que representam apenas 5,16% do total, referem-se ao vestuário feminino (8 termos), ao masculino (7 termos) e apenas 1 termo do vestuário infantil. A participação dos especialistas de vestuário foi essencial para que as equivalências pudessem ter maior probabilidade de correspondência com os termos já definidos nas outras línguas (inglês, francês, espanhol e alemão).

Os termos não validados no vestuário feminino (anágua estruturada; forma para luvas; protetor de vestido; suporte de gola; suporte de mangas; suporte de saia), e do vestuário masculino (almofada de panturrilha; arco; casaco de dormir; sobre manga) referem-se a práticas vestimentares históricas anteriores ao século XVIII, ou muito específicas, peças ou acessórios que não fazem parte do repertório de acervos de indumentária e moda no Brasil.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que apresentamos aqui teve como principal objetivo estabelecer a versão brasileira do Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Indumentária (VTB) [do inglês *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume (VBT)*], desenvolvido pelo Conselho Internacional de Museus na década de 1970. O projeto resultou de uma parceria entre a Faculdade de Letras e a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Histórico Nacional, que reuniu docentes, discentes e museólogos.

A criação da versão brasileira do vocabulário consistiu em um trabalho de estabelecimento das equivalências em relação aos termos existentes na versão em língua inglesa, cuja metodologia foi descrita aqui. É importante mencionar que, quando se compila uma terminologia, seja ela um vocabulário, glossário, banco de termos, em uma determinada área de especialidade, há desafios próprios dessa área de especialidade que, ao serem ultrapassados, trazem contribuições teóricas e metodológicas não só para a ciência da Terminologia, mas também para a área de especialidade em questão – no caso, a área da indumentária.

Um dos desafios que enfrentamos, do ponto de vista da Terminologia, foi a dificuldade em compilar um corpus especializado que contivesse todos os termos equivalentes necessários. Uma boa parte da documentação a que os especialistas da área da indumentária recorrem é antiga e, por isso, difícil de ser digitalizada e informatizada. Nessa documentação também encontramos muitas imagens e outros elementos gráficos que não são compatíveis com as ferramentas de análise de corpus, demandando um trabalho de limpeza dos arquivos muito exigente e cansativo, que não se encaixou nas características temporais e financeiras do nosso projeto. Ainda assim, foi possível validar a maioria dos termos do vestuário feminino, masculino e infantil, recorrendo a três tipos de corpora (eletrônico, digital e impresso).

Os resultados de nossa validação revelaram uma dificuldade muito maior correspondência dos termos do vestuário infantil quando comparada com aquela dos termos do vestuário feminino e masculino, pois o corpus eletrônico, cuja consulta seria mais fácil e rápida, não foi útil aqui.

Esperamos que a versão brasileira do VTB, que estará futuramente disponível online, contribua para que os registros de peças de vestuário e acessórios sejam mais facilmente acessados no Brasil, e que esta iniciativa seja apenas o início de pesquisas profícuas sobre a terminologia do vestuário e da indumentária.

REFERÊNCIAS:

Dicionários

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** (VOLP). Rio de Janeiro: ABL, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 14 de setembro de 2018 e 18 de julho de 2019.

PINTO, Luiz Maria da Silva, 1775-1869. **Dicionario da lingua brasileira**. Ouro Preto [MG], Typographia de Silva, 1832. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>. Acesso em 14 de setembro de 2018 e 18 de julho de 2019.

RUBIM, Braz da Costa, 1817-1870. **Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portuguesa**. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de dezembro de Paula Brito Impressor da Casa Imperial, 1853. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3886>. Acesso em 14 de setembro de 2018 e 18 de julho de 2019.

SILVA, Antônio de Moraes, 1755-1824; BLUTEAU, Rafael, 1638-1734 **Dicionario da lingua portugueza** composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 2: L - Z). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>. Acesso em 14 de setembro de 2018 e 18 de julho de 2019.

VALENTE, António Lopes dos Santos (1839-1896); CALDAS AULETE, Francisco Júlio de (1823-1878). **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 14 de setembro de 2018 e 18 de julho de 2019.

Fontes e bibliografia

ALMEIDA, G. M. B. **Teoria comunicativa da terminologia**: uma aplicação. 2000. 2 v. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

ANDRADE, Rita Moraes de. Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções. **Musas**. n. 7, 2019, p. 10-31.

ANTHONY, L. Concordancing with AntConc: An Introduction to Tools and Techniques in Corpus Linguistics. *In*: **Proceedings of the JACET 45th Annual Convention**, pp. 218-219. 2006.

BALFET, Hélène. Constructions de vêtements par fabrication du matériau. *In*: FONTANÈS, M. de; DELAPORTE, Y. **Vêtement et Sociétés/1**. Paris: Laboratoire d'Ethnologie du Muséum National d'Histoire Naturelle/Société des Amis du Musée de l'Homme, 1979, p. 81 -90.

BALFET, Hélène, *et. al.* La constitution d'un protocole d'enquête. **L'Ethnographie**, Tome LXXX, n. 92/93/94, 1984, p. 287-289.

BALFET, Hélène, *et. al.* Un essai de système descriptif du vêtement. **L'Ethnographie**, Tome LXXX, n. 92/93/94, 1984, p. 287-289.

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. Lisboa: Ed. 70, 1981 [1967]

BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus linguistics**: Investigating language structure and use. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BOUCHER, François. **Compte-rendu**. Comité international de l'ICOM pour les musées et collections de costumes. 22, 23, 24 e 28 de Setembro, 1965. (mimeo.)

BOUCHER, François. **Comité international de l'ICOM pour les musées et collections de costumes (16)**; État actuel du Comité. 1965. (mimeo.)

BOUCHER, François. Les centrales de documentation du costume. *In*: **Actes du 1er Congrès International d'histoire du costume**. Venezia: Centro Internazionale Delle Arte e Del Costume, 31 de Agosto a 7 de Setembro, 1952, 1955. P. 197-201.

SUMÁRIO

BROMBERGER, Christian. et al. Hommage à André Leroi-Gourhan. Leçons et images d'un "patron". **Terrain**. Approches des communautés étrangères en France, n.7, Outubro, 1986, p. 61-76. Disponível em <https://doi.org/10.4000/terrain.2913>, acesso em 30 de novembro de 2020.

BUCK, Anne. ICOM 1974. Meetings of the Committee for Museums of Costume and Textiles, held at the National Museum (Department III) Copenhagen 5-7 de Junho. Copenhagen 1974. **Kostümkunde**.

Gesellschaft für Historische Waffen- und Kostümkunde e.V. Bayerisches Nationalmuseum, Munique, T. XVI, 1974, p. 151-152.

BUCK, Anne. Working Group II. ICOM Committee for Museums of Costume. Norwich 1973. **Kostümkunde**. **Gesellschaft für Historische Waffen- und Kostümkunde e.V.** Bayerisches Nationalmuseum, Munique, T. XV, 1973, p. 162-163.

BUCK, Anne. **Working Group on Cataloguing Costume**. [Report]. ICOM-International Committee for the Museums and Collections of Costume, Agosto, 1981. (mimeo.)

CABRÉ, T. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. **Terminology**, v.9, n.2, p.163-200, 2003.

CASSAGNES-BROUQUET, Sophie; DOUSSET-SEIDEN, Christine. Genre, normes et langages du costume. **Clio**. Femmes, Genre, Histoire [En ligne], 36 | 2012, publicado em 07 de março de 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/clio/10714> . Acesso em 10 de dezembro de 2020 ; DOI : <https://doi.org/10.4000/clio.10714>

COUSIN, Françoise. Des coupes et découpes. Étude comparative de quelques patrons. *In*: FONTANÈS, M. de; DELAPORTE, Y. **Vêtement et Sociétés/1**. Paris: Laboratoire d'Ethnologie du Muséum National d'Histoire Naturelle/Société des Amis du Musée de l'Homme, 1979, p. 91 -122.

DELAPORTE, Yves. Introduction: Pour une anthropologie du vêtement. *In*: FONTANÈS, M. de; DELAPORTE, Y. **Vêtement et Sociétés/1**. Paris: Laboratoire d'Ethnologie du Muséum National d'Histoire Naturelle/Société des Amis du Musée de l'Homme, 1979, p. 3-13.

DROUIN, P. Term Extraction Using Non-technical Corpora as a Point of Leverage. **Terminology**, v. 9, n. 1, p. 99-115, 2003.

DUFLOS-PIROT, Marie-Thérèse. **Système descriptif du costume traditionnel français**. Typologies du vêtement et du couvre-chef. Matières, morphologie, décor. Aspects culturels. Paris: Éditions des Réunions des Musées Nationaux, 1988.

SUMÁRIO

FONTANÈS, Monique de. Un élément du costume propre à l'Europe: la chemise. *In*: FONTANÈS, M. de; DELAPORTE, Y. **Vêtement et Sociétés/1**. Paris: Laboratoire d'Ethnologie du Muséum National d'Histoire Naturelle/ Société des Amis du Musée de l'Homme, 1979, p.123-142.

GARNIER, Guillaume. Yvonne Deslandres (1923-1986). *In*: **Bibliothèque de l'école des chartes**. 1988, tome 146, livraison 2. p. 459; Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bec_0373-6237_1988_num_146_2_464436. Acesso em 17 de abril de 2018.

GUTWIRTH, Jacques. Aviva Lance-Muller, Garments with a Message. Jewish wear in Islamic Lands. **Archives de sciences sociales des religions** [En ligne], 152 | Outubro-Dezembro 2010, documento 152-74, publicado em 12 de maio de 2011, Disponível em: <http://journals.openedition.org/assr/22547>; e DOI: <https://doi.org/10.4000/assr.22547>. Acesso em 30 de novembro 2020.

HARPRING, Patricia. **Introdução aos vocabulários controlados**: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado: Pinacoteca de São Paulo: ACAM Portinari, 2016.

ISO 704 (2000). **Terminology work - principles and methods**. Genebra, ISO.

KENNEDY, G. **An introduction to corpus linguistics**. Londres: Longman, 1998.

KRIEGER, M. Terminologia – uma entrevista com Maria Da Graça Krieger. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 443-452, 2011.

LANZ, Hanspeter: “Schneider, Jenny”, *in*: **Historisches Lexikon der Schweiz (HLS)**, Version vom 19.08.2011. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/046181/2011-08-19/>, Acesso em: 02 de agosto de 2021.

LAVÉ, James. François Boucher. A tribute by James Laver. **Costume**, Volume 1 Issue 1, 1967, p. 4, ISSN 0590-8876. Disponível em <https://www.eupublishing.com/doi/abs/10.1179/cos.1967.1.1.4>. Acesso em 18 de abril de 2021. DOI: <https://doi.org/10.1179/cos.1967.1.1.4>

LEROI-GOURHAN, André. VII - As técnicas de consumo. O vestuário. **Evolução e Técnicas**. II - O meio e as técnicas. Lisboa: Edições 70, 1984 [1964]. P. 152 - 184.

LEVITT, Sarah; HALLS, Zillah; BENTLEY, Elizabeth. Anne Buck, OBE 14 May 1910–12 May 2005. **Costume**, Volume 40 Issue 1, Page 118-128, ISSN 0590-8876. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/174963006X99556> . Acesso em 20 de junho de 2018.

SUMÁRIO

MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto Brasileiro de Museus. Museu Histórico Nacional. Divisão de Arquivo Histórico. **Coleção Sophia Jobim Magno de Carvalho**. Rio de Janeiro, 1986.

MULLER-LACET, Aviva. **Taxonomy of Ethnographic Costume**. Proposal for discussion. ICOM Costume Committee, Nauplion, Grécia, 1981. (mimeo.)

OLIVEIRA, Ana Karina Rocha de. **Museologia e Ciência da Informação**. distinções e encontros entre áreas a partir da documentação de um conjunto de peças de 'roupa-branca'. Dissertação. Mestrado em Ciência da Informação, USP, 2009.

PIMENTEL, J. Identifying equivalents of specialized verbs in a bilingual corpus of judgments: A frame based methodology. *In: Proceedings of the International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2012)*. Istanbul (Turquia), 21-27 de Maio, p. 1791-1798, 2012.

PIMENTEL, J. Methodological bases for assigning equivalents: a contribution. **Terminology**, v. 19, n. 2, p. 237–257, 2013.

POIX, Marie-Hélène. L'Union Française des Arts du Costume, le Centre de Documentation, le Vidéodisque. **Art Libraries Journal**, 14(4), 1989, p. 22-24. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/art-libraries-journal/article/abs/lunion-francaise-des-arts-du-costume-le-centre-de-documentation-le-videodisque/EBB4FD27E6FABF018CFA4263FC4D57E3>. Acesso em 11 de julho de 2021. DOI:10.1017/S0307472200006489

PUELLES, Alice Aparecida Labarca. **O vestuário e seus acessórios em São Paulo em meados do século XIX**: uma construção de vocabulário para compreender indumentária. Dissertação. Mestrado em Museologia, USP, 2014.

ROGERS, M. Terminological equivalence: Probability and Consistency in Technical Translation." *In: GERZYMISCH-ARBOGAST, H.; BUDIN, G. & Hofer, G. (eds) LSP Translation Scenarios. Selected Contributions to the EU Marie Curie Conference, Viena 2007 (30 de Abril - 4 de Maio, 2007)*. **MuTra Journal** 2/2008, p. 101–108.

SONINA, Snežina. **Dénomination terminologique**: exemple d'un corpus vestimentaire. Tese. (Doctor of Philosophy) Department of French, University of Toronto, 2007.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução de Anne-Cécile Nokerman. Barcelona: IULA, 1998.



*Carolina Casarin
Carolina Morgado Pereira
Fuviane Galdino Moreira
Hellen Alves Cabral*

**PROJETO
DE “TERMINOLOGIA
DO VESTUÁRIO”:
MOTIVAÇÕES E PROCESSOS**

DOI:10.31560/pimentacultural/2023.97693.2

As autoras deste artigo são profissionais da área do vestuário, da moda e da arte. Todas nós fomos alunas do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ), orientadas pela professora Maria Cristina Volpi. Em nossos trabalhos individuais, em nossa prática como pesquisadoras e professoras, sentimos falta de maior precisão dos termos relacionados à área do vestuário e da moda. Utilizamos tipologias, descrições, definições e nomeações de peças de vestuários e acessórios traduzidas e reproduzidas em estudos e no ensino de vestuário e moda por meio do uso das palavras sem precisão científica. Assim, a partir da nossa experiência, da nossa prática profissional, percebemos a necessidade de maior rigor científico na tradução e na aplicabilidade dos termos para nomear trajes e adornos. A escrita deste artigo foi, portanto, embasada nessa problemática e no objetivo de expor as motivações que nos levaram ao projeto Terminologia do Vestuário.

SUMÁRIO

A carência de terminologias adequadas à categoria e à tipologia do vestuário em língua portuguesa ocorre porque grande número de publicações sobre a história da roupa e da moda é em inglês e francês, e não há, na mesma medida, traduções apropriadas para o português. Outro problema é quando os termos são mantidos na língua de origem e não é realizado o trabalho de equivalências dessas nomenclaturas. Assim, cabe a cada professor, pesquisador e leitor desse conteúdo interpretá-lo e, desse modo, uma mesma peça pode ser nomeada de formas distintas em cada publicação. As diferentes nomeações para os objetos de vestuário e acessórios e o uso indiscriminado dos termos nas publicações brasileiras evidenciam a necessidade de uma unificação terminológica confiável para a utilização no ensino e nas pesquisas no campo do vestuário e da moda.

A relação entre o estudo histórico e museológico dos trajes e acessórios remanescentes em acervos e as publicações de história do vestuário é evidente, uma vez que obras estrangeiras que constituem

a bibliografia básica²¹ nos cursos de moda resultam do trabalho de pesquisa sobre objetos integrantes do acervo técnico de museus. A investigação em acervos têxteis, de vestuários e acessórios destaca a importância do conteúdo científico desenvolvido por meio da análise da materialidade da peça.

Em acervos de formação recente, como é o caso das instituições brasileiras, a problemática está na falta de recursos terminológicos. A atividade de catalogação e classificação de termos de vestuário e acessórios no Brasil carece de bibliografia e obras de referência, com metodologia adequada para a classificação de termos principais. Na maioria dos casos, o preenchimento das fichas de catalogação é realizado por profissionais sem conhecimento técnico na área de vestuário e da moda. O resultado dessa falta de informação é a nomeação das peças de forma incorreta e uma indexação que não possibilita a busca adequada dos objetos estudados no acervo. No percurso dos profissionais da área de vestuário e moda, problemas e lacunas são constatados e evidenciam a dificuldade de intitular os objetos.

VOCABULÁRIOS PARA DOCUMENTAÇÃO DE OBJETOS DE VESTIR

O ICOM possui desde 1971 o grupo de trabalho sobre a catalogação de trajes, com o intuito de assegurar a clareza de registro com métodos que possam ser utilizados internacionalmente. O Comitê percebeu a necessidade de organização unificada dos termos de identificação básica das peças de vestuário e acessórios,

21 Com base na experiência de estudo e sala de aula identificamos na bibliografia utilizada nos cursos de história da indumentária a recorrência das seguintes obras: *A roupa e moda: uma história concisa*, de James Laver (tradução de Glória Maria de Mello Carvalho, publicada no Brasil pela editora Companhia das Letras em 1989), cuja publicação original é de 1969; *História do vestuário no Ocidente*, de François Boucher (tradução de André Telles, revisão técnica de Rita Andrade, publicada no Brasil pela editora Cosac Naify em 2010), cuja publicação original data de 1965; e *História do vestuário*, de Carl Köhler (tradução de Jefferson Luiz de Camargo, publicada no Brasil em 1993 pela editora Martins Fontes), cuja publicação original data de 1871.

com o objetivo de garantir que a informação clara sobre cada peça integrante de uma coleção ou acervo seja registrada. Dessa maneira, o Vocabulário de Termos Básicos – VTB do ICOM foi criado gradualmente como uma ferramenta de auxílio para o campo museológico, com o intuito de orientar a nomeação de peças de vestuário e acessórios.

Entretanto, o material recentemente publicado pelo ICOM em português brasileiro, intitulado *Termos básicos para a catalogação de vestuário*, apresenta lacunas em suas traduções e não atende às necessidades de utilização do VTB. O documento *Termos básicos para a catalogação de vestuário* foi publicado em 2014, organizado pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, com a equipe da Casa da Marquesa de Santos – Museu da Moda Brasileira²². Dessa forma, o propósito da criação de termos básicos para uma identificação genérica não emprega a mesma metodologia utilizada para a elaboração do VTB, não sendo, portanto, uma versão em português do vocabulário elaborado pelo ICOM. Vemos que esse vocabulário emprega a nomenclatura aleatoriamente ao aplicar o segundo termo nomeado dentro de sua forma principal, ou o termo usado informalmente para denominar a peça, e não o primeiro termo indicado nas versões em inglês, espanhol, francês e alemão.

Entre os vocabulários consolidados, o VTB do ICOM, já mencionado, foi idealizado quando o grupo de trabalho do ICOM Costume constatou a necessidade da identificação do registro de vestuário por meio de sua informação básica. Foi iniciada, então, a listagem dos termos básicos a partir da análise de dados obtidos em roupas e acessórios. No processo de nomeação dos objetos foi reconhecida a complexidade e a efemeridade dos termos do vocabulário da moda, e verificaram, então, a necessidade da realização de uma segunda seção no VTB. A primeira categoria a integrar o VTB foi a do vestuário feminino,

22 Atualmente, a Casa da Marquesa de Santos - Museu da Moda Brasileira não se encontra aberta para visitação devido a descontinuidades no projeto de consolidação do museu. No entanto, sua sede ainda abriga a reserva técnica que preserva os objetos, e grande parte de seu acervo está exibida na plataforma *Google Arts & Culture* (Museu da Moda Brasileira, 2022).

SUMÁRIO

em 1978. A lista do vestuário masculino foi publicada em 1980. E a terceira lista, sobre o vestuário infantil, foi apresentada em 1981.

A metodologia do VTB segue um termo genérico básico que nomeia cada objeto de vestuário e acessório. O segundo termo caracteriza a forma principal e o terceiro termo é uma variante do segundo, que compreende a descrição de termos. Os primeiros termos do VTB são relacionados ao corpo humano, dividido em partes superior e inferior. Também são agrupados em suas respectivas categorias (feminino, masculino e infantil) e segmentados por sua tipologia, conforme observamos a seguir:

1. Vestuário principal;
2. Agasalhos;
3. Roupas de proteção;
4. Roupas de baixo;
5. Peças para sustentar ou modelar;
6. Roupas de dormir;
7. Acessórios usados (na cabeça; no cabelo; como revestimentos de rosto e adições; acima da cintura; na cintura e abaixo; nos braços e nas mãos; nas pernas e nos pés);
8. Acessórios usados à mão;
9. Acessórios apostos ao corpo ou usados como enfeite;
10. Acessórios utilizados no cuidado da pessoa;
11. Acessórios utilizados no cuidado de roupas;
12. Acessórios usados na confecção e no ajuste de roupas.²³

²³ É importante ressaltar que a versão em língua portuguesa aqui utilizada é já o resultado do projeto de Terminologia do Vestuário, que consistiu na versão para o português brasileiro do VTB.

O objetivo da metodologia do vocabulário do ICOM é a limitação do uso de termos para as duas primeiras nomenclaturas das peças de vestuário e acessórios e assim direcionar a utilização exata de nomes especializados. O método de trabalho consistiu na classificação numérica no formato de listas. Nessa listagem o termo básico apresenta-se na qualidade de uma nomenclatura de entrada que introduz a informação. Originalmente, o VTB foi escrito em inglês. As versões produzidas em alemão, espanhol e francês são equivalências provenientes do trabalho de avaliação e identificação dos principais tipos de nomenclaturas de peças de vestuário e sua adequação para cada língua.

O Thesaurus para Acervos Museológicos (1987; 2016) é outro vocabulário utilizado para definição de nomenclaturas, catalogação e descrição de trajes e acessórios que não contempla todas as demandas dos pesquisadores para suas classificações, em virtude da complexidade dos objetos de vestuário, com seus usos e funções. A concepção de Helena Dodd Ferrez é “classificar, conceituar e nomear parte considerável dos objetos existentes em seus acervos” (FERREZ, 2016, p.5). A autora compreende o Thesaurus com uma “linguagem documentária” para a sistematização da documentação de objetos nos acervos brasileiros. A proposta desse vocabulário é a organização dos artefatos por agrupamentos de categorias, por meio de uma listagem numérica. Do mesmo modo, há uma listagem por ordem alfabética dos termos, que possibilita a busca pelo nome do objeto que se deseja pesquisar, assim como o número que ele está inserido no Thesaurus.

Além das listagens para a pesquisa e busca das nomenclaturas, o Thesaurus se estrutura nas seguintes categorias: a primeira corresponde à classe da peça; a segunda é uma subcategoria (subclasse) apresentada pelo vocabulário, em uma subdivisão desse conjunto inicial; o terceiro é o termo/descritor, que corresponde à nomenclatura da peça por meio de sua tipologia e função, fundamentada nas relações hierárquicas de gênero e espécie. Como podemos observar no seguinte exemplo do Thesaurus (1987): 12. Objetos Pessoais

SUMÁRIO

(Classe/ Gênero); 12.8 Peça de Indumentária (Subclasse/Espécie); Blusa (Termo/Nome dos objetos); Blusa Curta/Top (Termo descritivo).

Os vocabulários mencionados orientam o trabalho de nomeação de objetos e sua classificação por meio de suas características. Eles direcionam o trabalho para o uso de termos precisos e para nomenclaturas básicas. O intuito dessas publicações é a homogeneidade e legitimação de termos para campos constituídos e em desenvolvimento, em especial para objetos integrantes de acervos museológicos que necessitam de uma terminologia assertiva e pertinente. Entretanto, essas ferramentas não nos livraram de, ao longo de nossas pesquisas, nos defrontarmos com questionamentos e contradições no processo de nomear a multiplicidade de objetos e composições estéticas que abrangem o campo do vestir. Por isso, a seguir, destacamos relatos de experiências que motivaram a criação do Projeto Terminologia do Vestuário.

SUMÁRIO

MOTIVAÇÕES E PROBLEMAS ENCONTRADOS NO ESTUDO SOBRE OBJETOS DE VESTIR

Esta seção do artigo é composta por relatos de pesquisadoras de pós-graduação cujas teses foram desenvolvidas ao longo do período de participação no projeto Terminologia do Vestuário. De diferentes temáticas e perspectivas, os trabalhos aqui citados possuem em comum a análise de objetos do vestuário e o tratamento de questões atreladas a esse campo. O objetivo desta seção é apresentar como a problemática dos termos e nomenclaturas se fez presente em cada estudo. Definindo, assim, as motivações para o projeto Terminologia do Vestuário e sua importância para as questões trabalhadas em cada uma das pesquisas.

Cada uma das quatro subseções corresponde a um diferente relato. As experiências da pesquisa científica, suas etapas e resultados,

foram priorizados na elaboração desses registros, e foi em vista disso que se optou pelo uso da primeira pessoa do singular.

Todos os trabalhos aqui citados foram desenvolvidos no PPGAV/EBA/UFRJ, com orientação da professora Maria Cristina Volpi.

Na primeira subseção, Hellen Alves Cabral desenvolve sobre a importância da visibilidade das coleções de indumentária e dos registros desses objetos para a elaboração de exposições de moda e vestuário. Na segunda subseção, Fuviane Galdino Moreira descreve os impactos do projeto Terminologia do Vestuário em seu estudo sobre os mantos de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Na terceira, Carolina Casarin expõe o papel do vocabulário para nomeação de objetos de vestir em seu processo de composição do guarda-roupa moderna de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade. E na quarta e última subseção, Carolina Morgado Pereira explicita os desafios, escolhas e aplicações de uma terminologia do vestuário no trabalho de sistematização do acervo de Olly e Werner Reinheimer.

SUMÁRIO

EXPOSIÇÕES DE MODA EM ESPAÇOS CARIOCAS DE ARTE

A dissertação de mestrado intitulada “Exposições de moda em espaços cariocas de arte: Mulheres Reais e Viagens Extraordinárias em perspectiva”²⁴ foi desenvolvida entre os anos de 2017 e 2020. A experiência individual e questões suscitadas a partir da pesquisa se relacionam com as motivações para a realização do Projeto Terminologia do Vestuário.

A pesquisa consistiu em um estudo sobre exposições de vestuário e moda em espaços institucionais de arte como possibilidades

24 Dissertação de mestrado desenvolvida por Hellen Alves Cabral para o Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ), defendida em 2020.

de diálogo e troca entre os campos da arte e da moda. As exposições “Mulheres reais: modos e modas no Rio de D. João VI”, realizada na Casa França-Brasil em 2008, e “Yves Saint Laurent: viagens extraordinárias”, exibida no Centro Cultural Banco do Brasil em 2009, foram consideradas objetos de análise para a compreensão do fenômeno cultural no contexto brasileiro e carioca.

A partir do estudo das exposições de moda, é possível afirmar que são decorrentes da consolidação de coleções e acervos de indumentária. A efetividade da sistematização dos registros e documentação dos objetos de vestuário é um fator indispensável para a identificação das peças e elaboração dos projetos de exposição. Ao mesmo tempo em que dependem do desenvolvimento e organização dos acervos, as exposições de moda são também ferramentas de promoção e de visibilidade das coleções.

No contexto europeu, os primeiros exemplos de exposições de moda na França surgiram com a profissionalização de colecionadores de vestuário no século XIX, cujas ações culminaram na fundação do *Musée de la Mode et du Costume* em 1977, no *Palais Galliera*, e do *Musée des Arts de la Mode* em 1997, instalado na extensão do Museu do Louvre (BASS-KRUEGER, 2018). Na Inglaterra, acervos como o do Museu Victoria & Albert contemplam objetos de vestuário desde meados do século XIX, época de sua fundação.

No cenário estadunidense, foi graças à institucionalização do *Costume Institute* no *Metropolitan Museum of Art* (MET) em 1940, um amplo departamento de indumentária histórica e contemporânea, que as exposições de moda deixaram de ser fatos isolados²⁵. Segundo Valerie Steele, foi com a direção de Diana Vreeland no departamento, na década de 1970, que as exposições adquiriram uma face voltada ao espetáculo da moda, da beleza e do luxo, no lugar

25 Em 1944, pouco tempo após a fundação do *Costume Institute*, o Museu de Arte Moderna (MoMA) realizou a exposição “*Are clothes modern?*” e, no ano seguinte, exibiu a “*Costume Carnival*”.

SUMÁRIO

de abordagens antiquárias e cronológicas (STEELE, 2008, p. 14). Foi também nesse período que se instaurou um novo paradigma para as exposições de moda – o da celebração de estilistas e designers em espaços de arte²⁶. A partir de então, inúmeros eventos similares foram promovidos em museus e galerias de arte nos Estados Unidos, em países europeus, e também no Brasil, ganhando notoriedade da imprensa e da crítica especializada²⁷.

No Brasil, um dos primeiros exemplos se inscreve no contexto de surgimento das instituições modernas de arte e das concepções do galerista Pietro Maria Bardi, que priorizava o caráter universal e didático do museu de arte tendo em vista a incipiência do campo artístico no país (BONADIO, 2014). Durante sua gestão como diretor do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), foi realizado o desfile “Costumes antigos e modernos” em 1951, uma ação atrelada à política do museu e ao contexto brasileiro de esforço industrialista. Outro fato importante é a incorporação da coleção Rhodia²⁸, doada ao museu em 1971 e instituída como um acervo de indumentária, sendo exibida anos depois na exposição “Arte na moda: coleção Masp Rhodia”, em 2016.

As exposições de moda em espaços de arte se multiplicaram no Brasil entre 1980 e os anos 2000, coincidindo com um período de efervescência dos casos no cenário internacional. No entanto, tal movimento antecedeu a consolidação dos cursos superiores de moda no país, situando-se em um estado incipiente do campo dos estudos

- 26 A retrospectiva de Yves Saint Laurent no Museu de Arte Metropolitan em 1983, sob a curadoria de Diana Vreeland, pode ser considerada um marco para a instauração desse novo paradigma para as exposições de moda e vestuário (Svendson, 2010).
- 27 Um exemplo é a retrospectiva de Giorgio Armani, exibida no Museu Guggenheim em 2000, que na época rendeu o maior sucesso de público da história da instituição. A exposição foi alvo da crítica especializada de arte por conta das negociações entre o museu e a empresa de luxo e pelo uso do espaço de arte como estratégia de marketing.
- 28 A coleção é composta por criações desenvolvidas para os desfiles-show da Rhodia, realizados nas Feiras Nacionais da Indústria Têxtil (FENIT) entre 1960 e 1970. Essas criações eram produzidas por artistas plásticos, estilistas, confecções, indústrias químicas e têxteis, e eram apresentadas em “um espetáculo que unia moda, artes visuais, teatro, dança e música” (Sant’anna, 2010, p. 16).

do vestuário e da moda, o que também se aplica à situação dos acervos de objetos do vestuário.

Em “Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções”, a historiadora Rita Morais de Andrade aponta que dispersões e falhas na documentação de objetos são obstáculos para a localização de acervos de indumentária no Brasil. Trata-se de problemas que afetam a visibilidade das coleções, o desenvolvimento de pesquisas na área e a realização de exposições dedicadas à moda e ao vestuário (ANDRADE, 2016, p. 13).

O desdobramento de tais problemáticas pode ser observado no fato de grande parte das exposições de moda levantadas durante a pesquisa de dissertação ter apresentado objetos de coleções particulares ou de instituições estrangeiras. A reprodução de trajes históricos também se apresenta como recurso para solucionar as dificuldades de acesso a acervos, como no caso da exibição “Mulheres reais: modas e modos no Rio de D. João VI”. Em entrevista concedida à autora, a figurinista Emilia Duncan, curadora do evento, explica que tal prática foi necessária ao projeto da exposição devido à dificuldade de encontrar os trajes em acervos brasileiros (DUNCAN, 2019).

A realidade dos acervos de indumentária no país foi beneficiada com o redimensionamento da área da cultura na agenda política brasileira na primeira década dos anos 2000. Os projetos de integração de museus²⁹ implementados nesse período contribuíram, em parte, para a visibilidade de coleções de indumentária, ao passo que se multiplicaram os cursos de moda em nível superior e os estudos científicos na área (ANDRADE, 2016). Porém, os problemas na documentação e nos registros de peças ainda são presentes e dificultam, também,

29 Em 2003, foi instituído o Plano Nacional de Museus com o objetivo de organizar o campo da cultura, orientar e estimular projetos e ações museológicas de modo integral. No ano seguinte, foi criado o Sistema Brasileiro de Museus, com a função de articular instituições museológicas, sejam elas federais, estaduais, municipais ou privadas. Tais políticas contribuíram para a multiplicação de cursos superiores e de especialização em Museologia e para o desenvolvimento da área (Amazonas, 2010).

a institucionalização dos objetos do vestuário, uma vez que sua presença em museus e instituições é obliterada por problemas no registro de informações básicas.

Assim, as motivações para o Projeto Terminologia do Vestuário se justificam, no específico caso da pesquisa aqui citada, pela necessidade de compreender a realidade e as condições dos acervos de vestuário no Brasil. O desenvolvimento e aplicação de um vocabulário voltado às necessidades de padronizar e sistematizar os registros de objetos tem muito a contribuir para a consolidação dos acervos brasileiros e para um cenário mais favorável à elaboração de exposições de moda e vestuário.

VESTIMENTAS DE ESCULTURAS SACRAS

O projeto de pesquisa Terminologia do Vestuário impactou positivamente tanto em minhas investigações acerca das vestes têxteis de imagens de vestir, incluindo-se as esculturas de roca, quanto nos meus estudos sobre os panejamentos estofados³⁰ de imagens de talha inteira policromada ou peças modeladas (feitas em terracota), como é o caso de Nossa Senhora da Conceição Aparecida que, além disso, tem uma complementação de vestes têxteis. O conhecimento concernente à nomeação das ornamentações construídas no próprio suporte da peça ou acrescentadas à figura do(a) santo(a), possibilitou identificar na tese “Vestes e Imagens: funções identitárias dos mantos de Nossa Senhora da Conceição Aparecida — Origens e Trajetórias nas décadas

30 Segundo Beatriz Coelho, o termo “estofamento” vem do francês étoffe; abrange todos os tecidos de lã e algodão, significando pintura que imita os brocados, bordados, etc (Coelho, 2005, p. 238). Além disso, de acordo com Affonso Ávila, João Marcos Machado e Reinaldo Guedes, “[...] o estofamento seria o processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos” (Ávila; Contijo; Machado, 1996, p. 144). No Brasil, identificaram-se diversas técnicas utilizadas na fatura do estofamento; as mais encontradas são o esgrafiado, as punções, os relevos e a aplicação de materiais diversos, como pedras e rendas douradas.

de 1940 a 1960³¹, características identitárias das imagens, tais como iconografia, ordem religiosa e gênero.

Podemos, por exemplo, supor os nomes de figuras de santos, da Virgem e do Cristo, a partir de seus atributos e vestimentas, como é o caso de Nossa Senhora. Em suas diferentes representações e distintas vestes, a Virgem Sagrada é apresentada em várias tipologias iconográficas: Nossa Senhora do Rosário, do Leite, do Carmo, dentre outras, como a própria Virgem de Aparecida. Às vezes vinculadas a diferentes ordens religiosas, suas indumentárias revelam detalhes que mostram a que subgrupo católico elas pertenceram em sua origem. Por exemplo, o cinto preto sobre a túnica nos remete à Ordem Agostiniana, como demonstra a imagem de Nossa Senhora de Copacabana, padroeira da Bolívia. Já o escapulário, lembra-nos da Ordem Carmelita, como comumente ocorre na veste apresentada de Nossa Senhora do Carmo de Maipú, padroeira do Chile.

Assim, minha participação nesse projeto de pesquisa me fez pensar nas formas de classificações técnicas para o vestuário dos santos, auxiliando-me na compreensão de como determinados objetos se mantiveram ou se modificaram nas ornamentações dessas imagens sacras. Capas, escapulários, estolas, hábitos, joias, sobrepelizes, mantos, túnicas e vestidos compreendem uma ampla dimensão das possíveis terminologias de um vestuário que orna esculturas de devoção católica. Para mergulhar na história das vestes sagradas, investi-guei as funções e usos das vestimentas em imagens sacras, observando nos textos bíblicos a frequência das seguintes nomenclaturas: calções de linho, manto, lenços, panos, roupa, túnica, turbante, veste, vestes sagradas, incluindo os vestidos de linho identificados ali. Tal tarefa levou-me a refletir sobre a manutenção e ressignificação desses vestuários, buscando encontrá-los nos manuscritos sobre a Virgem de Aparecida, correspondentes tanto a 1750 quanto a 1805. A partir disso,

31 Tese de doutorado desenvolvida por Fuviane Galdino Moreira para o Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ), defendida em julho de 2021.

foi possível distinguir a existência de alguns mantos da Virgem em três tipos de fontes, consultados na Arquidiocese de Aparecida, em Aparecida, São Paulo. Entretanto, por se tratar de textos diferenciados, o quantitativo de peças tem variações.

Na cópia do livro do tombo da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá (1757–1858), identifiquei sete mantos do século XVIII no inventário de 1750: cinco feitos de tecidos e ornamentações desconhecidas; um de gala, com ramos de ouro e renda de prata; e um de seda com ramos e renda de ouro. Nesse documento, o inventário de 1805 não apresenta registros de mantos de Nossa Senhora Aparecida.

No livro sobre a Instituição da Capela de Nossa Senhora Aparecida, de 1743 a 1867 (cópia feita em 1895), localizei a descrição de dez mantos: um de tecido e ornamentações desconhecidas; seis de seda; e três oferecidos por uma mulher ao final do inventário, sendo um de gala, encarnado com ramos de ouro e renda de prata com forro de tafetá carmesim; e dois de seda (um branco, com rendas e ramos de ouro, com forro branco; e um de cor e ramos de ouro sobre seda branca). No inventário de 1805, encontrei quatro mantos. Três de seda: um azul de ramos; um com ramos e galão; e um branco. Além disso, também um manto de cetim branco liso.

No livro sobre a Instituição da Capela de Nossa Senhora Aparecida, (1745 a 1750), cópia feita em 1978, identifiquei no inventário de 1750, seis mantos: cinco de tecidos e ornamentações desconhecidas; e um de gala encarnado, com ramos de ouro e renda de prata, forrado de tafetá carmesim. Do documento de 1805, estão listados quatro mantos: três de seda (um azul; outro sem a descrição da cor e um branco); em seguida, um de cetim azul liso com uma corda.

Ressalto que muitas das pessoas que têm a permissão de vestir essas imagens sagradas, não as veem somente como um objeto, mas, também, como um ser humano. E isso influencia no modo como as ornamentam. Ao comentar sobre as mulheres responsáveis por vestir

SUMÁRIO

as imagens da Madona nas comunidades mediterrâneas, a historiadora belga Annick Delfosse (2004), citando Marlène Albert-Llorca, descreve esse ritual nesses territórios. As *camareras* passavam perfumes e leites corporais em algumas figuras da Virgem e vestiam-nas com anáguas de renda, numa dimensão secular e feminina da figura mariana. Assim, quanto à identidade de gênero ser evidenciada pelo vestuário da padroeira brasileira, pode observar isso a partir de alguns de seus documentos. No livro de Instituição da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1743–1867), cópia executada em 1895, a partir dos estudos realizados no projeto Terminologia do Vestuário, pode analisar a identificação de algumas peças a partir da compreensão de suas nomeações, como um cordão de ouro, um laço, e seis pares de brincos.

A aplicação apropriada de termos é, então, decisiva para descrever e identificar um objeto num processo de inventariação, que é uma importante etapa de preservação de um bem cultural. O uso de termos adequados às peças artísticas e históricas auxilia na organização de coleções e permite dimensionar as categorias existentes no acervo e seu quantitativo. Além disso, a descrição dos objetos e suas vestimentas (têxteis ou panejamentos) abre possibilidades de diagnósticos do estado de conservação desses artefatos. Isso possibilita a sugestão de futuras intervenções preventivas e restaurativas e também facilita análises técnicas e estudos artísticos, antropológicos, históricos e sociológicos desses bens quando não há fotografias e/ou a existência física dos artefatos. Essa lacuna, a princípio, seria um fator limitante tanto para a localização desses objetos culturais quanto para a confirmação de sua existência *a priori*, como foi o caso dos mantos da padroeira brasileira, dos séculos XVIII e XIX.

Se a reflexão sobre esses termos não fosse aprofundada, nomear as peças de roupa dos santos e da Virgem continuaria sendo quase sempre um impasse para os profissionais da preservação, museologia e história da arte e até mesmo para a área de moda e vestuário. Por isso, o projeto de pesquisa Terminologia do Vestuário auxiliará o pesquisador

SUMÁRIO

acerca da inventariação e catalogação de acervos de esculturas sacras e nas pesquisas multidisciplinares associadas a esse tema.

O GUARDA-ROUPA MODERNISTA

Minha tese de doutorado, “O guarda-roupa modernista: a aparência e os trajes de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade”³², foi desenvolvida entre os anos 2015 e 2020. O guarda-roupa modernista é o conjunto dos mais variados tipos de registro da aparência de Tarsila e Oswald. A despeito da relevância que o casal tem para a cultura brasileira, poucas peças de seus guarda-roupas foram preservadas e, entre as que sobreviveram, nem todas estão acessíveis ao público. Diante do problema de acesso aos trajes do casal e à consequente dificuldade de composição de seu guarda-roupa, houve a necessidade de uma abordagem metodológica que procurasse reunir inúmeros documentos que se encontram dispersos em instituições no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Campinas, em Paris e em Londres.

No âmbito do grupo modernista da década de 1920, os laços de convivência são evidentes, e os eventos sociais proporcionaram uma grande quantidade de registros das pessoas envolvidas, que geraram uma materialidade que possibilita a pesquisa sobre o vestuário: fotografias, retratos, desenhos rabiscados, poemas, romances, memórias. Fornecem vestígios, analisados em fontes iconográficas, documentais e materiais. Certamente, parte da memória da relação que um dia se estabeleceu entre aqueles corpos e as roupas que os vestiram está impressa nas imagens e nos discursos, e numa infinidade de documentos que possibilitam dar uma forma ao guarda-roupa modernista, fixando-o na história.

32 Tese de doutorado desenvolvida por Carolina Casarin para o Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ), defendida em outubro de 2020.

Ao invés de examinar um repertório delimitado de documentos que já existiam como um conjunto reconhecido pela perspectiva da indumentária, ou uma coleção com esse tema, ou ainda outro tipo de reunião de peças já selecionadas, optei por trabalhar com uma constelação de fragmentos dispersos. O guarda-roupa modernista, portanto, não é um acervo, ou uma coleção catalogada em alguma instituição. As peças que compõem este guarda-roupa não estavam previamente organizadas e disponíveis para a pesquisa. Grande parte do trabalho da tese foi, justamente, montar o guarda-roupa do casal de artistas. Os vestígios da presença e da aparência de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade sustentaram a proposta de organização de seus trajes visando a construção de uma visão de conjunto. A análise dos trajes do casal Tarsila e Oswald se deu ao mesmo tempo em que o guarda-roupa foi sendo montado, através da reunião de imagens, discursos e objetos que testemunhavam não só as práticas vestimentares do casal, mas também o movimento estético, e histórico-social, que atravessava o Brasil dos anos 1920.

O cruzamento das fontes permitiu que os documentos fossem associados e articulados, circunscrevendo tramas de relações que resultaram desse método de confronto. A pesquisa que sustenta esta tese foi desenvolvida a partir da aproximação, do cruzamento de fontes iconográficas, documentais e materiais. Privilegiei os mais variados tipos de registros da aparência de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, sendo em sua maioria representações visuais e escritas de seus trajes. Desse modo, o guarda-roupa modernista nasceu de um conjunto de fragmentos, dispostos sob uma organização textual que, ao fim e ao cabo, é o resultado da tese. A partir dos registros, das representações, dos objetos de vestuário de Tarsiwald, todos exemplos da memória da produção corporal que existe no ato de vestir, procurei conectar fragmentos do passado, e o resultado é sempre uma interpretação.

Se fez parte do trabalho desenvolvido na tese montar o guarda-roupa de Tarsila e Oswald e colocá-los em relação, juntar as fontes e construir sentidos, mapeando aquilo a que eu tive acesso e organizando

SUMÁRIO

seus trajes, a montagem do guarda-roupa foi também um recorte, uma curadoria, um trabalho de interpretação. Na elaboração da tese, montar o guarda-roupa modernista já foi interpretá-lo. É nesse contexto que fica clara a necessidade, e a importância, de um vocabulário que apresente rigor científico para o processo de nomeação dos objetos de vestir.

ACERVO OLLY E WERNER REINHEIMER

Ao chegar ao acervo familiar de Olly Reinheimer, para o desenvolvimento da tese *Olly Reinheimer e o trânsito da produção artística e funcional dos têxteis e vestíveis*³³, a primeira dificuldade foi a organização das peças têxteis e de vestuário da artista que estavam em malas e sacos plásticos. O acervo estava localizado no apartamento da família no bairro de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro. Durante todo o tempo que estive em contato com os objetos, ferramentas e documentos da Olly, tecidos, desenhos e instrumentos iam surgindo. Desde o falecimento da artista em 1986, uma parte dos artefatos de Olly foram perdidos ou doados para conhecidos. Entre 2016 e 2019 o material presente no acervo era remanescente da produção artística de Olly.

O acervo caracteriza-se por múltiplas facetas, e diferentes tipos de documentos, o que oferece ao pesquisador e ao técnico uma pluralidade de questões, que comporta toda a organicidade do acervo. Um grande conjunto de documentos pessoais, como correspondências, manuscritos, contatos pessoais, viagens, fotografias, livros, convites e registros: financeiros, de tratamentos de saúde, e de eventos.

Além destes documentos, há os processos e obras da produção artística de Olly, com os registros de suas exposições, seus cursos de formação e estudos específicos, cadernos de anotações e estudos

33 Tese de doutorado desenvolvida por Carolina Morgado Pereira para o Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ), defendida em dezembro de 2019.

sobre as técnicas artísticas desenvolvidas em seus projetos. Assim como os objetos pertencentes ao processo ou a finalização de suas obras: ferramentas, moldes, tecelagens, carimbos, tecidos, fios, vestuários e acessórios.

A iniciativa familiar de guarda e preservação do arquivo pessoal do casal Olly e Werner Reinheimer é coordenada por sua neta, Patricia Reinheimer, professora do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Patricia, desde 2013, coordena o projeto “Olly e Werner Reinheimer: moda, arte e política. Do arquivo pessoal ao patrimônio nacional”. As atividades iniciaram-se com a organização, sistematização e digitalização da documentação em papel por bibliotecárias. Em 2016, a organização, catalogação e registro dos objetos têxteis, vestuários, instrumentos e matérias-primas foram realizados, e finalizados em 2019. O objetivo dessas etapas de tratamento técnico foi a elaboração de um banco de dados, que será apresentado, futuramente, por meio de uma página na internet.

Para a classificação, as bibliotecárias desenvolveram 16 Grandes Classes: Correspondências; Mimeos;³⁴ Manuscritos;³⁵ Registros Financeiros e Contábeis; Formação Educacional; Tratamento de Saúde; Convites e Eventos; Documentação de Identificação Pessoal e Oficial; Contatos Pessoais; Receitas; Viagens; Inventário de Bens; Fotografias; Produção Artística; Material de Referência; Áudios e audiovisuais.

Nessa primeira etapa, uma organização prévia foi elaborada por Patricia Reinheimer, responsável pelo acervo. A nomenclatura atribuída aos têxteis e vestuários ficou intitulada como “documentos têxteis”. E as Grandes Classes desenvolvidas para essa parte do acervo são:

- 34 O termo “mimeos” foi atribuído pelas bibliotecárias Juliana Taboada e Regina Verly, e correspondem a textos que não tiveram publicação oficial, são documentos de conteúdo intelectual. Neste grupo de documentação, muitos não apresentam dados de autoria, data de produção e título, e encontram-se datilografados na qualidade de poesias, poemas e textos avulsos.
- 35 A classe “manuscritos” também sistematizada pelas bibliotecárias Juliana Taboada e Regina Verly, diz respeito a documentos escritos à mão, como recados, poesias, listas, blocos e cadernos de anotações.

SUMÁRIO

1. Roupas (Vestuários); 2. Acessórios; 3. Moldes; 4. Tecelagens; 5. Esculturas móveis; 6. Ferramentas; 7. Carimbos; 8. Tecidos; 9. Fios. Esses campos foram criados por sua tipologia e função dos objetos. Ao longo do processo da segunda etapa, realizei a organização, nomeação e classificação dos têxteis e vestuários e mais duas categorias foram criadas: a 10. Fibras; e 11. Interiores.

O grande desafio foi trabalhar com terminologias adequadas para essas áreas, e entender as diferenças entre as nomenclaturas de cada uma delas. Ao que cabe aos têxteis e vestuários, o vocabulário controlado foi desenvolvido a partir da pesquisa em bibliografia especializada, como o vocabulário de museologia do ICOM e o Thesaurus para acervos museológicos. Esses dois vocabulários foram selecionados, dado que somente o uso do VTB do ICOM não conseguiu dar conta da variedade de problemáticas encontradas nas peças nomeadas e catalogadas. O Thesaurus, por ser um vocabulário para acervos museológicos que abrange diferentes tipologias de objetos, complementou a elaboração do vocabulário controlado do acervo. E assim, no trabalho de catalogação os dois vocabulários foram utilizados em conjunto, o VTB do ICOM, voltado para vestuário, e o Thesaurus, para tecidos, fragmentos e instrumentos da artista.

O obstáculo principal para a criação das nomenclaturas no acervo estava em objetos que não se ajustavam aos encontrados nos vocabulários, por serem peças sem função definida ou peças com dupla finalidade consideradas “híbridas”. No caso dos têxteis muitos estavam fragmentados em partes de tecido (cortes de tecidos decorrentes da modelagem plana, que não foram costurados), partes de acessórios e amostras de tecidos resultantes do processo experimental da artista.

Para exemplificar o processo de nomeação das peças, apresento o objeto “Blusa Bata”. Nesse caso a escolha da nomenclatura foi descomplicada, pois foi possível a utilização dos dois vocabulários. No VTB do ICOM o termo está no vestuário feminino, na categoria de vestuário principal, na divisão “1.21 Corpinho Blusa”.

SUMÁRIO

E já no Thesaurus (1987) o termo encontra-se na classe de “12. Objetos Pessoais”; subclasse “12.8 Peça de Indumentária”; termo (nome do objeto) “Blusa”; e termo descritor ou descritivo “Blusa Bata”.

Conforme mencionado, a adversidade estava em criar terminologias para objetos “híbridos”. Entre eles cito um objeto que a princípio era uma malha e que inicialmente não teve o entendimento de como poderia se moldar no corpo. Em um primeiro contato foi feita uma análise técnica, com a verificação de fechamentos, acabamentos e possíveis danos ou agressões na peça, e nenhum dado foi encontrado. E foi na pesquisa de imagens, nas fotografias da artista, que a malha estava em um editorial vestido por uma modelo, disposta no corpo na qualidade de uma peça única e longa. A partir dessa informação a nomeação da peça foi realizada como “Vestido de malha (malha vestível)”. No VTB do ICOM o termo localiza-se no vestuário feminino, na categoria de vestuário principal “1.11 Vestido”. No Thesaurus (1987) o termo situa-se na classe de “12. Objetos Pessoais”; subclasse “12.8 Peça de Indumentária”; termo (nome do objeto) “Vestido”; e termo descritor ou descritivo “Vestido de malha (malha vestível)”.

Do mesmo modo, encontrei peças de vestuário que não estavam no VTB do ICOM, como é o caso das roupas de banho. No acervo de Olly, há um maiô e um biquíni. Diante disso, o Thesaurus (1987) foi o vocabulário que orientou a classificação desses trajes de banho, na classe de “12. Objetos Pessoais”; subclasse “12.8 Peça de Indumentária”; termo (nome do objeto) “Roupa de banho”; o termo descritor ou descritivo não consta na listagem do vocabulário, assim fiz uma adaptação e descrevi os objetos por meio de suas especificidades “Biquíni / Parte superior”, “Biquíni / Parte inferior” e “Maiô”.

Outros exemplos foram os recortes de tecidos, tanto os que integraram o processo de construção das peças, quanto os pedaços de sobra do corte do molde nos tecidos. O VTB do ICOM não abrange tecidos, pois foi idealizado para compreender vestuários, acessórios e suportes relacionados. Dessa maneira, recorri ao Thesaurus (1987)

SUMÁRIO

para a classificação dessas partes desmembradas, que foram localizadas na classe “16. Amostras/Fragmentos”; subclasse “Amostra de tecido”; termo (nome do objeto) “Amostra de tecido”. O termo descritor ou descritivo “Recorte de peça”, ou “Recorte de manga”, foi utilizado para as peças que iam ser costuradas em outras partes, e o termo “Retalho de tecido” para as frações restantes que poderiam ter sido descartadas, mas a artista as guardou.

Os acessórios, em especial os feitos de linha e barbante de algodão, com a técnica de entrelaçamento manual, e não finalizados, também provocaram questionamentos em sua classificação. Assim, por não serem peças prontas, foram da mesma forma classificadas como fragmentos no Thesaurus (1987), na classe “16. Amostras/Fragmentos”; subclasse “Amostra de tecido”; termo (nome do objeto) “Fragmento”; e termo descritor ou descritivo “Entrelaçamento”, definição essa adaptada pela autora.

Os mini têxteis são pequenas tecelagens criadas pela artista. Da mesma forma que os fragmentos, não condizem com a proposta do VTB do ICOM, desse modo o Thesaurus foi empregado, na categoria de classe “06. Trabalho”, na subclasse de “06.5 Equipamento de Fiação/Tecelagem” por ser a classificação mais próxima de tecelagem. O termo (nome do objeto) foi adaptado, pois a nomeação de “Mini têxtil” foi elaborada por Olly, e por não se encontrar nada similar, o termo criado foi mantido. E na descrição o termo ficou como “Tecelagem”.

O trabalho de definição das nomenclaturas para a classificação dos objetos têxteis e de vestuários integrantes do Acervo Olly e Werner Reinheimer foi realizado por meio do estudo especializado de cada tipologia. A principal problemática foi a escolha de vocabulários que comportassem a multiplicidade de peças para criação do vocabulário controlado do acervo. Tal como o estudo de objetos experimentais elaborados por Olly e a conciliação e transposição dos termos em vocabulários legitimados.

SUMÁRIO

A proposta de inventário de termos aplicáveis aos artefatos do vestir e o projeto de Terminologia do Vestuário

Na direção dos estudos sobre a denominação e utilização correta dos termos em português na esfera do vestuário e da moda, a professora Maria Cristina Volpi e suas alunas do PPGAV/EBA/UFRJ iniciaram uma proposta que visava definir termos aplicáveis ao campo do vestir. A proposta de inventário de termos aplicáveis aos artefatos do vestir foi criada pelas professoras Maria Cristina Volpi e Mara Rúbia Sant'Anna (Universidades do Estado de Santa Catarina) em 2017, com o objetivo de padronizar a base de dados com material confiável para a elaboração de pesquisas no campo do vestuário e da moda. Principalmente propor um novo material que contemplasse a dinâmica do objeto vestuário e suas alterações de usos, funções e formas de construção, para além dos vocabulários já estabelecidos.

O projeto foi fundamentado no trabalho de origem francesa de dicionário histórico (*raisonné*) e enciclopédia de termos aplicados à cidade dividido em quatro eixos: as categorias das cidades, as divisões da cidade, os tipos de moradia, as vias e espaços abertos. *A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades*, organizado por Christian Topalov; Stella Bresciani; Laurent Coudroy de Lille; Hélène Rivière d'Arc, editado no Brasil em 2014. Pesquisadores de diferentes países escreveram verbetes sobre o fenômeno urbano e a riqueza semântica do português e do espanhol, e apresentaram as permanências e mudanças na língua falada dos habitantes, com destaque para a Península Ibérica e Américas. E também deve-se ressaltar a experiência da professora Mara Rúbia em projeto semelhante coordenado por George Bichoff na *Université* de Strasbourg, entre 2010 e 2013, com o propósito de criação de um *Dicionário Histórico da Liberdade*, publicado pela Editora Le Monde em 2015.

O projeto Terminologia do Vestuário percorreria as seguintes etapas: o contato e a apresentação da ideia para diferentes pesquisadores que poderiam se interessar, e que tivessem também outros projetos relacionados à temática; a elaboração coletiva para a criação

de um projeto de pesquisa; a definição de um cronograma de pesquisa, com etapas para o desenvolvimento do banco de dados e sua aplicação, testagem e consolidação; e o debate dos resultados alcançados.

Nos primeiros encontros foi desenvolvida uma arborescência de Termos de Vestir, inspirada na publicação organizada por Christian Topalov, dividida em quatro eixos e subdivisões:

1. As categorias do campo:
 - 1.1. Conceitos
 - 1.2. Ofícios
 - 1.3. Objetos
 - 1.4. Comunicação de moda
2. As divisões da roupa:
 - 2.1. Civil
 - 2.2. Militar
 - 2.3. Religioso
3. Os tipos de roupa:
 - 3.1. Peças
 - 3.2. Matéria prima
4. Os espaços de produção e consumo:
 - 4.1. Ateliê
 - 4.2. Boutique
 - 4.3. E-commerce
 - 4.4. Fábrica
 - 4.5. Facção/confecção
 - 4.6. Galeria
 - 4.7. Loja de departamento
 - 4.8. Shopping
 - 4.9. Vitrine

No processo de realização da arborescência o item três, sobre a tipologia das peças, foi definido como o inicial para o desenvolvimento

da base de dados. Nesse momento, o VTB do ICOM, disponibilizado no site do comitê em inglês, francês, espanhol e alemão, foi consultado, na qualidade de um vocabulário que abarca a divisão dos tipos de roupas e suas estruturas.

A partir dessa conjunção, o cotejamento nas três línguas principais do VTB e a tradução dos termos principais de vestuários para o português brasileiro passou a ser uma necessidade para o uso mais apropriado dos termos de vestuário e acessórios. Nessa altura, as alunas de doutorado integrantes do projeto tiveram a tarefa de cotejar e traduzir o vocabulário de termos básicos do ICOM. Entretanto, a atividade não foi simples. Assim, o projeto identificou a urgência na determinação dos termos precisos para que a proposta de origem, sobre o estudo das significações e alterações das palavras no campo do vestir, pudesse ser realizada.

No final de 2017, a professora JANINE PIMENTEL, da Faculdade de Letras da UFRJ, foi consultada para que realizássemos a tradução dos termos do VTB a partir de uma metodologia adequada. JANINE PIMENTEL, entretanto, sugeriu um novo projeto de tradução a partir da metodologia de equivalências, em que seriam delineados termos equivalentes coletados em *corpus* textual constituído de publicações da área de vestuário e da moda. Desse modo, a proposta de inventário de termos aplicáveis aos artefatos do vestir foi descontinuada.

No ano de 2018, o projeto Terminologia do Vestuário foi iniciado e desenvolvido conjuntamente com as professoras JANINE PIMENTEL e MARIA CRISTINA VOLPI, com a finalidade de criar a versão em português do Brasil do glossário de termos da área de vestuário do ICOM. Com equipe multidisciplinar nas áreas de tradução e terminologia, história, vestuário e museologia, o projeto foi desenvolvido graças a uma parceria entre a Faculdade de Letras e a Escola de Belas Artes da UFRJ, o Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e o Museu Histórico Nacional (MHN).

SUMÁRIO

As etapas de desenvolvimento do projeto consistiram, em ordem de realização, na construção de um *corpus* textual para formar uma base de termos em português brasileiro relacionados ao vestuário, tradução do Vocabulário de Termos Básicos, aplicação dos termos em acervo, produção de artigos sobre as experiências e questões suscitadas durante a pesquisa.

A tradução do vocabulário constituiu a fase mais extensa do projeto, e foi desenvolvida a partir da versão original do Vocabulário de Termos Básicos do ICOM, na língua inglesa. O processo demandou sucessivas reuniões e discussões em equipe, incluindo, quando necessário, o cotejamento das versões em francês e em espanhol do vocabulário.

Tal etapa contou também com a validação dos termos traduzidos. A equipe foi ramificada em grupos que trabalharam separadamente nas seções referentes ao vestuário feminino, vestuário masculino, e ao vestuário infantil, presentes no glossário. Cada um dos termos traduzidos foi avaliado sob critério de confirmação em diferentes fontes como o *corpus* textual, periódicos, manuais técnicos, glossários e vocabulários especializados, dicionários e lojas virtuais. Para casos de termos não validados nas fontes estabelecidas, especialistas externos à equipe do projeto e atuantes no campo de estudos do vestuário foram consultados a partir de um questionário. Assim, as propostas de tradução puderam ser analisadas de modo abrangente e diversificado, e debatidas dentro de um escopo de profissionais especializados na área.

Durante o trabalho de tradução e composição do glossário em português, a estrutura original do ICOM foi mantida, porém sua lógica foi repensada para uma melhor adaptação. O original apresenta uma vasta gama de termos variantes específicos ou historicamente datados que correspondem ao perfil dos acervos a partir dos quais o vocabulário foi desenvolvido. A opção por uma lógica mais genérica e simplificada foi adotada em vista das particularidades da língua portuguesa do Brasil e, sobretudo, da realidade dos acervos brasileiros.

SUMÁRIO

Considerando o percurso da pesquisa, seus obstáculos e desdobramentos, a produção de textos e artigos segue o intuito de relatar e registrar as experiências adquiridas durante o processo. O projeto Terminologia do Vestuário buscou suprir uma das necessidades centrais do campo de estudos do vestuário no Brasil, visando o aprimoramento e expansão do acesso a acervos de indumentária no país.

REFERÊNCIAS:

AMAZONAS, Achimedes Ribas. Políticas de museus do governo Lula da Silva. *In: Anais do VI Enecult: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Universidade Federal da Bahia, 25 a 27 Maio 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24387.pdf> . Acesso em 20 de abril de 2018.

ANDRADE, Rita Morais de. Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções. *In: Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n. 7, p. 10-31, 2016. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Musas7.pdf> . Acesso em 20 de abril de 2018.

ÁVILA, Afonso; CONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco Mineiro Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. 3. ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

BASS-KRUEGER, Maude. Fashion Collections, Collectors, and Exhibitions in France, 1874–1900: Historical imagination, the spectacular past, and the practice of restoration. *In: Fashion Theory*. Vol. 22, n. 4, p. 1–29, 2018.

BENARUSH, Michelle Kauffmann. **Termos básicos para a catalogação de vestuário**. Rio de Janeiro: Nova Imprensa Oficial do estado do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.museusdoestado.rj.gov.br/termos_basicos/termos_basicos.pdf . Acesso em 15 de dezembro de 2020.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Monges de Maredsous. 145. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2001.

BONADIO, Maria Claudia. A moda no MASP de Pietro Maria Bardi (1947-1987). *In: Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 22, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/mjbmSQPYCK5nMK5fGnfGzgN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 7 de outubro 2018.

SUMÁRIO

COELHO, Beatriz. Materiais, técnicas e conservação. *In*: _____. **Devoção e Arte**: imaginária religiosa em Minas Gerais. São Paulo: USP, 2005. p. 233-280.

DELFOSSÉ, Annick. Vêtir la Vierge: une grammaire identitaire. *In*: **Quand l'habit faisait le moine. Une histoire du vêtement civil et religieux em Luxembourg et au-delà**. Bastogne, 2004. p. 199-208. Catálogo. 2004

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**. Tradução de: SOARES, B. B.; CURY, X. M. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DUNCAN, Emilia. **Entrevista concedida a Hellen Alves Cabral**. Rio de Janeiro, 26 set. 2019.

FERREZ, Helena Dodd. BIANCHINI, Maria Helena S. **Thesaurus para acervos museológicos**. Ministério da Cultura, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos. Rio de Janeiro, 1987. 2 vol.

_____. **Tesouro de objetos do patrimônio cultural nos museus brasileiros**. Prefeitura do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.tesauromuseus.com.br/>. Acesso em 02 de setembro de 2017.

FRANÇA, João Lopes. Inventário dos bens da Capella de Nossa Senhora Aparecida a cinco de janeiro de 1750. Inventário dos bens da Capella de Nossa Senhora Aparecida 1745-1750. *In*: **Instituição da Capella de Nossa Senhora Aparecida, 1750**. (cópia feita por Júlio João Brustoloni em 1978).

_____. Inventário dos bens pertencentes à Capella de Nossa Senhora Apaparecida, 1750. *In*: **Instituição da Capela de Nossa Senhora Aparecida 1743-1867**, v. 2 (cópia feita em 1895).

ICOM - **Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume / ICOM International Committee for the Museums and Collections of Costume**. Disponível em: <http://terminology.collectionstrust.org.uk/ICOM-costume/>. Acesso em 25 de novembro de 2020.

ICOM - **International Committee for the Museums and Collections of Costume. Terminology**. Disponível em: <http://costume.mini.icom.museum/publications-2/terminology/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2021.

LIVRO de Instituição da Capela de Nossa Senhora Aparecida 1743-1867. Aparecida: Arquidiocese de Aparecida, 1743-1867, v. 2 (cópia feita em 1895).

LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DE GUARATINGUETÁ 1757-1858, n. 2. (cópia feita por Margarida Pereira).

SUMÁRIO

MUSEU DA MODA BRASILEIRA. **Google Arts & Culture**, 2022. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/museu-da-moda-brasileira>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

OLIVEIRA, Ana Karina Rocha de. **Calçola não é calcinha**: o museu do traje e do têxtil e o tratamento documental de um conjunto de peças de “roupas brancas”. ECOM – Encontro Nacional de Pesquisa em Moda, 1, 2011, Goiânia. Anais ... Goiânia: Faculdade de Artes Visuais / UFG, 2011.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. (Coleção Estudos Museológicos, v.2).

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. Tecidos no museu: argumentos para uma história das práticas curatoriais no Brasil. **Anais do Museu Paulista**. v. 14, n° 2, São Paulo, 2006.

_____. **Tecidos e sua conservação no Brasil**: museus e coleções. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006.

SALGADO, Joaquim Procopio Picão. Auto do Inventário a 22 de setembro de 1805, f. 27–40 *In*: **Instituição da Capella de Nossa Senhora Aparecida, 1750**. (cópia feita por Júlio João Brustoloni em 1978).

SANT’ANNA, Patrícia. **Coleção Rhodia**: Arte e design de moda nos anos sessenta no Brasil. Tese (Doutorado em História da Arte). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2010.

STEELE, Valerie. Museum quality: the rise of the fashion exhibition. *In*: **Fashion Theory**, vol. 12, n.1, pp. 7-30, 2008.

SVENDSEN, Lars. Moda e arte. *In*: **Moda**: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TOPALOV, Christian; BRESCIANI, Stella; COUDROY DE LILLE, Laurent; RIVIÈRE D’ARC, Hélène (Orgs.). **A aventura das palavras da cidade. Através dos tempos, das línguas e das sociedades**. São Paulo, Romano Guerra, 2014.

VOLPI, Maria Cristina. **O Centro de referência Têxtil/Vestuário**: Relato de um processo. *In*: ANPAP, 2010. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/maria_cristina_volpi_nacif.pdf. Acesso em 27 de janeiro de 2016.

_____. As roupas pelo avesso: cultura material e história social do vestuário. **Revista Dobras**. São Paulo: Estação das Letras e Cores. V.7, n° 15. Março 2014. p. 71-7.



Maria do Carmo Rainho

**CLASSIFICANDO
A INDUMENTÁRIA
NO MUSEU:
UMA ABORDAGEM
BIOGRÁFICA DAS COLEÇÕES
DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**

DOI:10.31560/pimentacultural/2023.97693.3

As discussões aqui apresentadas são parte das atividades desenvolvidas em um programa de trabalho realizado entre 2016 e 2019 no Museu Histórico Nacional.³⁶ Visando a uma reflexão sobre o lugar da roupa e da moda em um museu de história; a difusão dos acervos de indumentária; e, o estímulo à pesquisa e à produção de conhecimento com base nestas coleções, as ações do programa de trabalho consistiram, na organização de eventos, como seminários e fóruns, na apresentação e publicação de textos, em atividades de avaliação do tratamento técnico das coleções e na redação de projetos de exposição.

No que se refere especificamente à análise da classificação das peças de indumentária, foi produzido um Diagnóstico, entregue à Direção do Museu, em 2016, no qual se observou a necessidade de maior controle do vocabulário empregado, de forma a se obter uma padronização na descrição dos itens, e de atentar para um uso mais acurado dos termos do *Thesaurus para acervos museológicos*, de Helena Ferrez e Maria Helena Bianchini, obra adotada pela instituição. Nesse sentido, foi recomendada uma revisão geral das fichas das coleções de indumentária, indicando-se os problemas mais comuns encontrados em seus diversos campos.

Em novembro de 2017 o Museu Histórico Nacional foi convidado a integrar o projeto Terminologia do Vestuário, liderado pelas professoras JANINE PIMENTEL (Faculdade de Letras da UFRJ) e MARIA CRISTINA VOLPI (Escola de Belas Artes/UFRJ), então em fase de elaboração, e para o qual fui designada como uma das representantes da instituição. O projeto, iniciado em março de 2018, visa a criar a versão em português (do Brasil e de Portugal) do *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume* estruturado pelo *International Council of Museums (ICOM)*,³⁷ de modo a estimular e garantir o emprego de terminologia adequada por parte de museus, bibliotecas e arquivos dos países que possuem a língua portuguesa como idioma oficial.

36 Graças a um Acordo de Cooperação Técnica, firmado com o Arquivo Nacional, atuei como pesquisadora, em tempo parcial, no Museu.

37 Disponível em inglês, francês, espanhol e alemão. Disponível em: <http://terminology-collectionstrust.org.uk/ICOM-costume/>. Acesso em 8 de dezembro de 2020.

Um dos desdobramentos do projeto prevê a aplicação do *Vocabulário* na revisão das fichas dos 690 itens de indumentária da coleção Sophia Jobim, do Museu Histórico Nacional, escolhida por sua representatividade no que se refere à cronologia, dimensões e raridade.

Este texto está dividido em três seções: na primeira discutimos porque as coleções de indumentária dos museus são, ainda hoje, subestimadas, pouco exploradas e difundidas no país e como a classificação impacta nessa questão. Em seguida, centramos nossa análise no lugar ocupado pelos itens de indumentária no Museu Histórico Nacional, sua aquisição e classificação em diferentes momentos. Na última parte examinamos, especificamente, as fichas dos objetos de indumentária da instituição e as informações disponíveis, na atualidade, aos usuários internos e externos, entendendo que a classificação e a terminologia podem configurar um interessante campo investigativo sobre a biografia dos objetos.

SUMÁRIO

COLEÇÕES DE INDUMENTÁRIA EM MUSEUS BRASILEIROS: CLASSIFICAÇÃO, ACESSO E DIFUSÃO

Na grande maioria dos museus brasileiros, públicos e privados, os acervos de moda e indumentária se caracterizam, ainda hoje, por uma quase invisibilidade. Conforme aponta Cândido (2014, p. 62) as buscas pelos termos Moda, Têxtil, Roupas, Vestuário, Traje, Figurino e Indumentária nos campos “Nome do Museu” e “Descrição do Acervo” do Cadastro Nacional de Museus,³⁸ indicavam que, dentre as mais

38 O Cadastro Nacional de Museus, ferramenta criada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2006, permite um mapeamento de instituições museológicas, públicas e privadas, de todas as regiões do país. Com base nas informações coletadas foram editadas duas publicações em 2011: *Museus em Números* e *Guia dos Museus Brasileiros*. Durante meses, em 2012 e 2013, o cadastro ficou fora do ar, impedindo as consultas online e a pesquisa de dados atualizados sobre as instituições. A partir de 2015 o Cadastro migrou para a plataforma Museusbr. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/>. Acesso em 8 de dezembro de 2020.

de três mil instituições públicas e privadas recenseadas, apenas vinte e uma custodiam acervos dessa natureza, embora se saiba que o número é bastante superior. Uma vez que o preenchimento do Cadastro estava a cargo dos próprios museus, depreende-se, dos dados obtidos pela autora, que haveria um desconhecimento dos acervos de indumentária conservados por eles ou mesmo uma subestimação destes artefatos em detrimento daqueles de outras tipologias.

Ao tentarmos refazer a pesquisa, percebemos que, na plataforma Museusbr, que substituiu o Cadastro Nacional de Museus a partir de 2015, encontram-se, atualmente, 3.928 museus, dos quais apenas sete são identificados como museus de indumentária e moda.³⁹ Ocorre que desde 2012, antes ainda do desenvolvimento da nova plataforma, deixou de ser possível a pesquisa no campo “Descrição do Acervo”, o que explica porque utilizando-se os termos listados por Cândido chegamos a um resultado ainda mais reduzido. Baseada apenas nos nomes dos museus e privilegiando a sua localização geográfica, o resultado da pesquisa hoje acaba por não dar a ver relevantes instituições detentoras de coleções de indumentária como o Museu Histórico Nacional, o Museu Henriqueta Catharino, o Museu Imperial e o Museu de Arte de São Paulo. Ao limitar os termos Moda, têxtil e Indumentária ao campo “Nome”, o resultado se restringe às seguintes instituições: Museu da Moda – MUMO (MG); Casa da Marquesa de Santos – Museu da Moda Brasileira (RJ); Museu da Indumentária e da Moda – virtual (SP); Museu do Têxtil e da Moda da Universidade Regional de Blumenau (SC); Museu da Moda Ney Sousa (SC); Museu da Moda (RS); Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas (MG).⁴⁰

Embora a pesquisa na plataforma Museus.br permita o cruzamento das informações dos seus diversos campos, os resultados restringem-se ao “Nome do museu”; “Estado da Federação”; “Tipo” (tradicional/clássico; virtual; museu de território/ecomuseu; unidade

39 Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/> . Acesso em 9 de julho de 2021.

40 Ibidem.

de conservação da natureza; jardim zoológico, botânico, herbário, oceanário, planetário); “Temáticas” (Artes, Arquitetura e Linguística; Antropologia e Arqueologia; Ciências Exatas, da terra, biológicas e da saúde; História; Educação, esporte e lazer; Meios de comunicação e transporte; Produção de bens e serviços; Defesa e segurança pública).

E, apesar de dispor de campos para as informações relativas a cada um dos museus – “Sobre”, “Agenda”, “Público”, “Mais Info” – o site não estabelece um padrão de descrição. Assim, no campo “Sobre”, enquanto algumas instituições apresentam um histórico, outras indicam como é realizada a gestão institucional ou exibem dados quantitativos sobre o acervo. A título de exemplo, efetuamos uma pesquisa sobre três museus, todos localizados na região sudeste e, que, sabidamente, custodiam itens de indumentária: Museu Histórico Nacional, Museu Paulista da Universidade de São Paulo e Museu Mariano Procópio. Observamos, em primeiro lugar, que apenas o Museu Histórico Nacional registra, no campo “Sobre”, a quantificação e a tipologia das suas coleções, em uma entrada intitulada “Descrição”, que contempla, inclusive, o termo indumentária.⁴¹

Quanto à busca efetuada diretamente nos sites destes museus, a partir do link disponível na plataforma, observa-se o lugar ou o não lugar das coleções de indumentária. O Museu Histórico Nacional divide a seção “Acervo” do site institucional nas seguintes categorias: Arquivístico, Bibliográfico, Museológico e Publicações. Na categoria Museológico destacam-se as coleções de numismática e indicam-se “outras tipologias de bens tridimensionais – cerca de 22 mil itens de arte religiosa, joalheria, cestaria, brinquedos, obras de arte, armaria, têxteis, entre outros objetos datados dos séculos XVI ao XXI”⁴². Note-se que a palavra indumentária não é mencionada, fazendo com que um

41 “O museu é uma das unidades museológicas do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e possui um vasto acervo constituído por cerca de 300 mil itens. São manuscritos, iconografia, mobiliário, armaria, esculturas, indumentária, entre outros.” Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/201228/> . Acesso em 15 de julho de 2021.

42 Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br/index.php/acervo/> . Acesso em 8 de dezembro de 2020.

SUMÁRIO

interessado no tema ou um pesquisador menos experiente seja levado a pensar que roupas não integram as coleções do museu, ao contrário das joias, claramente citadas. Fica subentendido que é na tipologia mais ampla dos têxteis que a indumentária está inserida, mas, de todo modo, aquela não contempla sapatos, bolsas e acessórios.

No site do Museu Paulista, o acervo é descrito do seguinte modo: “O Museu Paulista conta com um acervo de mais de 450.000 unidades, entre objetos, iconografia e documentação arquivística, do seiscentismo até meados do século XX, eixo para a compreensão da sociedade brasileira, a partir do estudo de aspectos materiais da cultura, com especial concentração na História de São Paulo.”⁴³ Aqui privilegia-se o termo “objetos” sem que eles estejam elencados, sejam louças, indumentárias civil e militar, embalagens ou quaisquer outros.

Quanto ao Museu Mariano Procópio, em sua “Apresentação” no site, descreve o acervo do seguinte modo:

[...] trata-se de uma coleção nacional e de relevância internacional, entre pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, livros raros, documentos, fotografias, mobiliário, prataria, armaria, numismática, cartofilia, indumentária, porcelanas, cristais e peças de História Natural. [...] Os trajes da coroação, da maioridade e do casamento de D. Pedro II e o traje de corte da Princesa Isabel estão entre as mais significativas peças da indumentária da instituição. (Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/mapro/ . Acesso em 14 de dezembro de 2020.)

O menu disponível no site, apresenta, ainda, a seção “Acervo Online”, na qual somos direcionados para um banco de dados. Contudo, a busca por termos como indumentária, roupa, uniforme, casaca, sapatos, não retornou nenhum resultado, evidenciando que o controle do acervo de 53 mil objetos pode não estar integralmente realizado ou que o acervo está controlado em fichas, mas, as informações ainda não migraram para o meio digital. De todo modo, tenham sido ou não descritos, chama a atenção o fato de que, a despeito da relevância

43 Disponível em: <http://www.mp.usp.br/acervo> . Acesso em 8 de dezembro de 2020.

que o próprio museu atribui a alguns itens de indumentária, nenhum artefato desta tipologia seja exibido em seu site.

A pesquisa no Cadastro Nacional de Museus e na ferramenta Museusbr revela que o controle da informação sobre as coleções de indumentária não tem sido um foco de atenção dos museus brasileiros e isso se reflete nas ações de difusão e acesso: ainda são escassos os catálogos, instrumentos de pesquisa ou bancos de dados que registram artefatos, croquis, fotografias e documentos textuais referentes ao tema. Ressalte-se, ainda, que esta prática diz respeito não apenas aos museus, mas, também aos arquivos, bibliotecas e centros de documentação e pesquisa.

No que se refere especialmente à classificação dos itens de indumentária pelos museus, Rita Andrade observa que:

[...] a ausência de um modelo de descrição de indumentária que possa ser utilizado pelos departamentos de documentação em museus parece ser crítica para o atual estado de inacessibilidade à informação e também à invisibilidade dos acervos no sistema atual do CNM/Ibram, que poderia ser uma plataforma nacional de acesso à informação básica sobre o conjunto de coleções de indumentária em museus brasileiros. (ANDRADE, 2016, p.13)

Contribuem para isso, no nosso entendimento, aspectos como uma identificação incompleta e/ou errônea destes artefatos, manifestas, por exemplo, nas dificuldades de associar o objeto a um determinado gênero ou uso; a incapacidade de estabelecer uma datação correta, o local de produção, a origem das peças e seus materiais. Além disso, algumas instituições não utilizam vocabulário controlado voltado à indumentária, enquanto outras dispõem de terminologias que são empregadas apenas parcialmente. Outra questão refere-se às fichas dos objetos em que os campos são alimentados livremente. Neste caso, a inexistência de um vocabulário controlado pode resultar em campos incompletos ou, por outro lado, dar margem a um excesso de subjetividade, o emprego de termos criados pelo responsável pelo

SUMÁRIO

preenchimento e/ou longas descrições. Finalmente, ressalta-se a necessidade contínua de revisão das informações, embora se reconheçam as dificuldades inerentes a esta ação, a começar pelas equipes reduzidas atuando nos museus brasileiros.

Entendemos que o processo de musealização não consiste meramente na entrada de um objeto no espaço físico de um museu, implicando na sua seleção, aquisição, classificação e apresentação. E este processo não se esgota aí, posto que, em sua biografia o objeto museal está sujeito a diferentes enquadramentos classificatórios e informacionais, “ligando-os a categorias criadas socialmente e que são cada vez mais percebidas como transitórias, imprecisas e suplantáveis” (BRULON, 2015, p. 26).

Nesse sentido, partilhamos da ideia de uma agência na descrição dos objetos, uma vez que a linguagem não é algo puramente descritivo, posto que dizer algo é fazer algo: quando descrevemos um objeto, pessoa ou fenômeno, estamos fazendo o objeto, a pessoa ou o fenômeno, conformando a realidade por meio de palavras. (AUSTIN, 1990).

É necessário ultrapassar, portanto, a análise dos sistemas classificatórios como meros portadores de informações objetivas, compreendendo as classificações como algo permeado por acordos e disputas, configurando um campo investigativo sobre as diferentes interpretações dos artefatos e sobre as instituições mesmas.

Partindo dessas premissas, centraremos nossa atenção nos enquadramentos e classificações dos itens de indumentária do Museu Histórico Nacional, atribuindo a essa documentação museológica um papel especial na biografia dos objetos.

SUMÁRIO

O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL E AS COLEÇÕES DE INDUMENTÁRIA

O Museu Histórico Nacional conserva, atualmente, 258 mil itens, divididos em três grandes áreas: a **Reserva Técnica** onde se encontram cerca de 170 mil objetos tridimensionais, como as peças de indumentária, pinturas, esculturas, louças, brinquedos, moedas, medalhas, selos; a **Biblioteca**, com obras do século XVI ao XXI, incluindo livros raros e periódicos e o **Arquivo Histórico**, que contempla o acervo textual e iconográfico com aproximadamente 55 mil itens.⁴⁴ O museu mantém ainda o Arquivo Institucional, com documentos que registram a sua história bem como a de outros museus do Brasil. Ressalte-se que em cada uma dessas unidades verificam-se diferentes meios de acesso aos documentos (inventários impressos, base de dados, sites) e formas específicas de descrição e catalogação que podem ser mais ou menos profundas e mais ou menos padronizadas, consoante à época em que foram realizadas e os responsáveis.

Em uma pesquisa efetuada na base de dados SERET⁴⁵, da Reserva Técnica, com recorte nas coleções de indumentária, foi possível obter uma visão geral deste acervo, a partir de informações como a data de entrada dos artefatos, sua tipologia, marcos cronológicos, dentre outras, e avaliar padrões de descrição e aplicação da terminologia referente à temática. Como os resultados de pesquisa na base de dados reproduziam as fichas dos objetos, nos permitiram examinar, na íntegra, a classificação vigente.

Tratando especificamente dos artefatos de indumentária, vemos que o Museu, possui um acervo relevante, tanto no que se refere à quantidade e variedade, quanto à cronologia. Seguindo o esquema

44 Informações retiradas do site institucional. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br/index.php/o-museu/>. Acesso em 8 de outubro de 2020.

45 Pesquisa realizada em 2016. A base de dados encontra-se, atualmente, em processo de migração para a plataforma Tainacan, não podendo ser consultada.

classificatório proposto por Bianchini e Ferrez⁴⁶, na classe *Objetos Pessoais*⁴⁷, encontram-se, atualmente, 6217 itens⁴⁸ assim divididos:

Quadro 3.1: Classificação dos Objetos Pessoais no Museu Histórico Nacional

Subclasse	Nota de aplicação (delimita o uso do termo no sistema)	Quantidade
Acessórios de indumentária	Objetos usados para sustentar e/ou fixar peças de vestuário ou penteados, mesmo quando fragmentos, adereços de mão e cabeleiras que complementem trajes. Inclui abotoadura, alfinete de gravata, peruca, cinto, dentre outros itens.	924
Artigos de tabagismo	Objetos relacionados ao hábito de fumar, aspirar ou mascar tabaco, outras ervas e drogas.	936
Artigos de toalete	Objetos relacionados à higiene e estética pessoais e aos atos de vestir e calçar.	372
Artigos de viagem e campanha	Exclui mobiliário. Inclui mala, maleta, mochila.	76
Objetos de adorno	Inclui adornos indígenas, anel, bracelete, brinco, broche, colar, pingente, pulseira, relógio.	638
Objetos de auxílio e conforto pessoal	Objetos criados para suprir deficiências físicas dos seres humanos e/ou para lhes dar maior comodidade, e que não se incluem nas demais subclasses do item <i>Objetos Pessoais</i> , como bolsa, lenço, leque, porta-buquê, sombrinha.	476
Objetos de devoção pessoal	Objetos usados como símbolos de uma crença, para atrair a sorte ou afastar malefícios, que as pessoas, geralmente, trazem consigo, tais como amuleto pingente, crucifixo pingente, medalha devocional.	187
Peças de indumentária	Objetos usados como vestimentas ou calçados por seres humanos. Inclui, também, as coberturas de cabeça e máscaras que complementem trajes.	2608

Fonte: Bianchini e Ferrez, 1987; base de dados SERET/MHN

- 46 O esquema classificatório utilizado pelas autoras consiste em “três níveis básicos de terminologia, hierarquicamente relacionados: classes, subclasses e uma lista aberta de termos/nomes de objetos que pode ser expandida, de forma controlada, pelos usuários do Thesaurus, embora para algumas classes não tenham sido criadas subclasses.” (Bianchini; Ferrez, 1987, p. XXII).
- 47 Objetos criados para servir as necessidades pessoais dos indivíduos, tais como proteção e higiene do corpo, adorno, crença etc. Idem, p. 9
- 48 Dados fornecidos pela museóloga Jeane Mautoni, que atua na reserva técnica do MHN, em outubro de 2020.



SUMÁRIO

Dentre as peças mais antigas, está uma túnica do imperador da China, em seda policrômica, bordada com fios de ouro, com datação do século XVIII-XIX, pertencente à coleção Sophia Jobim. O museu conserva trajes do Brasil império; um vestido atribuído à Maria Bonita; uniformes civis e militares dos séculos XIX e XX e roupas de trabalho. E, ainda, peças de indumentária infantil, como camisolas de batizado, utilizadas por membros da “boa sociedade” do século XIX, trajes de festa junina, de cerimônia de primeira comunhão e roupas de uso cotidiano como camisetas e chinelos. Itens assinados por criadores estrangeiros - Balenciaga, Saint-Laurent, Guy Laroche, Valentino, Courrèges, Pucci - e brasileiros - Zuzu Angel, Dener, Mena Fiala, Guilherme Guimarães, Markito, Lino Villaventura, Isabela Capeto, Ronaldo Fraga, Faúse Hatem e Alexandre Herchcovitch - também integram a coleção da Reserva Técnica, bem como peças de roupa íntima, trajes de praia, joias, leques, pentes, luvas, bolsas e sapatos. (ARAÚJO, 2014; BARROS, 1947; NACCARATO; LIMA, 2002; LIMA, 2001; MALTA; LOUZA, 2016; OLIVEIRA, 2018).

Muitos artefatos foram adquiridos por doação de particulares e, sobretudo, de instituições públicas e privadas, em diferentes épocas. Para a sua constituição em 1922⁴⁹ o Museu contou com a transferência do patrimônio até então sob a guarda do museu do Arquivo Nacional e do gabinete de numismática da Biblioteca Nacional. Examinando-se a “Estatística dos objetos do Museu por procedência”, de 1924, vemos que apenas do Arquivo Nacional foram encaminhados trezentos itens (Barroso, 1924, p. 202) muitos deles tridimensionais, incluindo adornos e peças de indumentária (BITTENCOURT; FERNANDES; TOSTES, 1995, p.69).

As coleções de indumentária ou as peças de indumentária integrantes de coleções constituem uma chave para se examinar as políticas de aquisição de acervos do Museu em diferentes momentos;

49 Decreto 15.596, de 2 de agosto de 1922. A inauguração ocorreu em 12 de outubro do mesmo ano, no âmbito das comemorações do Centenário da Independência do Brasil.

a preferência pelos chamados objetos auráticos e a sua fetichização; a hierarquização dos artefatos, criando uma espécie de dicotomia entre “objetos históricos e não históricos” (BITTENCOURT, 2003, p. 160). Quanto à inventariação e à classificação desses objetos, os termos empregados, as informações disponíveis e aquelas que são desconsideradas ou omitidas nas listagens e fichas, nos permitem pensar a ação de classificar como um modo de interpretar e produzir sentidos. A classificação não deve, portanto, ser naturalizada, entendida como algo desprovido de subjetividade.

A proveniência dos acervos de indumentária está relacionada especialmente a personalidades civis e militares e a temas considerados relevantes, sobretudo, nas primeiras décadas do museu, durante a gestão de Gustavo Barroso, seu primeiro diretor e que esteve à frente dele por mais de trinta anos.⁵⁰ A instituição era o lócus das classes dominantes: além dos militares, estavam ali representados a “boa sociedade” do império, os membros da nobreza, os barões e baronesas, em itens como a farda de cerimônia e o chapéu armado que pertenciam ao conde da Mota Maia, “fiel companheiro de Pedro II no exílio”;⁵¹ os vestidos estilo Império, datados de 1825, da viscondessa de Montserrat; o vestido de baile da baronesa de Loreto, dama da princesa Isabel, dentre muitos outros.

Nos limites deste texto, destacamos quatro momentos chaves relacionados à entrada de coleções de indumentária no Museu Histórico Nacional. O primeiro, a doação de 510 objetos pela viúva de Miguel Calmon nos anos 1930, é exemplar das relações que Gustavo Barroso mantinha com as elites do país, da tipologia de artefatos valorizada por ele e dos critérios que os tornavam atraentes ao museu - proveniência e biografia (do objeto e do seu usuário), como atesta a inventariação de alguns itens de indumentária: “anel do marquês

50 Gustavo Barroso dirigiu a instituição de 1922 a 1959, excetuando-se os anos de 1930-1932, quando foi afastado em função de seu apoio à candidatura de Júlio Prestes nas eleições presidenciais de 1930.

51 Processo de Entrada de Acervo n. 1/1922, Museu Histórico Nacional, 1922, p. 7.

de Abrantes”; “fivela de sapato de José Gomes de Vasconcelos Jardim, primeiro presidente da República de Piratini (1836)”; “leque inglês de madrepérola e incrustações de ouro e prata [...]. Pertenceu à Viscondessa do Rio Vermelho”.⁵²

O segundo momento refere-se à entrada da coleção Sophia Jobim, em 1968,⁵³ que se difere por ser fruto de um investimento maciço no colecionismo dos itens de indumentária, alvo principal do interesse profissional da doadora. A doação efetuada por Sophia também se destaca por romper com um padrão comum ao período de Gustavo Barroso: não rememorava fatos históricos nacionais e tampouco trazia significados simbólicos ligados aos sentimentos patrióticos. De todo modo e, embora, promova uma quebra no que tange às doações realizadas por mulheres ao Museu, ainda se evidencia a importância dada pela instituição à proveniência das peças e à biografia dos doadores, majoritariamente membros das elites do país, na qual a museóloga se inscreve. Uma autoridade expressa, inclusive, no fato de que a coleção Sophia foi inventariada em sua casa, “obedecendo a orientação dos arquivos encontrados em sua biblioteca”.⁵⁴

Examinando-se os termos empregados na descrição das peças, observa-se o uso intensivo de adjetivos que comoditizam os artefatos; de termos que qualificam os portadores das roupas em função de sua origem, relações de parentesco e posse de bens criados por empresas ou agentes da moda investidos de autoridade: “imperador da China – precioso traje feito na Fábrica Real de Suchow, para

- 52 Relação dos Objetos doados ao Museu Histórico Nacional pela senhora Doutor Miguel Calmon du Pin e Almeida, levantada pelo conservador Classe G, Interino, Luiz Marques Poliano. Processo de Entrada de Acervo n. 15/1936, Museu Histórico Nacional, p. 36.
- 53 Sobre a coleção Sophia, que tem sido alvo de inúmeros e interessantes estudos nas últimas duas décadas, vale ressaltar que sua relevância consiste não apenas na grande quantidade de itens e na raridade de muitas de suas peças, mas, também, na variada tipologia (croquis, textos de aulas e palestras, correspondências, livros raros, cardápios, adornos, indumentária de diversos países). Todo esse acervo é conservado no Arquivo Histórico da Instituição – 6.626 documentos; na Biblioteca, que contempla mais de 1.500 obras e na Reserva Técnica com 690 itens.
- 54 Conforme Relatório redigido por Maria Laura Ribeiro, responsável pela inventariação. Processo de Entrada de Acervo n. 1/68, Museu Histórico Nacional, p. 1-2.

o Imperador, com símbolos decorativos – elementos de quatro séculos”; “Baile da Ilha Fiscal – 9 de novembro de 1889. Traje branco de cetim macau, com rosas em aplicação. Vestido da baronesa de Estrela, confeccionado por Worth – o grande costureiro da Rainha Eugénia Maria de Montijo de Guzman, condessa de Teba, esposa de Louis Napoleon III”; “vestido precioso da Corte de São Cristóvão, no nosso segundo Império, com rendas valencianas verdadeiras.” Evidencia-se, aqui, a visibilidade social de Sophia sendo conformada por meio da dimensão material, na posse e descrição dos bens.

A doação efetuada pelo indigenista Luís Felipe de Figueiredo, o Cipré (seu nome Xavante), em 1985, constitui um terceiro momento a ser destacado.⁵⁵ Integrada por 316 objetos de 41 nações indígenas, a aquisição da coleção Cipré, que contempla adornos, instrumentos musicais, de trabalho, de defesa, itens de indumentária, estatuetas (OLIVEIRA, 2012, p. 190) expressa o reconhecimento de uma lacuna por parte da instituição e a valorização dos artefatos indígenas em função da elaboração e uso. Na mesma direção, a classificação, realizada pela museóloga Marília Duarte Nunes, especialista em artefatos indígenas, atesta uma preocupação com a acurácia na descrição dos itens. Ressalte-se que a museóloga também atuou como curadora da exposição “Os donos da terra: o índio artista artesão”, organizada com a coleção Cipré, no Museu Histórico Nacional, em 1986 quando da entrada do acervo na instituição, tendo colaborado, em seguida com o *Thesaurus para acervos museológicos*.

O quarto momento não se refere a uma coleção de indumentária em especial, mas, a uma política ativa de aquisição de itens relacionados à temática, empreendida a partir da segunda metade dos anos 1980, pela museóloga Vera Lima. Nessa direção se inscreve a busca por uniformes civis e trajes de trabalho e a valorização de roupas criadas na contemporaneidade e por estilistas brasileiros, invertendo uma

55 O acervo foi doado por ao MHN por Luís Felipe de Figueiredo após a realização do evento Índios do Brasil: exposições, textos e debates, realizado em 1985, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

prática baseada, em linhas gerais, na superestimação da procedência das peças e dos seus usuários; na antiguidade e em uma concepção eurocêntrica e simbiótica de moda como sinônimo de criações dos costureiros internacionais.

CLASSIFICANDO A INDUMENTÁRIA NO MUSEU

Conforme observa Davallon, num museu “os objetos são sempre elementos de sistemas ou de categorias”. Entre os sistemas relacionados a uma coleção estão o inventário e a adoção de classificação que permita descrever e localizar rapidamente qualquer item entre os milhares ou milhões deles. E embora os usos modernos da classificação tenham sido influenciados fortemente pela informática, a documentação de coleções continua exigindo rigor, apoiando-se na construção e uso de um thesaurus capaz de descrever as diversas relações entre os objetos. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014, p. 35)

As atividades de catalogação no Museu Histórico Nacional são mencionadas desde o 1º Relatório de Direção, referente ao ano de 1922, contudo, a formalização dos preceitos relacionados a esta e a outras atividades atinentes ao trabalho em museus e a capacitação específica para os profissionais que neles atuavam se deu, efetivamente, com a criação do Curso de Museus, em 1932, durante a gestão de Rodolfo Garcia. Especificamente na disciplina *Técnicas de Museu*, a cargo de Gustavo Barroso, estavam contempladas, em sua “parte geral” a “organização, arrumação, catalogação e conservação” dos acervos. *Técnicas de Museu* sintetizava noções de documentação, pesquisa, preservação e comunicação e acabou consolidada no livro *Introdução à Técnica de Museus*, publicado pelo titular da disciplina, em 1946, e que constituiu as bases dos cursos de Museologia no país, uma obra de referência na área por muitas décadas. (MAGALHÃES, 2002)

SUMÁRIO

Toda a classificação de objetos do Museu Histórico Nacional segue, atualmente, o *Thesaurus para acervos museológicos*, elaborado por Helena Ferrez e Maria Helena Bianchini e publicado em 1987. Conforme apontam as autoras, a ideia de se elaborar o tesouro surgiu a partir da análise do processamento técnico do acervo museológico da instituição, nos anos 1980, quando “constatou-se a ausência de uma linguagem normatizada que possibilitasse, por meio do controle de sinônimos e homógrafos, uma nomenclatura consistente dos documentos/objetos e uma classificação sistematizada.” (BIANCHINI; FERREZ, 1987, p. XVII-XVIII) No que se refere à sinonímia, um mesmo objeto podia apresentar duas ou mais designações, como penico, urinol, vaso noturno; objetos homógrafos não vinham acompanhados de modificadores, não se diferenciando, por exemplo, palmatória (castigo) de palmatória (castiçal). Quanto à classificação, os objetos ora estavam reunidos por material (prataria, têxteis), ora pela disciplina encarregada de estudá-los (Filatelia, Numismática), ora pela técnica (cerâmica, escultura), ora pelo coletivo (armaria, joalheria) e ora pela função (meios de transporte, condecoração). (Ibidem)

A princípio pensado como uma lista autorizada de termos/nomes de objetos, ordenada alfabeticamente, o *Thesaurus* acabou se constituindo como uma iniciativa pioneira no sentido de sistematizar a linguagem utilizada na classificação do acervo do Museu Histórico Nacional, assegurando a recuperação mais precisa das informações. Em sua primeira versão ele seria utilizado apenas por aquele Museu, onde as autoras atuavam, mas, acabou ampliado por sugestão da equipe do Programa Nacional de Museus. Incorporando a terminologia empregada por diferentes instituições museais, a obra ganhou uma nova dimensão, chegando a 2.560 termos. Suscitou, também, questões interessantes relativas ao tratamento técnico de acervos museológicos, como a problemática de como lidar com partes e acessórios de objetos não mais existentes na sua integridade e, sobretudo, o que as autoras denominaram de “forte presença do espírito do colecionador nos museus” (BIANCHINI; FERREZ, 1987, p. XIX), que dificulta

a desmitificação dos objetos, hierarquiza os artefatos e contribui para consolidar as classificações consideradas clássicas.

Na apresentação da 1ª edição, Ferrez e Bianchini apontam a necessidade de o *Thesaurus* ser revisto e atualizado, na medida do seu uso e em função de três tipos de procedimento: adição de novos termos/nomes; ampliação ou restrição do significado de termos/nomes; eliminação de termos. Contudo, apenas em 2014 foi possível a Helena Ferrez executar, não a revisão, mas, uma nova versão do trabalho, publicada em 2016, com o título de *Tesouro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros*, contemplando 4.558 termos. (FERREZ, 2016, p. 9) Ressalte-se que, para a consolidação das duas edições, contou-se com a colaboração de especialistas de diferentes áreas e instituições.

Avaliando-se as fichas dos itens de indumentária custodiados pela Reserva Técnica do Museu Histórico Nacional verifica-se que, a despeito da mencionada obra de referência ser a base para o trabalho de classificação, existem algumas falhas e lacunas no controle das informações, a saber:

- A subtilização dos termos, com a aplicação de um número inferior àqueles disponíveis no *Thesaurus*;
- A classificação equivocada, com o uso de termos que não se referem a um determinado objeto;
- A grafia errada de nomes próprios ou dos termos, impossibilitando ao pesquisador chegar ao objeto;
- As falhas na padronização, tais como o emprego indevido de caixa alta – que, de acordo com o *Thesaurus*, deve ser utilizada apenas para termos autorizados – bem como o uso de ponto de interrogação após os termos;



SUMÁRIO

- A classificação de objetos como sapatos, abotoaduras, brincos, ora individualmente ora em par. Por exemplo, a abotoadura classificada com o nº 15195 faz par com a de nº 15198. Contudo, apenas na ficha da abotoadura nº 15195 as informações estão completas, incluindo material, estado de conservação, proprietário e a indicação de que é par da nº 15198. Na ficha deste bem, a maior parte dos campos está preenchida com a informação “Em Pesquisa”. No caso dos botões, existem três rigorosamente iguais (nº 18464, nº 18465, nº 18466), mas, apresentam informações diferentes. Dois são identificados com os mesmos materiais, local de origem (Grã-Bretanha) e fabricante (Ed. Warmfield. Birmingham); o terceiro indica no campo “País” a informação: “Em Pesquisa” e como fabricante Treble Stand Extra. Verificam-se, também, botões iguais, com a mesma descrição, cujas fichas não mencionam a existência dos outros, tal como ocorre no exemplo anterior. A reiteração desse modo de classificar os objetos – sem a adoção de um critério único e sem a articulação dos diferentes campos – impacta diretamente na qualidade da informação disponível aos usuários dificultando o acesso, a pesquisa e a difusão do acervo;
- O excesso de campos livres nas fichas de catalogação dos objetos. Como a base de dados não dispõe de tabelas vinculadas, o que obrigaria o responsável pela alimentação a se ater a uma lista de termos, acaba por estimular uma liberdade no preenchimento, revelando um universo de artefatos não condizente com o que se tem efetivamente. Por exemplo, pesquisando-se a palavra maiô, no campo objeto, são encontrados 19 itens, incluindo um biquíni, cadastrado como “Maiô biquíni (sutiã)”. Outro campo livre é “Autor/Fábrica”. Para testá-lo pesquisamos nomes de costureiros, estilistas e casas comerciais que, sabidamente, integram o acervo do museu. Criações de Dener, Isabela Capeto, Gerson, Pucci foram localizadas; contudo, peças da Casa Canadá, Alexandre Herchcovitch e Courrèges não apareceram nesta modalidade de pesquisa;

SUMÁRIO

- O campo “Termo” também é alimentado livremente. Embora o *Thesaurus* indique que a lista de termos/nomes dos objetos é aberta, podendo “ser expandida, de forma controlada pelos usuários,” na prática, se evidencia uma ausência de padronização, comprometendo a qualidade dos dados disponibilizados. A pesquisa por termo acaba sendo mais ou menos refinada, conforme o responsável pelo preenchimento da ficha;
- “Classe”, o “arcabouço de referência para se considerar o universo dos objetos coletados” (BIANCHINI; FERREZ, 1987, p. XXII), não é um campo livre e utiliza o vocabulário controlado, fazendo com que, em tese, a pesquisa fique restrita aos termos pré-estabelecidos no *Thesaurus*. Contudo, a análise da lista de termos da Classe 12.1 - Acessório de Indumentária, revela que a obra não é respeitada estritamente. Não constam, por exemplo, Adereço de mão, Alfinete de chapéu, Alfinete de gravata, Cabeleira, Chinó, Peruca, Trança, dentre muitos outros;
- Do mesmo modo, a lista da subclasse⁵⁶ “Objeto de Adorno” não respeita o que está indicado na publicação. Alguns termos, como Adorno indígena, Armação de cocar, toucado, balangandã, pulseira (escrava) não constam; por outro lado, há o acréscimo de termos que o *Thesaurus* inclui em outras subclasses, como Adorno floral, Adorno occipital, Adorno para ombros, Amuleto pingente, Arco, Bandana, para citar apenas alguns.

Deve-se observar, ainda, a impossibilidade de se fazer pesquisas cruzadas na base de dados, efetuando, por exemplo, uma busca com os termos “indumentária feminina – Brasil - década de 1950” ou “camisolas – Rio de Janeiro - século XIX”. Tampouco é possível uma pesquisa por campos isolados. Alguém que deseje examinar o estado de conservação das peças de uma determinada coleção necessitará acessar todas as fichas.

56 Subdivisão da classe principal onde os objetos estão reunidos por classes funcionais mais precisas. (Bianchini; Ferrez, 1987, p. XXII)

Concluindo o *Diagnóstico* sugere-se uma inventariação integral dos itens de indumentária do Museu Histórico Nacional, a revisão das fichas e, conseqüentemente, das informações disponíveis na base de dados, visando:

- Padronizar as listas de termos/objetos relativas aos itens de indumentária, da classe “Objetos Pessoais”;
- Eliminar termos incompatíveis com as listas de Classe e Subclasse;
- Pesquisar e incluir novos termos nas listas de Classe e Subclasse, consoante a terminologia utilizada pelo ICOM além de outras terminologias empregadas por museus brasileiros no que tange à indumentária e aos adornos;
- Complementar a lista de termos a ser empregada, de modo a facilitar a alimentação das fichas. Com um vocabulário controlado evita-se ou minimiza-se a falta de padrão atual. Esta atividade visa contemplar, também, peças de indumentária contemporâneas, que foram recolhidas ao Museu;
- Eliminar o uso abusivo da expressão “Em Pesquisa”;
- Estabelecer critérios para os textos do campo “Informações”;
- Criar parâmetros para indicar peças que se apresentam em pares como calçados, brincos, luvas, meias;
- O mesmo para itens repetidos, padronizando a forma de apresentá-los nas fichas;
- Analisar os registros fotográficos, providenciando novas fotos para todo o acervo de indumentária, ou, caso não seja possível, apenas para as peças que não estão fotografadas ou cujas reproduções não tenham boa qualidade.

SUMÁRIO

Procedendo-se a estas ações, será possível elaborar um panorama das coleções de indumentária e um diagnóstico em termos de conservação, mas também de constituição do acervo (períodos - temas - tipologias). Com isso, poderão ser respondidas questões como: o percentual ocupado pelas coleções de moda/indumentária no Museu (quantidade total de peças); as datas-limite; as lacunas do acervo, colaborando para a definição das políticas de aquisição.

A partir dessa avaliação, realizada em 2016, o então diretor da instituição, Paulo Knauss, sugeriu que se iniciasse o trabalho de revisão das fichas pela coleção Sophia Jobim, de modo a termos um conjunto fechado de objetos com a classificação padronizada, disponível aos usuários internos e externos. A oportunidade para empreender o trabalho se concretizou com o projeto Terminologia do Vestuário, iniciado em 2018, e que estabeleceu como uma de suas ações, a revisão das fichas daquela coleção.

Em maio de 2019, como um desdobramento desse projeto, teve início Indumentária e Memória, no acervo Sophia Jobim no Museu Histórico Nacional – MHN, coordenado pelo professor Madson Oliveira, da EBA/UFRJ, contando com três bolsistas daquela universidade, além da museóloga Jeane Mautoni, do Museu Histórico Nacional. O propósito do projeto, ainda em curso, consiste na produção dos registros fotográficos de todos os itens de indumentária da mencionada coleção. Paralelamente a essa atividade, tem sido realizado o cotejo dos objetos com as fichas descritivas, visando verificar possíveis incongruências. Além disso, foi efetuada pesquisa no acervo arquivístico de Sophia Jobim, que propicia dados complementares sobre os artefatos. Após essa primeira revisão, os termos integrantes do Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Traje (VTB) consolidados no projeto Terminologia do Vestuário serão aplicados em todas as fichas que passarão a exibir os novos registros fotográficos.⁵⁷

57 A previsão é que esse material esteja disponível no repositório Tainacan em 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 12 de fevereiro de 1939, Luiz Marques Poliano, escrevia ao diretor do Museu Histórico Nacional encaminhando a listagem dos itens recebidos em doação pela viúva de Miguel Calmon. Encarregado de receber os objetos e inventariá-los, ele observava a impossibilidade de produzir um estudo detido de cada peça, face à solicitação da Direção de uma classificação sumária e do grande número de artefatos “da mais diversa natureza”. Além disso, complementava que, em muitos casos, teve de seguir as indicações fornecidas pela doadora, Alice Calmon, constituindo-se o trabalho em um inventário inicial, base para um catálogo mais completo.⁵⁸ Depreende-se desta passagem o grau de intervenção a que ficavam submetidas as peças entradas no museu que, àquela altura, ao que parece, não seguiam classificação ou terminologia pré-estabelecida. Ressalte-se, ainda, que a doadora condicionou a entrega da coleção à realização de obras nos espaços do museu onde os objetos ficariam expostos, obra custeada por ela própria, conforme Poliano. O processo de musealização da coleção Miguel Calmon e a sua exposição, em sala batizada com o seu nome, dá a ver uma série de questões que envolvem a aquisição dos artefatos pelo Museu Histórico Nacional: os tipos de objetos que interessavam a Gustavo Barroso e os critérios que os tornavam relevantes, sendo a proveniência das coleções um aspecto fundamental; as relações entre Barroso e as elites políticas do país; as concessões que lhes eram feitas para o recebimento dos acervos.

Na classificação sumária e avaliação, realizadas por Poliano encontra-se uma penca de balangandãs, descrita como “balangandan de prata. Joia usada pelas africanas da Bahia. 2º. Reinado. Composto de 12 peças”.⁵⁹ Quarenta anos depois, quando 107 das peças

58 A tarefa de Poliano consistiu na elaboração de uma listagem, produzida, em grande parte, na casa da doadora. Os objetos não foram classificados por classe ou agrupados por função. Processo de Entrada de Acervo n. 15/1936, Museu Histórico Nacional, p. 43.

59 Idem.

da coleção Calmon, que se encontravam em exposição, foram inventariadas pela equipe do museu, entre 1979-1980, recebendo fichas descritivas, a penca de balangandãs foi incluída na categoria “prataria”, junto com dois paliteiros, também em prata.

Acredita-se que os primeiros balangandãs do Brasil tenham sido fabricados em Salvador, pelos negros islamizados do Daomei e nações vizinhas, os Malês. Os balangandãs eram usados pelas negras para afastar o mau olhado, demonstrar uma preferência devota, o pagamento de uma promessa feita ou uma simples recordação de um acontecimento feliz. (Inventário por Categoria dos itens da coleção Miguel Calmon em exposição. Processo de Entrada de Acervo n. 15/1936, op. cit., p. 26, 17 de setembro de 1980.)

A despeito da descrição associar a penca de balangandãs ao uso pessoal, a nosso juízo, ao enquadrar a peça levando em conta, primordialmente o material, esvaziava-se o objeto do seu sentido original, promovendo um apagamento que invisibilizava seus portadores. Incurria-se, também, em um anacronismo, ao classificar o objeto baseando-se em um novo uso do mesmo, comum a muitas casas brasileiras, conforme Roberto Conduru:

[...] dos corpos femininos as pencas de balangandãs chegaram aos espaços domésticos, pois foram aumentadas e adaptadas como peças de decoração. Assim, em paralelo aos vínculos com a corporeidade nacional, os balangandãs foram tratados como emblemas que ajudam a caracterizar certa visão do morar brasileiro. (CONDURU, 2013, 34).

Neste mesmo processo estão catalogados como acessórios de indumento sete leques dos séculos XVIII e XIX. E classificados como joalheria, três itens, dentre eles um colar em ouro e topázio, do século XVIII.⁶⁰ O que essa classificação evidencia? Qual o lugar ocupado, durante décadas, por um objeto de adorno usado por mulheres negras, em um museu de história? De que modo um pesquisador interessado

60 Inventário por Categoria dos itens da coleção Miguel Calmon em exposição. Processo de Entrada de Acervo n. 15/1936, op. cit., p. 26, 17 de setembro de 1980.

em indumentária chegaria até à peça nos anos 1980 se se detivesse apenas na categoria “acessórios de indumento”?⁶¹

A biografia cultural das coisas, nos termos de Appadurai, nos permite pensar a trajetória dos objetos e como mercadorias cotidianas são deslocadas e estetizadas, descontextualizadas e utilizadas em diferentes tempos e contextos.

É na estética da descontextualização (ela mesma motivada pela busca pela novidade) que está a essência da exibição, nas casas de ocidentais supostamente intelectualizados, de utensílios e artefatos dos ‘outros’: alforjes turcomanos, lanças massais, cestos dincas. (APPADURAI, 2008, p. 45).

No caso brasileiro, pencas de balangandãs que se tornam enfeites domésticos corresponderiam a esse desvio a que se refere o autor. Nos museus, os objetos também são colocados em contextos improváveis. Um objeto de museu é uma coisa transformada em objeto; este, em nenhum caso, é uma realidade bruta ou um simples item cuja coleta é suficiente para a sua entrada em uma determinada instituição. Os objetos de museu tampouco apresentam uma realidade intrínseca, eles são desfuncionalizados e descontextualizados, não servindo mais ao que eram destinados antes. (DESVALÉES; MAIRESSE, 2014, p. 70)

A vida social das coisas está indelevelmente relacionada à maneira como classificamos estas coisas, que é em si mesma, uma atribuição de valor; nesse sentido, importa acompanhar os deslocamentos dos objetos e as rotas de que foram extraviados, como propõe Appadurai: “parte do desafio antropológico é definir rotas relevantes e costumeiras, de sorte que a lógica dos desvios possa ser entendida de um modo apropriado e relacional.” (APPADURAI, op. cit., p. 45-46)

61 Na ficha do objeto, constante da base de dados atualmente, a peca de balangandãs tem suas doze peças identificadas e descritas e é qualificada como um artefato utilizado “na cintura no lado esquerdo da saia por mulheres crioulas ou negras [...] de grande significado ritual religioso, por ser a zona da fertilidade, perto do baixo ventre”.

Normatizar a classificação dos objetos, sob a forma de uma terminologia, bem como a sua aplicação mesma, não são ações neutras, objetivas, desprovidas de ideologia ou de uma historicidade. Tanto quanto os objetos mesmos, as classificações dão a ver as complexidades das sociedades e suas contradições. A começar pela escolha dos termos que integram o tesouro chegando a sua aplicação, estas ações podem “esconder” ou revelar um objeto ou atribuir categorias e termos diferentes a objetos já classificados, evidenciando uma nova maneira de abordá-lo e, sobretudo, de difundi-lo. Cada atualização realizada nos tesouros revela, ainda, as pautas e questões de um determinado tempo e lugar, incorporando à terminologia consolidada termos mais adequados consoante aos problemas que os museus se colocam ao olhar para os objetos. Finalmente, a organização de uma terminologia também pode provocar tensões ao iluminar a sacralização de determinados itens nos museus, dando a ver as políticas de aquisição, suas recorrências, ou, por outro lado, as suas falhas, lacunas e omissões.

A classificação não pode naturalizar o objeto, no sentido de hierarquizá-lo, atribuindo-lhe valor ou desqualificando-o, mas, se os artefatos são selecionados para dizer algumas coisas e não outras, deve-se pensar como classificar impacta nesse processo, posto que a classificação é um modo de interpretar, de produzir sentidos. Nessa direção, cabe tomar o tesouro não como uma fria listagem de termos, mas, como um instrumento de reflexão sobre os acervos dos museus em suas diferentes épocas e sobre os sujeitos que estão (ou não estão) ali representados.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Rita Morais de. Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 7, p. 10-31.

APPADURAI, Arjun. Introdução: Mercadorias e a política de valor. *In: _____*. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Eduff, 2008.

ARAÚJO, Vivian Greco Cavalcanti de. **O século XXI coletado: um estudo sobre a política de aquisição de acervo Museu Histórico Nacional, seu uso, seus critérios, sua aplicação**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio), Unirio-MAST, Rio de Janeiro, 2014.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

BARROS, Sigrid Porto de. A condição social e a indumentária feminina no Brasil colônia. **Anais do MHN**, vol. VIII, p. 117-154, 1947.

BARROSO, Gustavo. **Catálogo geral do Museu Histórico Nacional**. 1ª seção: Arqueologia e História. Rio de Janeiro, 1924.

BIANCHINI, Maria Helena S.; FERREZ, Helena Dood. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória/ Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987, 2 vol.

BITTENCOURT José Neves. Cada coisa em seu lugar. Ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. **Anais do Museu Paulista**, vol. 8/9, p. 151-174, 2000-2001 (editado em 2003).

BITTENCOURT, José; FERNANDES, Lia Silva P.; TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. Examinando a política de aquisição do Museu Histórico Nacional, **Anais do MHN**, vol. 27, p. 61-77, 1995.

BRULON, Bruno. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, vol. 25, n. 1, p. 25-37, jan./abr., 2015.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Potencialidades da musealização, desafios da informação: estudo de caso a partir de museus de indumentária e moda. **Expressa Extensão**, Pelotas, vol. 19, n. 2, p.55-65, 2014.

CONDURU, Roberto. Pérolas da liberdade: joalheria afro-brasileira. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p-31-39, mai. 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro/FUNARJ, 2014.

FERREZ, Helena Dodd. **Tesouro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros**, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 2016, p. 9.

LIMA, Vera; NACCARATO, Rosanna. Moda, mundo, museu: a pesquisa de moda no Museu Histórico Nacional, **Anais do MHN**, vol. 34, 2002, p. 319-332.

LIMA, Vera Lúcia. Apresentação, **Anais do MHN**, vol. 33, 2001, p. 237-239.

LOUZA, Wagner; MALTA, Marize. Coleção Sophia Jobim: um museu no museu. **Arquivos da Escola de Belas Artes**, n. 26, p. 207-222, 2016.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. O que se deve saber para escrever história nos museus. **Anais do MHN**, vol. 34, p. 107-130, 2002.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. **Gênero, Mulher e Indumentária no Museu: a Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional**. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio), Unirio, 2018.

OLIVEIRA, Mayara Manhães. Representações sobre os índios no Museu Histórico Nacional: apontamos sobre aquisições e exposições. **Anais do MHN**, vol. 44, p. 179-198, 2012.

SUMÁRIO



Madson Oliveira
Jeane Mautoni

**ATUALIZAÇÃO
DOS TERMOS BÁSICOS
DE INDUMENTÁRIA
NO ACERVO SOPHIA
JOBIM, DO MUSEU
HISTÓRICO NACIONAL**

DOI:10.31560/pimentacultural/2023.97693.4

Em 2014 foi implantada uma nova versão curricular do curso de Artes Cênicas – Indumentária, depois de muitos anos sem efetiva renovação estrutural. Este fato provocou vários desdobramentos e para esse texto importa saber que foi aventada a possibilidade da alteração do nome do Curso de “Indumentária” para “Figurino”, uma vez que os estudantes são preparados para atuar profissionalmente como figurinistas e não indumentaristas⁶².

A partir desse contexto, surgiram algumas questões: por que o curso de Indumentária, quando foi criado em 1949, como uma das dez especializações do Curso de Arte Decorativa (na antiga Escola Nacional de Belas Artes – ENBA), recebeu essa denominação? Quem o “batizou” assim? Para tentar responder essas indagações, em 2015, foi formalizado o Projeto de Pesquisa intitulado “Memórias dos Cursos de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da EBA”, coordenado pelos professores Madson Oliveira e Maria Cristina Volpi, ambos docentes daquele curso.

A primeira professora de Indumentária da EBA⁶³ foi Maria Sophia Jobim Magno de Carvalho (1904-1968) ou simplesmente Sophia Jobim, como ficou mais conhecida. Ela foi convidada a ministrar aulas naquela instituição, a fim de dar subsídios aos estudantes da Escola, repassando seus conhecimentos a respeito de como as diversas civilizações, ao longo do tempo, se vestiam e portavam suas indumentárias.

A professora Jobim permaneceu com essa incumbência até o ano de seu falecimento, em 1968. No entanto, ela teve uma vida profissional bastante produtiva e variada, orbitando em assuntos como Indumentária, Vestuário, Moda e Costumes. Seu espírito curioso e ávido por conhecimento tornou-a uma especialista nesses temas e, por isso mesmo, desenvolveu ações, como: colunista de moda, figurinista, ilustradora e colecionadora. Aliás, é sobre a atuação de Sophia, enquanto colecionadora, e sua coleção que nos referimos neste escrito.

62 OLIVEIRA, ELIAS (2014).

63 Até o ano de 1965, a Escola de Belas Artes – EBA, chamava-se Escola Nacional de Belas Artes – ENBA.

Desde 1968, o acervo que pertenceu à Sophia está sob a guarda do Museu Histórico Nacional – MHN, local em que ela frequentou (entre 1961 e 1963), quando esteve matriculada no Curso de Museus. Pela proximidade com o MHN e sendo conhecedora da importância histórica da instituição, tinha o desejo que sua coleção repousasse junto a outros tantos objetos que narram parte da história do Brasil e do mundo.

Assim, dividimos esse texto em duas partes principais, a saber:

a) **Por dentro do MHN** que presta-se a apresentar o Museu Histórico Nacional – MHN e contextualizar como a coleção Sophia Jobim – CSJ⁶⁴ está dividida, considerando o Arquivo Histórico, a Biblioteca e a Reserva Técnica, lugares que preservam a memória dos objetos para outras gerações; b) Em **Sophia Jobim, a colecionadora** adentramos melhor na coleção revelando como ela está subdividida na Reserva Técnica para, em seguida, chegarmos ao ponto central – a aplicação de um Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Indumentária (VTB) na CSJ. Para tanto, selecionamos algumas peças dessa coleção a fim de demonstrar o estado da questão sobre a nomenclatura empregada contemporaneamente.

O que nos trouxe até aqui foi o Projeto de Extensão Terminologia do Vestuário, liderado pela Profa. JANINE PIMENTEL com a participação de docentes e estudantes (graduação e pós-graduação) do Centro de Letras e Artes/UFRJ e de museólogas e pesquisadoras do MHN. Na primeira fase do Projeto, estruturamos e analisamos termos utilizados no vestuário de forma geral, tendo por base o Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Indumentária (VTB) desenvolvido pelo *International Council of Museums* – ICOM⁶⁵. A segunda parte do projeto de Extensão foi interrompida pela Pandemia de Covid-19, mas será retomada, logo que possível, e prevê a aplicação desse VTB na CSJ.

64 A Coleção Sophia Jobim é citada algumas vezes neste texto como CSJ (como abreviação), muito embora os códigos dos itens dessa coleção nos acervos na Biblioteca e no Arquivo Histórico iniciem com as letras SM, pois quando de sua classificação as letras SJ já eram usadas para identificar outra coleção.

65 O VTB internacional foi desenvolvido em três línguas: inglês, francês e espanhol.

Portanto, esse texto é a parte final do trabalho empreendido durante três anos para pôr em prática o esforço dos pesquisadores e da Reserva Técnica do MHN.

POR DENTRO DO MHN

O MHN é a única referência no RJ que registra a história da moda, pela notória coleção que possui. Sem fins lucrativos, constitui-se numa fonte de pesquisa ímpar. (NACCARATO; LIMA, 2002, p. 332).

O Museu Histórico Nacional – MHN foi criado pelo decreto presidencial nº 15.596, do dia 02 de agosto de 1922, e abriu as portas ao público no dia 12 de outubro do mesmo ano, por ocasião da Exposição Internacional do Centenário da Independência. O MHN foi idealizado e fundado por Gustavo Barroso que, desde o início da sua criação, passou a coletar objetos relacionados à história do Brasil (NACCARATO; LIMA, 2002, p. 321).

O Museu Histórico Nacional é o mais importante museu do país e o que possui o acervo mais numeroso, correspondendo a 243.197 itens catalogados sob a guarda do Ministério do Turismo (Plano de Gerenciamento de Riscos ao Patrimônio Musealizado do MHN, Processo SEI nº 01438.000663/2018-94). Seguindo o modelo de outras instituições museológicas, o acervo do MHN está dividido em três grandes setores que operacionalizam tanto a guarda, quanto as pesquisas possibilitando assim o acesso às informações.

ARQUIVO HISTÓRICO

A princípio, nos primeiros anos do MHN, não era feita uma distinção entre documento e acervo tridimensional, e nos primeiros grupos

de objetos incorporados à instituição encontravam-se muitos itens de caráter arquivístico.

No início dos anos 1940, os acervos documentais deixaram de ser expostos e passaram a ser guardados pela secretaria do museu. Desta forma, a transferência dos documentos de outras seções do museu, somada às constantes aquisições, passaram a constituir um acervo arquivístico.

Com relação à coleção Sophia Jobim, o Arquivo Histórico abriga uma grande quantidade de objetos genericamente denominados de documentos, contendo: a) Apontamentos manuscritos e datilografados (Agendas, Apostilas, Cartas, Censo / Certidões, Crônicas / *Curriculum*, Estudos, Materiais didáticos, Fichários, Gráficos, Listagens, Livros de assinaturas, Minutas / Ofícios, Poemas, Projetos de Lei / Leis, Receitas Culinárias); b) Textuais impressos (Cardápios, Cartões, Cartazes, Contas e Recibos, Convites, Diplomas, Guardanapos com anotações, Programas e Prospectos, Recortes de Jornais, Recortes de Revistas, Livros e Folhetos); c) Iconográficos (Cartões Postais, Fotografias, Aquarelas, Desenhos, Reproduções de arte – Gravuras, etc.), Moldes, Plástico (adesivo), Álbuns e Envelopes e outros (partituras e pastas).

Quanto à organização dessa coleção, foi privilegiado o arranjo por séries em função das atividades desenvolvidas pela titular. Excepcionalmente a última série, na qual foram reunidos documentos pessoais, além daqueles pertencentes ao marido dela, Waldemar Magno de Carvalho (1894-1967), cujos documentos foram também agrupados aos de Sophia por terem sido doados, como tudo indica, em conjunto com a coleção.

O quadro 4.1. abaixo mostra como está organizada a coleção Sophia Jobim, no Arquivo Histórico.

SUMÁRIO

Quadro 4.1 – Codificação da Coleção Sophia Jobim

SÉRIES/SUBSÉRIES	SIGLAS
Indumentária	SMi
Etnografia	SMe
História	SMt
Heráldica	SMh
Estudos	SMet
SÉRIE ARTÍSTICA	
Evolução do Vestuário	SMae
Trajes Típicos e Regionais	SMar
Figurinos Teatrais	SMat
Figurinos Alegóricos	SMaa
DIVERSOS	SMav
Museu de Indumentária	SMm
Clube Soroptimista	SMcs
Culinária, Corte e Costura	SMc
Viagens (carta, postais, menus)	SMv
Documentos Pessoais	SMdp
Correspondência	SMcr
Retratos	SMr
Waldemar Magno de Carvalho	SMw

Fonte: Arquivo Histórico do MHN (adaptado).

Outro importante setor que foi contemplado com o legado de Sophia Jobim foi a Biblioteca.

BIBLIOTECA

A Biblioteca do MHN foi fundada em 1922, mesmo ano de criação do museu, e inicialmente atendia apenas aos funcionários da instituição. Seu acervo é constituído por 64.000 itens bibliográficos com

o foco em Artes, Genealogia, História do Brasil, História do Rio de Janeiro, História de Portugal, Heráldica, Indumentária, Numismática, Museologia e temas afins.

Para a formação dessa coleção, a Biblioteca contou com significativas doações de grandes coleções particulares, como também de instituições públicas e privadas. Uma das coleções mais importantes da Biblioteca é a coleção Sophia Jobim, especializada principalmente em indumentária, artes, culinária e ilustração, sendo composta por: 200 periódicos, 219 folhetos e 1084 livros, além de 1 álbum com recortes.

A partir do inventário em Word fornecido pela bibliotecária Eliane Vieira da Silva transferimos os dados para um arquivo Excel, adicionando duas novas colunas (título traduzido e classificação), para organizar por assunto a lista. Por serem os livros o maior quantitativo dessa coleção, procedemos à separação em grupos temáticos, após realizar uma classificação por assuntos. Chegamos ao total de 14 grandes blocos de matérias identificadas no quadro 4.2. Aproveitamos para incluir o quantitativo em cada linha correspondente a um grupo, como vemos a seguir.

Quadro 4.2 – Quantitativo de livros da Coleção Sophia Jobim

Nº	Grupos de assuntos	Total
1	Arquitetura/Design/Turismo	25
2	Arte popular/Folclore	32
3	Ciências Sociais	101
4	Clubes e Associações	5
5	Corte e Costura/Modelagem/Design de Moda	35
6	Culinária/Manuais de etiqueta/Economia Doméstica/Trabalhos Domésticos	131
7	Esoterismo/Religião	43
8	História das Artes: Literatura, Teatro e Dança	260
9	Indumentária: Etnográfica, Histórica, Militar, Religiosa, Teatral/Têxteis	251
10	Leis	3
11	Lugares/Países/Continentes	66

12	Metodologia visual/Técnicas de Ilustração e Pintura/outras técnicas	86
13	Mulher	25
14	Museologia/Museus/Numismática/Heráldica	21
TOTAL GERAL		1084

Fonte: os autores.

Muitos dos livros da coleção Sophia Jobim não são mais publicados e a pesquisa naquele acervo junto à Biblioteca do MHN já vale a pena, só por isso. No entanto, à medida que vamos fazendo as conexões entre as fontes e as atividades profissionais e sociais dela, vamos adentrando mais e mais na mente e no posicionamento de Sophia e delineando melhor seu perfil, a fim de compreender suas escolhas.

Aliás, o terceiro acervo da coleção dá muitas outras pistas dos desejos da colecionadora, por meio dos objetos e peças de indumentária adquiridos, ao longo da vida, como vemos na próxima seção, Reserva Técnica.

RESERVA TÉCNICA

A reserva técnica é um espaço no museu destinado à preservação e guarda dos objetos do acervo que não estão expostos no circuito. A princípio, como foi comum em quase todos os museus, o MHN mantinha toda a sua coleção exposta. Mas, com o crescimento do acervo essa situação mudou e a criação de uma Reserva Técnica tornou-se imprescindível. A reserva técnica do MHN foi inaugurada no ano de 1984 e na época era o que existia de mais moderno em termos de acondicionamento e guarda de acervo. Em 2019, foi aprovada nova reforma na reserva técnica e outro mobiliário foi adquirido, mas com o advento da Pandemia de Covid-19, durante os anos de 2020 e 2021, a reforma ficou paralisada, tendo sido retomada em junho de 2021, com a retirada dos antigos armários para instalação dos novos – arquivos deslizantes.

Concomitante à instalação dos novos armários foi aprovado um projeto de conservação de 74 peças da CSJ, conjuntura perfeita para o retorno destas peças devidamente tratadas, para o novo mobiliário (mais adequado às coleções têxteis).

É na reserva técnica que a CSJ fica salvaguardada e após uma revisão e novos registros fotográficos, identificamos o quantitativo de 690 objetos, divididos em 28 grupos abaixo discriminados no quadro 4.3.

Quadro 4.3 – Síntese quantitativa de peças da Coleção Sophia Jobim na reserva técnica

CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE
Acessório de Indumentária	63
Acessórios de transporte terrestre	8
Acessório de Interiores	6
Amstras – fragmentos	7
Arma	6
Artigo de viagem – campanha	1
Artigo de tabagismo	2
Artigo de toalete	1
Embalagem	2
Equipamento artista - artesão	3
Equipamento comunicação – escrita	1
Escultura	5
Insígnia	2
Instrumento de sopro	1
Instrumento musical	6
Munição e Acessório	1
Objeto de auxílio – conforto pessoal	29
Objeto de adorno	124
Objeto de devoção pessoal	2
Objeto de iluminação	1
Objeto de interiores	1

Peça de indumentária	360
Peça de mobiliário	1
Pintura	2
Ritual	2
Souvenir	40
Trabalho ou objeto teatro	2
Utensílio de cozinha – mesa	11
TOTAL GERAL	690

Fonte: os autores.

Na síntese acima, percebemos três grupos com maior quantitativo e que nos interessa sobremaneira pelo conteúdo dos objetos: acessórios de indumentária (63), objetos de adorno (124) e peças de indumentária (360), sendo essas últimas de maior interesse para o tema aqui tratado: aplicação do vocabulário controlado às peças de vestuário.

No entanto, antes de passarmos ao acervo propriamente dito, é importante apresentar Sophia Jobim, focando naquela atuação que foi a epítome de sua vida: colecionadora / pesquisadora de indumentária.

SOPHIA JOBIM, A COLECIONADORA

Maria Sophia⁶⁶ Jobim Magno de Carvalho (1904-1968) foi professora, colunista de moda, pesquisadora, figurinista, colecionadora e indumentarista (termo que ela gostava de usar para se autoidentificar), o que dá uma ideia das variadas atuações profissionais dela. E é a partir da faceta colecionadora que nos debruçamos neste texto para demonstrar a necessidade de aplicação do Vocabulário de Termos Básicos para

66 Sobre a forma cambiante de escrever seu segundo nome, alertamos que recentemente foi encontrada a certidão de nascimento de Sophia demonstrando que a grafia sempre foi com PH e por diversos equívocos passaram a escrever Sophia (com F) (VIANA, 2020, p. 42).

Catalogação de Indumentária (VTB), utilizado para unificar a forma de pesquisa sobre as peças de indumentária da coleção SJ-MHN.

Sophia era natural de Avaré-SP e formou-se como professora normalista (1922), em Itapetininga-SP. Logo depois, foi morar no Rio de Janeiro-RJ, onde viveu a partir de então. Em 1932, fundou e dirigiu o Liceu Império até o ano de 1954, uma escola profissionalizante feminina com cursos de modelagem, corte e costura, chapéus, entre outros trabalhos manuais. Neste mesmo ano, Sophia começou a escrever e ilustrar colunas de moda para o jornal Diário Carioca e, em seguida, para A Noite Ilustrada e a Revista da Semana, entre outros veículos de comunicação.

Nesta mesma década, Sophia e Waldemar viajaram por vários países: ele, em missão internacional, responsável pela encomenda de trens para a Estação de Ferro Central do Brasil; ela, acompanhando o marido e visitando instituições como museus e equipamentos culturais. Sophia adquiriu livros, objetos e conhecimentos que depois aplicou como professora, ao retornar ao Brasil. Ou seja, as viagens possibilitaram um diálogo entre Sophia e outras escolas femininas, além de despertar nela o desejo para aquilo que viria a se transformar no Museu de Indumentária Histórica e Antiguidades – MIH, fundado em sua própria residência, em Santa Teresa (Rio de Janeiro), no ano de 1960.

Com o passar do tempo, Sophia tornou-se uma especialista da área do vestuário, compartilhando seus conhecimentos sobre Indumentária ao produzir projetos de figurinos (Teatro, Cinema e Performances), por exemplo. Ela ministrou aulas, a partir de 1949, na antiga Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ); no Seminário de Arte Dramática do Estudante do Brasil; no Conservatório Nacional de Teatro do Ministério da Educação (atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO).

Sophia ainda participou ativamente de grupos femininos como o Clube Soroptimista, em que foi a primeira presidente no Brasil,

SUMÁRIO

chegando a representar o País em Congressos no exterior, onde este tema estava sendo discutido.

Mas, a última década de sua vida foi destinada a preparar o seu legado artístico e cultural, num esforço inédito no Brasil ao fundar o “seu museu” (MIH), após amearhar grande quantidade de peças, principalmente relacionadas ao vestuário, à indumentária e à moda. É sobre isso que nos detemos a seguir, neste texto.

A COLEÇÃO SOPHIA JOBIM – CSJ

A coleção Sophia Jobim – CSJ, que se encontra no MHN, foi doada por seus familiares logo após a morte dela, ainda no ano de 1968. No processo de entrada do acervo de nº 01/68⁶⁷, há a descrição de como se deu todo o processo de arrolamento, separação, classificação e traslado do legado deixado à instituição em que ela estudou.

O relatório faz uma descrição pormenorizada dos trajes, joias, calçados e acessórios, organizados em categorias distintas. Muitas peças da CSJ possuíam fichas catalográficas com a inscrição “MUSEU DE INDUMENTÁRIA – DE SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO”. Essas fichas continham as seguintes informações pré-impresas: número, nome do traje, país de origem, procedência, descrição, histórico e generalidades.

Quando o acervo de Sophia Jobim chegou ao MHN as peças receberam uma numeração, iniciando com o numeral 68, correspondendo aos números finais do ano de entrada no MHN, 1968. Tempos depois, todas as peças foram renumeradas, com códigos compostos por seis dígitos sequencialmente organizados, que perduram até a atualidade.

67 Disponível no DocReader do Museu Histórico Nacional (site: <http://mhn.museus.gov.br/>).

De acordo com depoimento de Juarez Guerra⁶⁸, por volta de 1972 houve uma iniciativa de transcrição das fichas originais para um formulário, pensado para reunir as principais informações de cada peça do acervo, de maneira uniforme e compondo os dossiês. Depois, nos anos 1980, as fichas tiveram uma nova transcrição com informações complementares e pesquisas de origem (bibliográficas, inclusive). Essas fichas museológicas, que nem sempre possuíam informações sobre as peças (às vezes contendo somente o número de registro e as medidas) foram transcritas para o primeiro sistema informatizado implantado no MHN, por volta de 1987, conhecido como SIGA (Sistema Informatizado de Gestão de Acervos). Posteriormente, em 1992, houve uma migração desses dados para um outro sistema informatizado denominado LBW (*Light Base for Windows*). Em 2013, aconteceu mais uma migração para a plataforma Windows (base do sistema cadastral), conhecido como SERET (Seção de Reserva Técnica).

As fichas do SERET geravam consultas com informações pertinentes a cada uma das peças do acervo do MHN. Dessa vez mais amigável com os usuários, pois os dados de identificação eram acompanhados de uma foto para ilustrar. As informações da base SERET eram mais completas, permitindo que uma simples consulta evitasse a ida ao acervo físico ou aos dossiês.

Este sistema foi utilizado até agosto de 2019, quando começou a ser substituído pela plataforma TAINACAN (software livre, plataforma *wordpress*), que é gratuito e direcionado para a gestão de acervos culturais, podendo ser usado como repositório digital para museus, bibliotecas, cinematecas e instituições afins.

Nem sempre as fichas possuem todas as informações. Por isso, é importante o diálogo com pesquisadores que consultam o acervo para completar os metadados. A pesquisa museológica depende

68 Museólogo que iniciou suas atividades junto ao MHN em 1983. Ele nos forneceu depoimentos a respeito da dinâmica de implantação da Reserva Técnica do MHN, no ano de 1984.

muito dos trabalhos que são produzidos a partir das peças do acervo, disponibilizadas ao museu pelo pesquisador.

Por conta disso, é necessária uma grande revisão para atualização das fichas da RT. Por enquanto, vamos nos deter no sistema de classificação das peças, a fim de entendermos como podemos lidar com os dados daquele acervo, considerando aqui somente a CSJ, em virtude de nosso interesse pelo tema Indumentária, assunto central na trajetória de Sophia.

Portanto, para entender melhor os interesses da colecionadora, listamos algumas peças para exemplificar quais são os grupos de objetos. Dentre as Peças de indumentária, localizamos: anáguas, aventais, blusas, boleros, bombachas, botas, calças, camisas, casacas, chapéus, coletes, jaquetas, luvas, meias, perneiras, quimonos, saias, sandálias, sapatos, tamancos, trajes regionais miniaturizados, vestidos.

Outra forma de analisarmos a CSJ seria estudando o local de origem ou ainda ordenando um diagrama epocal, através dos diversos períodos. Porém, a primeira iniciativa para termos uma visão ampla dos registros foi transcrever as principais informações das fichas digitalizadas (SERET) para uma tabela em Word, contendo 7 colunas, a saber: 1) contador sequencial; 2) código SIGA do objeto; 3) nome do objeto; 4) classificação do objeto (grupo); 5) estado de conservação da peça; 6) observação 1 (“faz conjunto com..” ou “faz par com..”) e 7) observação 2 (alguma mensagem relevante).

Naquele momento inicial da organização dos registros da CSJ na RT, identificamos algumas inconsistências que ainda precisam ser verificadas no próprio acervo para dirimir quaisquer dúvidas e, se for o caso, corrigir as informações em desacordo. Durante esta primeira fase de levantamento, marcamos algumas peças para verificação, pois encontramos 01 cinto elencado como peça de indumentária, mas existem outros 06 cintos classificados como acessórios de indumentária. Descobrimos 01 tecido, 01 colar e 02 tornozeleiras agrupadas como

SUMÁRIO

peças de indumentária, claramente em desconformidade. Entretanto, entendemos que o tecido e a almofada deveriam estar em outras categorias (tecido, sendo 16. Amostras / Fragmentos), enquanto o colar e as tornozeleiras seriam mais bem identificadas como objetos de adornos, onde já constam outros 30 colares e 02 outras tornozeleiras. Por si só, esses exemplos mostraram-nos que haveria bastante trabalho de revisão, quando chegássemos ao acervo propriamente dito.

Em maio de 2019, demos início ao projeto “Indumentária e Memória, no acervo Sophia Jobim no Museu Histórico Nacional – MHN”, coordenado pelo Prof. MADSON OLIVEIRA com a concessão de 3 bolsas de Iniciação Científica, Artística e Cultural – PIBIAC/UFRJ. Nesse projeto, propusemos fazer uma revisão e novos registros fotográficos da CSJ na RT. O objetivo principal era a captação de imagens das peças, em alguns ângulos (frente, verso, detalhes) para alimentar o sistema TAINACAN que permite carregar diversas imagens de cada objeto. Naturalmente, ao manipular as peças e os dossiês, as informações divergentes foram aparecendo e sofrendo alterações e correções. Numa última fase, posterior aos registros fotográficos, pretendemos ainda revisar as classificações e nomeações de algumas peças. Só para citar um exemplo, no acervo há 40 bonecos em miniatura vestindo trajes regionais de diversos países. Eles estavam classificados como “Traje regional – miniatura” e agrupados como 12.8 Peça de Indumentária. A simples revisão nesse caso apontou que as peças deveriam ser classificadas como 05.1 Acessório de Interiores e discriminadas como “Boneco em traje regional”, por se tratar de objetos decorativos advindos de localidades distantes, muitas vezes portando-se como “lembranças de viagens / Souvenirs”.

Ainda na tentativa de organizar melhor as informações, transformamos nossa primeira lista de objetos realizada em Word em outra, dessa vez, em Excel. Isso se deu para termos mais facilidade na manipulação dos dados e geração de estatísticas, muito próprias desse sistema, transferindo os campos da primeira lista para a segunda.

SUMÁRIO

Além da migração de uma lista para a outra, acrescentamos três colunas que nos ajudam a mapear melhor o acervo, a saber: a) Número antigo, b) se é um traje Regional e c) qual a nacionalidade. Assim, uma primeira síntese do acervo de Sophia Jobim nos informa que o número de itens passou de 652 para 690 e, que de maneira geral, estão subdivididos em grupos de objetos, de acordo com a classificação proposta pelo Thesaurus para Acervos Museológicos (FERREZ; BIANCHINI, 1987) usado como diretriz para classificação através de vocabulário controlado, visando uniformizar os termos e facilitar a indexação das peças.

A (POSSÍVEL) APLICAÇÃO DO VTB NA CSJ

Segundo Nair Yumiko Kobashi (2008),

[...] vocabulário controlado é uma LINGUAGEM ARTIFICIAL constituída de termos organizados em estrutura relacional. Um vocabulário controlado é elaborado para padronizar e facilitar a entrada e a saída de dados em um sistema de informações. Tais atributos promovem maior precisão e eficácia na comunicação entre os usuários e o sistema de informações. Uma das funções do vocabulário é REPRESENTAR a informação e o conhecimento por meio de um conjunto controlado e finito de termos – os descritores (KOBASHI, 2008, p. 01).

A partir da definição acima e a fim de estudar a questão referente à aplicabilidade de um vocabulário de Indumentária uniforme em museus, foi criado o Projeto de Extensão intitulado Terminologia do Vestuário, de caráter multidisciplinar, coordenado pela profa. JANINE PIMENTEL (Centro de Letras e Artes – CLA/UFRJ), em parceria com outros docentes e estudantes da Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ e o Museu Histórico Nacional, que tinha como objetivo normatizar a nomenclatura utilizada na classificação de peças do vestuário (feminina, masculina e infantil). Para tanto, o grupo decidiu adaptar para a língua portuguesa (versão brasileira) o Vocabulário de Termos Básicos

para Catalogação de Indumentária (VTB), a fim de auxiliar no entendimento das denominações utilizadas na descrição de peças e acessórios de indumentária. Assim, utilizamos como ponto de partida a versão quadrilíngue (inglês, francês, espanhol e alemão), desenvolvida pelo *International Council of Museums – ICOM*⁶⁹.

Resumidamente, os participantes do Projeto de Extensão Terminologia do Vestuário elegeram obras literárias, periódicos e até lojas virtuais para pesquisar os termos de determinadas peças dos grupos de vestimenta, buscando validar esses termos de acordo com, pelo menos, duas ocorrências, registrando as respectivas referências de onde foram encontrados.

Os grupos de vestimentas femininas foram divididos em 12 grandes blocos, sendo o primeiro deles destinado a elencar o vestuário principal. Neste grupo há uma nova subdivisão: 1) Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura (tipos variados de vestido); 2) Cobrindo o corpo acima da cintura (variantes de corpinho⁷⁰, blusa etc.) e 3) Cobrindo o corpo abaixo da cintura (saias, calças, bermudas e shorts). O mesmo processo ocorreu com o segmento masculino e infantil. Os outros blocos referem-se aos agasalhos, às roupas de baixo, aos acessórios, só para citar alguns. Para este texto, exploramos o primeiro bloco, vestuário principal, para facilitar o entendimento.

Uma vez consolidada a validação dos termos, a etapa seguinte diz respeito à classificação, organização e registro, como relatamos a seguir.

69 Disponível em <http://www.icom-cc.org/>. Acesso em 18 de julho de 2019.

70 “Corpinho” aqui é utilizado para se referir à parte superior do vestuário feminino.

CLASSIFICAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E REGISTRO

Neste texto, apresentamos alguns exemplos de peças de indumentária que pertenceram à Sophia Jobim e encontram-se integrando o acervo do MHN. Desde sua chegada ao museu (1968) nunca houve oportunidade de ser realizada uma revisão com relação à sua nomenclatura. Por isso, apresentamos uma pequena mostra de apontamentos sobre peças classificadas anteriormente com termos que carecem de um olhar mais apurado, uma vez que nos dispomos aplicar nova denominação, tendo como ponto de partida as discussões desenvolvidas no Projeto de Extensão Terminologia do Vestuário.

Dentre as mais de trezentas peças de indumentária da CSJ, selecionamos cinco delas, alertando que foram produzidas em épocas e lugares distintos, mas têm em comum o fato de serem usadas cobrindo a parte superior do corpo. Uma pergunta, ainda sem resposta, nos faz refletir: como chegaram a essa classificação? Exemplificamos melhor a seguir.

CASACO OU CORPINHO?

Realizamos um recorte para apresentação da questão central deste texto, contendo apenas cinco peças de indumentária, observando a variedade de interpretações dada pelos museólogos que as descreveram. O objeto numerado como 17128 é descrito como sendo um “casaco”, na ficha registrada no sistema SERET, tendo como origem a “França”, fabricado pela “Robes et Manteaux”, datado de “189-”. Transcrevemos do SERET as anotações grifadas com aspas logo acima, além da informação complementar de ser uma “peça de indumentária feminina da Belle Époque”.

SUMÁRIO

No entanto, ao consultar a documentação da CSJ, no Arquivo Histórico, descobrimos que, antes de entrar no MIH, a peça fez parte do acervo de outro museu, o Museu Simões da Silva – MSS. Essa descoberta nos colocou em contato com a primeira ficha catalográfica do objeto, com informações manuscritas, posteriormente transferidas para outras anotações realizadas pela própria Sophia, quando o adquiriu no leilão em 1957.

É importante alertar que no registro do MSS o objeto aparece como “Corpinho de Velludo” (respeitando a grafia da época). Na ficha manuscrita do MSS identificamos a descrição completa, como: “Corpinho de Velludo – De toilette negra e decotada de uso frequente em meados do século XIX”. Quantas informações podemos remontar ao pesquisar na documentação que se encontra no próprio MHN, mas que infelizmente se perderam nas sucessivas migrações? No entanto, o que mais nos chamou a atenção é a maneira como o, agora denominado, “casaco” se chamou no passado: “Corpinho de veludo”, denominação repetida por Sophia quando adquiriu a peça do MSS.

Ao consultar o VTB feminino, observamos, que a peça genericamente denominada atualmente de “casaco” se encaixa no segundo item da subdivisão, por cobrir “o corpo acima da cintura”, podendo ser renomeado como “corpinho jaqueta”, o que curiosamente remonta à antiga denominação ainda fornecida no final do século XIX.

CASACO OU PELERINE E COLETE?

Um segundo exemplo que trazemos para este escrito, 17565, demonstra uma outra questão a ser abordada em função de sua nomenclatura, pois no registro do SERET o objeto consta como “casaco”, sem informações sobre autoria, mas tendo como país de origem, a “França” e datação de “18--”. Ou seja, uma peça também do século XIX, identificada como sendo do “Segundo Império” (1840-1889).

Somente olhando a foto deste registro (SERET), não conseguimos identificar exatamente o formato da peça, denominada de “casaco”, mas no decorrer do Projeto “Indumentária e Memória”⁷¹, em que fotografamos todo o acervo da CSJ, descobrimos que essa peça na verdade é um conjunto composto por uma capa, do tipo pelerine, e um colete de frente-única. Mas, por qual motivo essas duas peças foram classificadas como uma só e, o mais importante, denominada como “casaco”, ainda que a peça externa não tenha abotoamento e nem possua mangas?

Ao pesquisar no dossiê dessa peça, identificamos uma ficha do museu de Sophia (MIH) que, ao entrar no MHN, recebeu como código a numeração 68.124 e uma ficha museológica datilografada com as informações transcritas da manuscrita.

Em ambas as fichas, aparece um termo, no mínimo, curioso para “batizar” a peça: “Casaquinho de Sinhá-Moça”. Nessas fichas antigas há uma descrição detalhada, especificando os materiais e as cores, inclusive contendo informação de sua procedência: “Baronesa de Inohan”.

Mais tarde, descobrimos uma anotação realizada por Sophia (SMet131), a respeito dessa peça, quando ela tomou nota das principais informações sobre sua procedência, considerando as donas anteriores: Nenê Maia Monteiro e Baronesa de Inohã⁷².

Nestes escólios, notamos a seguinte descrição: “Casaquinho de ‘Sinhá-moça’ em seda creme, com bordados coloridos, trama em macramê ‘outonal’ nas cores do outono, em Paris. Pertenceu

71 Indumentária e Memória no Museu Histórico Nacional – MHN, realizado entre os anos de 2019 e 2020, com bolsas de Iniciação Artística e Cultural – PIBIAC, coordenada pelo prof. Madson Oliveira concedidas pela UFRJ. O projeto teve a principal incumbência de realizar levantamento, organizar e fotografar as peças do acervo Sophia Jobim, junto à RT-MHN e contou com a participação de três estudantes do Curso de Artes Cênicas – Indumentária (Jessica Serbeto, Rebecca Cardoso e Henrique Guimarães) e um aluno do Curso de Licenciatura em Artes Plásticas (Victor Hugo Vasconcelos) que, ao longo de um ano registrou em fotos as peças da CSJ.

72 Antes era grafado como Inohan.

à Baronesa de Inohan”. Essas informações constam do manuscrito de um antigo caderno de Sophia que o MHN classificou como material de estudos, e por isso recebeu a sigla SMet131 (Arquivo Histórico), em que traz no cabeçalho da folha: “Trajes imperiais brasileiros. Da coleção de Nenê Maia Monteiro”.

O mais interessante é notar que o conjunto que deveria ser classificado separadamente com dois códigos, respectivamente: 1) pelerine e 2) colete frente-única manteve a denominação de finais do século XIX, “casaquinho de Sinhá-moça”. Ao observar a ficha do SERET essa denominação foi atualizada para simplesmente “casaco”. No entanto, ao comparar com o outro exemplo antes apresentado neste texto, casaco 17128, percebemos que essa nomenclatura não corresponde à forma de outros casacos, comumente ajustados ao corpo e com mangas.

Ao verificar o VTB feminino sobre este tipo de peça, adentramos no segundo grupo listado como “agasalhos” que, por sua vez, é subdividido em quatro outras denominações: 1) Têxtil não modelado, cobrindo a metade da parte superior do corpo ou mais (Xale ou Poncho, com abertura para passar a cabeça); 2) Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura sem modelagem para os braços (Manto ou Casaco, Com modelagem para os braços); 3) Cobrindo o corpo acima da cintura sem modelagem para os braços (Pelerine, Capa ou Jaqueta, Com modelagem para braços) e 4) Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura ou acima da cintura com modelagem parcial para os braços (Mantelete ou Mantelete Visita). Assim, entendemos que a peça 17565 deveria, em primeiro lugar, ser subdividida em duas (recebendo cada uma delas uma numeração distinta, ainda que as duas peças formem um conjunto), já que a pelerine cobre “o corpo acima e abaixo da cintura sem modelagem para os braços”, enquanto esse colete frente-única deveria ser vestido por baixo da pelerine, porém podendo ser usado separadamente ou com outras peças, ao contrário do que consta atualmente nas fichas do MHN.

SUMÁRIO

PELERINE?

Propositalmente, resolvemos abordar na sequência uma pelerine do mesmo acervo para ratificar nosso entendimento sobre esse tipo de peça, comumente usada externamente sobre outro vestuário, cobrindo os ombros. Por isso, selecionamos a peça de número 17137 que é descrita como “pelerine”. Ao consultar a ficha do sistema informatizado SERET, observamos a datação – identificando-a como do século XIX, pois o campo data está preenchido com “18--” –, mas não existem muitas informações de procedência, como local de fabricação ou país de origem.

Um questionamento surgiu ao observar a peça 17137 em relação à anterior (17565): por que ela é denominada de pelerine, uma vez que tem aparência de uma capa ou um manto curto, sem abotoamento e sem mangas, usada por cima dos ombros, muito semelhante à peça de número 17565, antes descrita no MHN como “casaco”?

Ao consultar o VTB feminino, como descrito no exemplo anterior, vemos que aquilo que cobre “o corpo acima da cintura sem modelagem para os braços” pode ser considerado Pelerine ou Capa. Nesse caso, optamos por confirmá-la como Pelerine. Quando esse tipo de peça possui modelagem para braços tem a denominação de Jaqueta, o que não é o caso aqui.

CASACO OU CAPA?

Outro exemplo que trazemos para este texto é o caso da peça identificada também como “casaco”, de número 18226.

Ao observar esse item do vestuário, estranhamos a denominação de “casaco”, uma vez que ele é muito longo, não ajustado ao corpo,

nem possui mangas, o que difere muito de outros artefatos com mesma denominação. Segundo a ficha do SERET, a peça é comprida e larga, aberta na frente, de origem libanesa. Além do país de origem, a ficha ainda revela que essa é uma das peças do vestuário de um Sheik tradicional, tendo as dimensões 1,30 X 1,33, confeccionada em lamê bordado.

Analisando o VTB masculino encontramos correspondência dessa peça com a descrição para Capa, uma vez que ela acaba “Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura sem modelagem para os braços” e pouco tem aparência de casaco, conforme o primeiro exemplo apresentado aqui neste texto. Segundo as descrições previstas nesta versão do VTB a descrição se encaixaria no termo Capa, mas entendemos que mesmo assim a peça também deve ser discutida visando nova denominação mais condizente com sua aparência e função.

COLETE OU BLUSA?

O último exemplo que trazemos aqui é o caso da peça de número 17130. Neste caso, a peça foi classificada como “colete”, muito embora ela seja mais parecida com uma blusa feminina, por ser modelada e possuir gola. Ao consultar a ficha do SERET, percebemos as seguintes anotações: “objeto: colete”; “autor/fábrica: *Ying Tai Co.* Hong Kong”; “Local/País: China”; “Data: 19--”, além da informação de ser uma peça da indumentária feminina.

É estranho compreender essa peça como sendo um colete e talvez fosse mais apropriado considerá-la como uma blusa feminina, acinturada com fechamento frontal feito por alamares⁷³. Consultando o processo de entrada, identificamos essa peça fazendo conjunto com um vestido de seda, que ao chegar ao MHN recebeu o número de 68.38.

73 Guarnição feita de cordão, galão ou cadaço, usada para prender uma parte da roupa em outra. Usa-se em geral no plural.

No processo de entrada, a peça 17130 é descrita como um “casaco de seda azul-escuro”, cambiando mais uma denominação para essa peça.

O VTB feminino sugere que todas as peças “Cobrindo o corpo acima da cintura” são genericamente denominadas de corpinho (como no primeiro exemplo trazido para este texto). Dentre elas estão: blusa, corpete, bolero, jaqueta, cardigã, colete, pulôver e camiseta. Nossa percepção a respeito do colete em relação à blusa é que o primeiro é usado normalmente por baixo de outra peça (ou seja, internamente), enquanto a segunda é utilizada como parte superior do vestuário, podendo ter uma modelagem mais definida, que é o caso da peça em questão. Sendo assim, a peça 17130 seria mais bem identificada como “corpinho blusa”, em vez de colete como consta na ficha catalográfica, atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aplicarmos e testarmos a versão em português do VTB, intencionamos facilitar a busca de maneira mais precisa nos bancos de dados sobre acervos museológicos de Indumentária, usando para essa primeira ação a CSJ do MHN. A ideia é evitar que denominações equivocadas ou variadas sobre uma determinada peça inviabilizem, em primeira instância, os funcionários do museu de localizá-las facilmente na base de dados. Em segundo lugar, permitindo agilizar as pesquisas frequentes por pessoas externas à instituição, levando em consideração que a RT-MHN, especificamente, possui mais de 22 mil itens.

Por ter conseguido juntar uma coleção particular bastante relevante em sua residência (e que Sophia chamava de Museu de Indumentária Histórica e Antiguidades), não é estranho que ela se interessasse por procedimentos museológicos e, entre 1961 e 1963, tenha sido aluna do Curso de Museus (atual Curso de Museologia-UNIRIO) que, à época, acontecia nas dependências do MHN. Esse fato merece duas observações: durante o período do curso, Sophia compartilhou

os conhecimentos específicos com relação aos diversos períodos históricos e artísticos da humanidade, assim como lá ela encontrou, nos colegas de curso e professores, seus interlocutores para os assuntos que há muito tinha contato. É fácil supor que a formação dela em museologia propiciou uma aproximação entre sua coleção e o MHN. Assim, a doação de todo o acervo de Sophia Jobim ao museu parece ter sido o caminho mais lógico para a sua faceta de colecionadora que foi.

Pelas notícias publicadas em periódicos, percebemos que o colecionismo e a pesquisa foram as atividades realizadas por Sophia Jobim que mais lhe trouxeram prazer e reconhecimento, pois a possibilidade de colecionar peças do vestuário permitiu a ela conciliar o estudo e a pesquisa à criação de adornos, trajes etc., comuns ao espírito curioso que ela sempre demonstrou possuir.

Todo o material de pesquisa (vestuário, adornos, calçados, joias e livros) serviu para que ela se posicionasse como pesquisadora, professora e, sobretudo, indumentarista: mais preocupada com os porquês da História da Indumentária, os costumes de culturas afastadas, as crenças dos povos longínquos... Enfim, perguntas que se transformavam em indagações que ela direcionava e transformava em material para suas aulas, mas, sobretudo, que a estimulavam para continuar perguntando mais e mais, numa sede de conhecimento que a fez ser “pioneira no estudo da Indumentária no Brasil” (VIANA, 2012).

Por tudo isso, sabemos ser possível o acesso à pesquisa ao acervo de Sophia Jobim no MHN, que acabou se tornando o detentor dos direitos e guardião do legado deixado pela professora e pesquisadora. Naturalmente, o acesso à pesquisa no acervo do MHN só será possível com a conclusão da requalificação da RT.

Ao pesquisar na CSJ descobrimos variadas formas de se referir à Sophia: com ph, com f, alternando o nome de solteira com o registro após o casamento, assim como versões combinadas de seu segundo nome (Sophia) com um dos sobrenomes. O importante

SUMÁRIO

dessa observação é alertar que a questão da grafia de Sophia (com ph) já foi pacificada, quando da divulgação de sua certidão de nascimento, no livro “Almanaque da indumentarista Sophia Jobim: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais” (VIANA, 2020, p. 42). Esse fato implicou na alteração da coleção Sophia Jobim que antes disso, era grafada como coleção Sophia Jobim (com f).

Finalizamos este texto afirmando a importância de uniformizarmos os termos empregados em qualquer acervo museológico, o que pode facilitar muito a vida dos museólogos e pesquisadores que precisem localizar uma peça e quando isso não acontece, há dificuldade inclusive de a própria instituição quantificar por completo seus grupos de categorias. Por enquanto, estamos selecionando as peças por onde vamos iniciar a aplicação do VTB em português para, quando retomarmos ao convívio social, toda a coleção de Indumentária possa ser testada.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Museu Histórico Nacional**. Departamento de Acervo. Divisão de Controle de Patrimônio. Proc. 01/68. Disponível no DocReader do Museu Histórico Nacional. Disponível em <http://mhn.museus.gov.br/>. Acesso em: 1º de julho de 2021.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena. **Thesaurus para Acervos Museológicos**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS – ICOM. **Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Indumentária (VTB)**. Disponível em: <http://www.icom-cc.org/>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

KOBASHI, Nair Yumiko. **Vocabulário controlado**: estrutura e utilização. Rio de Janeiro: ENAP, 2008.

NACCARATO, Rosanna; LIMA, Vera Lúcia. **Moda, mundo, museu**: a pesquisa de moda no Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: Anais do Museu Histórico Nacional, 2002.

OLIVEIRA, Madson; ELIAS, Larissa. "O Curso de Artes Cênicas – Cenografia e Indumentária (Figurino) – da Escola de Belas Artes/EBA da UFRJ". *In*: TERRA, Carlos G. (org.). **Arquivos da Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2014.

VIANA, Fausto. **Almanaque da indumentarista Sophia Jobim**: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais. São Paulo: ECA/USP, 2020.

VIANA, Fausto. "Sophia Jobim. Pioneirismo no estudo de indumentária no Brasil". *In*: **ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**, V. 44, p. 243-261, 2012.

VIANA, Marcele Linhares. **Arte decorativa na Escola Nacional de Belas Artes**. Inserção, conquista de espaço e ocupação (1930-1950). Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Artes Visuais), 2015.



SUMÁRIO



*Janine Pimentel
Carolina Casarin
Luciene C. Alves de Lucena*

SINGULAR OU PLURAL?

**UM ESTUDO SOBRE A FLEXÃO
DE NÚMERO DE TERMOS DO VESTUÁRIO**

DOI:10.31560/pimentacultural/2023.97693.5

Cada vez mais, as pesquisas sobre o vestuário no Brasil vêm utilizando um amplo leque de documentos que incluem acervos de vestuário, fontes visuais, impressas e orais. Além disso, teses e dissertações, artigos científicos e fichas catalográficas têm sido progressivamente disponibilizados para acesso online, contribuindo para a divulgação do conhecimento da área em escala global. Contudo, a nomenclatura para a catalogação e a descrição dos trajes e acessórios do vestir, tanto em fichas catalográficas de acervos museológicos quanto em trabalhos científicos, tende a empregar um vocabulário complexo e variável, dificultando a recuperação das informações. Isso sem falar na maneira como o vestuário é descrito nas revistas de moda e nos periódicos, de modo geral. Um trabalho pioneiro neste contexto é o do semiólogo francês Roland Barthes, que se debruçou sobre a análise do sistema linguístico das revistas de moda em seu livro *Sistema da moda*, publicado em 1967.

Partindo desta situação-problema, um projeto de parceria entre a Faculdade de Letras e a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Histórico Nacional criou uma versão em português do Brasil do *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume* desenvolvido pelo ICOM. O objetivo deste vocabulário – disponível de forma gratuita em quatro línguas (inglês, alemão, francês e espanhol) – é possibilitar a correta indexação da terminologia do vestuário para que a informação sobre cada peça das coleções seja armazenada de acordo com as normas internacionais.

O presente capítulo aborda uma questão instigante relativa à organização e classificação da terminologia do vestuário com a qual nos deparamos durante a execução do projeto, que se iniciou no primeiro semestre de 2018. Trata-se do emprego da forma plural de alguns termos do vestuário – fenômeno conhecido, na lexicologia e lexicografia, como *pluralia tantum*. Por exemplo, usamos os termos *luvas*, *calças* e *mangas* no nosso dia a dia muito mais frequentemente na forma plural do que na forma singular, mas também é possível falar de uma *luva*

SUMÁRIO

e de uma *manga* (ainda que, talvez, seja incomum falar de *calça*). A questão que se impunha, no âmbito da realização do projeto, era a seguinte: deveríamos incluir na versão em língua portuguesa do Vocabulário de Termos Básicos (VTB) a forma plural ou a forma singular destes termos? Ou as duas?

Parte da metodologia concebida para a criação do VTB previa a consulta de fontes documentais e lexicográficas para validar os equivalentes dos termos em língua portuguesa⁷⁴; porém, os dicionários que consultamos para sanar essas dúvidas não se mostraram coerentes no tratamento desse tipo de unidades lexicais, pois alguns incluíam um verbete com o termo na forma plural e outros um verbete com esse mesmo termo na forma singular. Outros, ainda, davam conta de um termo na forma singular, sem discutir o fenômeno dos *pluralia tantum*. A aparente falta de sistematicidade no tratamento de tal fenômeno nos levou a querer investigar melhor este assunto.

Neste capítulo apresentamos, então, um estudo sobre os *pluralia tantum* usados na terminologia do vestuário, nos concentrando em um pequeno corpus de dez pares de termos, que fazem parte da versão em língua portuguesa do VTB: bermuda/bermudas, calça/calças, calcinha/calcinhas, cueca/cuecas, luva/luvas, manga/mangas, meia/meias, polaina/polainas, sapato/sapatos, suspensório/suspensórios.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma. Para estudar o fenômeno linguístico nos apoiaremos em noções da lexicologia e nas contribuições de pesquisadores que se debruçaram sobre o assunto, tais como Corbett (2019), Mihatsch (2016) e Blühdorn et al. (2008). Em função das línguas que analisaram, esses pesquisadores defendem ou negam a existência do fenômeno (seção 1). A seguir, na seção 2, faremos uma breve resenha das propostas de alguns metalexígrafos

74 Conforme explicado no primeiro capítulo desta coletânea, nossa metodologia de trabalho consistia em estabelecer, para a língua portuguesa, os equivalentes dos termos em língua inglesa presentes no *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume*. Para isso, o grupo de pesquisadores utilizou fontes documentais e lexicográficas de forma a validar suas intuições.

(ATKINS e RUNDELL, 2008; CALUWE e van SANTEN, 2003; BERGENHOLTZ e TARP 1995) para compreender a tradição lexicográfica de tratamento dos *pluralia tantum*. Na seção 3 deste capítulo, apresentamos a metodologia que desenhamos para realizar este estudo, e, na seção 4, analisamos os verbetes de dicionários referentes aos dez pares de termos que nos levaram à presente reflexão. Além da consulta de dicionários gerais da língua portuguesa e de terminologias do vestuário e da moda, buscamos também entender se os termos selecionados são indicados na forma plural ou singular (ou as duas formas) em catálogos de lojas de roupa atuantes no mercado brasileiro. Por fim, na seção 5, depois de problematizado o conceito de *pluralia tantum* a partir da revisão bibliográfica aqui resenhada, tiramos conclusões, tendo em vista a aplicação que os resultados obtidos terão em nosso projeto e, possivelmente, em outros projetos.

SUMÁRIO

O QUE SÃO *PLURALIA TANTUM*?

Antes de discutirmos alguns estudos sobre o fenômeno de *pluralia tantum*, é necessário definirmos o que entendemos por “lexema” e “lema” – metalinguagem que nos ajudará a clarificar a relevância da nossa reflexão e, principalmente, da literatura sobre o tema. Em consonância com os linguistas Igor Mel’cuk e Alain Polguère (1995), entendemos “lexema” como algo intimamente ligado ao dicionário da língua e que é determinado pela oposição das significações flexionais de suas palavras-formas, ou seja, um lexema tem várias formas (lexias) e apenas através de um estudo delas é que podemos proceder à lematização (redução de um paradigma a uma forma canônica), processo fundamental na construção de dicionários, glossários e outros produtos lexicais. Como Cunha (2019, p. 27) explica, esse processo segue critérios específicos: geralmente os substantivos são indicados na forma masculina e singular, mas “no caso dos *pluralia tantum*, como em núpcias, o substantivo será representado no plural”.

Já mencionamos na introdução que o termo *pluralia tantum* (ou *plurale tantum*) se refere a substantivos sempre usados na forma plural. O fenômeno contrário, ou seja, o uso de termos usados somente na forma singular também existe e chama-se *singularia tantum*. Parecem existir opiniões diferentes em relação a estes fenômenos, que variam em função da comunidade linguística a que pertence o/a pesquisador/a. Por exemplo, pesquisadores anglófonos que estudam a língua inglesa parecem ter uma opinião diferente dos brasileiros que analisam a língua portuguesa. Em comparação aos pesquisadores da língua portuguesa, é mais comum ver pesquisadores anglófonos oferecendo exemplos de termos da área do vestuário quando abordam o tema dos *pluralia tantum*. Veja-se o que Corbett escreve:

Observe a palavra *trousers* em inglês. O mais provável é acharmos que se trata de um substantivo contável, como *shirt*, *jacket* ou *hat*. Ou que seja parecido com a palavra francesa *pantalón* tal como ela é usada hoje. Porém, a palavra *trousers* não é uma exceção aleatória. Williams (1994:13) explica que o comportamento desta palavra é o mesmo de outros substantivos que se referem a peças do vestuário 'usados nas pernas de determinada forma'. A generalização é específica do inglês e, claro, os equivalentes de *trousers* ocorrem em outras línguas na forma de *pluralia tantum*. Há línguas da mesma família que podem ser bastante diferentes neste quesito; por exemplo, a língua inglesa tem muitos *pluralia tantum* (Payne and Huddleston 2002:40–348) enquanto o alemão tem bem poucos. (CORBETT, 2019, p. 82, nossa tradução).

Corbett (2019, p. 51) explica que os *pluralia tantum* existem em muitas línguas (mas não em todas), e esse é um fenômeno que vale a pena notar, porque não é previsível. Por exemplo, a palavra *binoculars*, em inglês, é um caso de *pluralia tantum* porque não tem singular. Trata-se de um caso imprevisível porque existem outros substantivos comparáveis que poderiam ser *pluralia tantum*, porém não são. De acordo com o pesquisador, há duas razões para nos atentarmos a palavras sujeitas a tal imprevisibilidade: i) há muitos substantivos em inglês que igualmente denotam itens que consistem de duas partes significativas,

mas que não participam do fenômeno *pluralia tantum*: *bicycle*, *bigraph*, *couple*, *duo*; ii) existem línguas com sistemas numéricos comparáveis ao do inglês em que os equivalentes de *binoculars* e *trousers* são nomes contáveis⁷⁵ normais, por exemplo o francês *pantalon*.

Uma opinião parecida sobre o assunto é a de Mihatsch:

O que é surpreendente é que alguns substantivos, que poderíamos classificar como substantivos não contáveis (por exemplo, *clothes*), têm formas lexicais de plural que ativam uma concordância de plural, mas que normalmente não se combinam com quantificadores e numerais distributivos. Há variações de uma língua para outra na forma como os substantivos agem como contáveis, e cada caso é um caso. Estas restrições e o fato de que os substantivos não contáveis na forma plural não têm (sempre) uma forma singular correspondente para se referir a um só item justificam a sua classificação como formas lexicais plurais na acepção de Acquaviva (2008). É o caso de *clothes* e dos seus equivalentes semânticos utilizados coloquialmente em francês (*fringues*, *sapes*, *nippes*, *frusques* ou *hardes*), em uma versão dialetal e coloquial do espanhol (*arapos*, *andrajos*, *trapos*, *pilchas*), em alemão padrão (*Kleider*) e em alemão coloquial (*Klamotten*). (MIHATSCH, 2016, p. 297, nossa tradução).

Uma noção relevante para discutir os *pluralia tantum* é a noção de dominância da psicolinguística (BAAYEN et al., 1997, p.97), que envolve comparar a frequência de uso das palavras no singular e no plural para verificar se podem ser consideradas “dominantes no singular” ou “dominantes no plural”. Um dos exemplos dados por Baayen et al. (1997) é a distribuição das palavras *neck* (pescoço) e *lip* (lábio) na base de dados CELEX. *Neck* ocorre 72 vezes a cada milhão de palavras na forma singular, enquanto *lip* ocorre 61 vezes a cada milhão de palavras na forma plural. Os pesquisadores explicam que o fato de um substantivo ser usado muito mais no plural do que no singular é considerado algo mais especial e digno de nota do que o fato de um

75 Substantivos contáveis podem ser modificados por um numeral e ocorrem tanto no singular quanto no plural. Já os substantivos não contáveis não podem ser contabilizados por números e, frequentemente, são usados apenas no singular.

substantivo ser usado mais no singular do que no plural, o que seria uma situação bem mais comum.

Em contraste com a literatura sobre o assunto em língua inglesa, que, em geral, parece reconhecer a existência de *pluralia tantum*, Blühdorn et al. (2008) defende, com base em um estudo contrastivo de sintagmas nominais contáveis e não contáveis do português e alemão, que não existem *pluralia tantum* em português. Para Blühdorn et al., os substantivos em português considerados por outros pesquisadores como exemplos de *pluralia tantum*:

[...] denotam agregações de indivíduos, partes ou componentes, semelhantes entre si, em que nenhuma parte se torna saliente [...]. Nota-se, porém, que mesmo os mais notórios *pluralia tantum* ocorrem também no singular, ora sem diferença de sentido, ora com alterações de sentido bastante sutis. (BLÜHDORN ET AL., 2008, p. 13).

A análise de vários exemplos considerando traços sintático-semânticos característicos da contabilidade – aquilo que se relaciona com a flexão de número dos substantivos, ou seja, com o singular e plural – revela que os substantivos em português não possuem marcas morfológicas de contabilidade como acontece com o inglês e o alemão, além de que todos os substantivos são pluralizáveis em português e que, portanto, a capacidade de formar o plural não marca um contraste em relação ao singular na nossa língua.

Teoricamente, a conclusão de Blühdorn et al. (2008) implicaria, então, que os dicionários da língua portuguesa colocariam todos os substantivos na sua forma singular canônica nas entradas de seus verbetes. Porém, como discutido na introdução de nosso capítulo, isso nem sempre acontece, o que nos leva a buscar entender eventuais motivações metalexigráficas para tal disparidade.

O QUE DIZEM OS LEXICÓGRAFOS?

Tradicionalmente, a primeira informação de uma entrada de dicionário é o termo base (*headword*), que é o que une todas as informações sobre uma palavra em um verbete. Porém, o que constitui esse termo base nem sempre é óbvio e fácil de delimitar. A esse respeito, os lexicógrafos Sue Atkins e Michael Rundell defendem que a inclusão de um guia explicativo no dicionário poderá ajudar a entender o que foi ou não considerado termo base nessa obra. Eles explicam que: “para resolver incertezas nesta área complicada, o Guia de Estilo precisará decidir sobre questões como os substantivos plurais; em que circunstâncias, substantivos como *arms* ou *costumes* recebem o status de termo base, em vez de serem tratados na forma singular?” (ATKINS e RUNDELL, 2008, p. 119, nossa tradução). Curiosamente, Atkins e Rundell estão cientes da problemática da terminologia do vestuário:

A forma canônica de alguns substantivos é a forma plural; por exemplo, palavras do vestuário como *clothes*, *jeans* e *overalls*. Alguns substantivos plurais, como *trousers* e *pyjamas*, têm formas singulares (*trouser leg*, *pyjama top*), o que complica a situação. No caso de outros substantivos plurais, como *glasses* (óculos), *arms* (armas), *ceramics* (cerâmica), *proceeds* (receitas), *troops* (tropas), etc. as formas do singular (*glass*, *arm*, etc.) têm um significado bastante diferente e muitas vezes pertencem a outra classe de palavras. (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 325, nossa tradução).

Qual seja a decisão, de acordo com os autores, o mais importante é que o guia indique claramente a respeito dela. Já Caluwe e van Santen apontam para dois caminhos possíveis:

A seguir encontramos palavras que apenas existem na forma plural: por exemplo, os *pluralia tantum* como *riches* (riquezas). Estas palavras que existem como *pluralia tantum* podem receber uma entrada separada, mas palavras como *glasses*, que só existem no plural em uma determinada acepção, podem receber uma entrada separada ou ser incluídas no lema do termo base (*glass*). (CALUWE; VAN SANTEN, 2003, p. 75, tradução nossa).

Enquanto Caluwe e van Santen (2003) admitem que há dois casos diferentes com tratamentos lexicográficos também diferentes: quando uma palavra é claramente um *pluralia tantum*, então deve constar em um verbete próprio, mas se nem sempre é um *pluralia tantum*, então pode receber ou não um verbete próprio. A posição de Nuccorini é ainda mais assertiva:

Substantivos só com forma singular ou só com forma plural podem receber entradas separadas se os seus significados e/ou usos colocacionais forem diferentes: o mesmo se aplica a substantivos polissêmicos que são descritos como palavras homônimas (e designadas como tal na Introdução). (NUCCORINI, 2003, p. 374, tradução nossa).

Esse, sem dúvida, parece ser um método válido para alcançar coerência na hora de incluir este tipo de palavras em um dicionário e algo que procuraremos observar nos dicionários selecionados para o presente estudo. No entanto, devido ao fato de nossa análise se concentrar em termos do vestuário, ou seja, em palavras que podem ser consideradas como pertencente a um campo semântico específico e a uma área de especialidade particular, é importante considerar o que metalexícógrafos dizem a respeito de dicionários especializados. Bergenholtz e Tarp (1995) observam que, em certas áreas de especialidade, o tratamento lexicográfico dos *pluralia tantum* pode seguir características próprias. Com base na observação das áreas da biologia e da zoologia, eles comentam que:

Em certas línguas instrumentais (LSPs), tradicionalmente procede-se à lematização da forma plural, se, por exemplo, a mesma designação for usada para se referir a espécies diferentes, como é o caso da biologia e da zoologia. Estas formas podem receber entradas separadas na forma singular e plural com uma referência cruzada para a respectiva forma singular e plural, se existirem outros lemas envolvidos. (BERGENHOLTZ; TARP, 1995, p. 100, tradução nossa).

Parece claro que os lexicógrafos têm uma opinião formada sobre a melhor forma de incluir os *pluralia tantum* nos dicionários de

língua geral ou especializada. Enquanto alguns autores são mais assertivos (p.ex. NUCCORINI, 2003) em relação ao melhor método, outros são menos normativos e se limitam a exigir que as apresentações dos dicionários dêem conta de suas decisões (p. ex. ATKINS e RUNDELL 2008). Ainda que boa parte dos lexicógrafos consultados reconheçam a singularidade do fenômeno dos *pluralia tantum*, nenhum deles relata um método de identificação e validação dessas palavras. Provavelmente, essa tarefa caberá somente aos lexicólogos, como aqueles que discutimos na seção 1. Porém, seria, a nosso ver, absolutamente necessário que os lexicógrafos informassem também a sua visão sobre a identificação do fenômeno já que, como procuramos demonstrar, não há consenso em relação à seleção de palavras que materializam o fenômeno dos *pluralia tantum*.

Apesar da falta de unanimidade por parte dos especialistas no tratamento desses termos, a precisão no uso de algumas palavras necessária à elaboração da versão em português do Brasil do VTB nos levou a nos debruçarmos a um conjunto de obras lexicográficas e terminológicas, a fim de tentar obter mais clareza em relação a esse fenômeno.

METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, a principal função do VTB é padronizar a indexação de termos do vestuário e da moda nas esferas museológica, acadêmica, dentre outras. Por isso, importa atentar para a forma como as palavras serão inseridas na versão em língua portuguesa do VTB. Nesse artigo, procuramos verificar especificamente alguns termos cuja indexação não é consenso quando se trata da flexão de número – os supostos *pluralia tantum*. Para tanto, selecionamos dez pares de termos: bermuda/bermudas, calça/calças, calcinha/calcinhas, cueca/cuecas, luva/luvas, manga/mangas, meia/meias,

polaina/polainas, sapato/sapatos, suspensório/suspensórios. A análise se deu a partir de sete perguntas:

1. A palavra existe no dicionário?
2. A palavra existe como entrada ou como menção no interior de outro verbete?
3. Existe uma definição do termo que se encaixa na área do vestuário?
4. Existe alguma indicação sobre o uso do singular ou do plural da palavra? Ou sobre o fenômeno *pluralia tantum*?
5. Caso haja uma entrada para o singular e outra para o plural, o significado da palavra em questão se altera?
6. As definições que constam nos dicionários têm relação com os usos dos objetos que elas nomeiam?
7. O dicionário inclui um contexto ou uma frase ilustrativa para definir a palavra?

De modo a verificar o uso (no singular ou no plural) dos dez pares de termos selecionados por nós, analisamos o emprego das palavras em dicionários da língua portuguesa impressos e on-line, dicionários especializados na área do vestuário e catálogos de lojas on-line. Para a análise do uso dicionarizado, consultamos as obras lexicográficas *Aulete Digital*, *Houaiss* e *Michaelis*, e os dicionários especializados *Terminologia do vestuário* e *Enciclopédia da moda*. Além disso, verificamos o uso cotidiano e coloquial dos termos nos sites das lojas Renner e Riachuelo, em que está em jogo também a linguagem comercial.

O dicionário *Aulete Digital* é um dicionário contemporâneo da língua portuguesa, mais conhecido no Brasil por Dicionário Caldas Aulete. Este é um dos mais reconhecidos dicionários de língua portuguesa, desde a sua publicação em Lisboa em 1881. O *Dicionário*

Houaiss foi elaborado pelo lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss. A primeira edição foi lançada em 2001, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Antônio Houaiss. O *Dicionário Michaelis* é uma marca de dicionários de língua portuguesa e estrangeira publicada no Brasil pela editora Melhoramentos. O primeiro dicionário Michaelis foi criado no final do século XIX pela lexicógrafa alemã Henriette Michaelis, em colaboração com sua irmã Carolina Michaelis de Vasconcelos. Por fim, a *Terminologia do vestuário* é um livro publicado pelo SENAI, obra realizada, justamente, com a intenção de atender ao público de estudantes do curso técnico e do curso de graduação da área do vestuário e da moda. A *Enciclopédia da moda*, de Georgina O'Hara Callan, publicada no Brasil pela editora Companhia das Letras, é a versão brasileira do dicionário *The Thames & Hudson Dictionary of Fashion Designers* (1998) e foi a única obra não escrita originalmente em português que entrou para o corpus analisado. Apesar de a tradução do título usar a palavra “enciclopédia”, trata-se efetivamente de um dicionário especializado.

SUMÁRIO

Na categoria base de dados digitais, escolhemos os catálogos on-line das lojas Renner e Riachuelo. A Renner teve seu início em 1922, com o começo das atividades fabris do então grupo A. J. Renner, mas foi somente em 1965 que as lojas começaram a tomar um formato mais próximo do atual. As lojas Riachuelo formam uma grande rede de lojas de departamento no Brasil. Pertencem ao Grupo Guararapes Confecções.

Vejamos como ficaram dispostas as perguntas e respostas, usando como exemplo as sete questões verificadas no dicionário Michaelis para o par “bermuda/bermudas”.

Quadro 5.1 - Análise do par “bermuda/bermuldas” no dicionário Michaelis

Michaelis	Bermuda	Bermulas
1. Existe ou não existe?	Sim	Sim
2. Existe como entrada ou existe como menção no interior de outro verbete?	Como entrada e como menção.	Sim, como entrada e não há descrição no interior do verbete.
3. Existe uma definição do termo que se encaixa na área do vestuário?	Sim	Não
4. Existe alguma indicação sobre o uso do singular ou do plural? Ou do <i>pluralia tantum</i> ?	Não	Não
5. Caso haja uma entrada para o singular e outra entrada para o plural, o significado se altera?	-	Não
6. As definições que constam nos dicionários têm relação com os usos dos objetos que elas nomeiam?	Sim	-
7. O dicionário inclui um contexto, uma frase ilustrativa para definir a palavra?	Sim	Não

Fonte: as autoras.

Vejamos como ficaram dispostas as perguntas e respostas para as palavras “bermuda/bermuldas” verificadas no catálogo digital das lojas Renner. Por se tratar de um catálogo on-line de loja, somente as cinco primeiras perguntas foram consideradas.

Quadro 5.2 - Análise do par “bermuda/bermuldas” no catálogo da Renner

Renner	Bermuda	Bermulas
1. Existe ou não existe?	Sim	Sim
2. Existe como entrada ou existe como menção no interior de outro verbete?	Sim, como entrada.	Não, remete a resultados no singular.
3. Existe uma definição do termo que se encaixa na área do vestuário?	Sim	Sim
4. Existe alguma indicação sobre o uso do singular ou do plural? Ou do <i>pluralia tantum</i> ?	Uso no singular parece priorizado.	Não
5. Caso haja uma entrada para o singular e outra entrada para o plural, o significado se altera?	Não	Não, mas remete ao singular.

Fonte: as autoras.

Após responder as perguntas, fizemos uma análise dos dados, observando cada questão, e, depois, comparando os resultados das tabelas, assim cruzando as informações levantadas. Consultados, então, os substantivos nos dicionários da língua portuguesa, nas obras sobre vestuário e moda e nos sites das lojas, foi possível verificar a flexão de número predominante dos termos.

ANÁLISE DOS DADOS

O presente estudo utilizou um corpus composto por três dicionários da língua portuguesa – Aulete, Houaiss e Michaelis. Em primeiro lugar, empreendemos uma análise quantitativa das ocorrências dos termos no singular e no plural em cada dicionário. Percebemos que na maioria dos casos dos dez pares de termos analisados, os dicionários da língua portuguesa não têm consenso sobre o tratamento das palavras em relação à flexão de número, e muitas vezes não houve resposta para as perguntas. O Aulete apresenta entrada para “bermuda” e não consta qualquer menção ao termo no plural; já o Houaiss tem como entrada principal a palavra “bermudas”, no plural, sendo que o termo no singular existe nesse dicionário, mas remete a “bermudas”. O Michaelis, seguindo a mesma lógica do Aulete, privilegia a forma dessa palavra no singular, mas apresenta a entrada “bermudas”, que indica a remissão a “bermuda”. Em relação aos pares “calça/calças” e “cueca/cuecas”, observamos a mesma lógica de “bermuda/bermudas”. Quer dizer, tanto o dicionário Aulete quanto o Michaelis priorizam a forma singular, e o Houaiss privilegia a palavra no plural.

O dicionário Houaiss claramente dá destaque ao fenômeno linguístico dos *pluralia tantum*, pois é nessa obra que aparece a maior parte das ocorrências de entradas dos termos no plural. Além das já mencionadas “bermudas”, constam nas suas formas no plural “calças”, “calcinhas” e “cuecas”. É também o Houaiss a obra que mais

faz indicação sobre os *pluralia tantum* nas definições dos verbetes, em “calças”, “calcinhas” e “cuecas”. Em “calcinhas” está escrito (HOUAISS, 2009, p. 367) “é um caso típico de *pluralia tantum*”, e em “cuecas”, além da menção ao *pluralia tantum*, há a informação de que (HOUAISS, 2009, p. 581) “no Brasil é mais usado no singular e em Portugal, no plural”.⁷⁶

No dicionário Michaelis, as palavras “bermuda”, “cueca”, “suspensório”, “luva” e “manga” têm entradas no singular, as definições possuem relação com o uso dos objetos que nomeiam e há descrição detalhada que ilustra e insere o verbo em um contexto relacionado com o vestuário. No entanto, os termos “bermudas” e “cuecas” também recebem entradas no plural, mas não há qualquer descrição ou definição dos termos, apenas a remissão para os verbetes das palavras na forma singular. Não há entrada no dicionário Michaelis para as palavras “mangas” e “luvas”, como se elas não existissem. Entretanto, há definições das mesmas no interior dos verbetes no singular, apesar de não possuírem relação com o vestuário. Já “suspensórios” tem definição relacionada com o vestuário no singular, sendo que há somente uma frase com a palavra usada no plural, no interior do verbo que está no singular. Sendo assim, para essas palavras, parece-nos que existe intencionalmente uma preferência para o uso dos verbetes no singular, pois ou não há definição dos mesmos no plural ou a definição não tem relação com o vestuário.

Os pares “luva/luvas” e “meia/meias” consistem num exemplo interessante, já que os significados das entradas dicionarizadas no plural existem nos três casos, mas não remetem ao campo do vestuário e da moda:

Luvas s.f.pl. [...] 4 Quantia acima do preço paga na assinatura de contrato como recompensa pela preferência concedida; 5 Valor do aviamento (ponto, clientela etc.) acrescentado ao preço

76 É importante ressaltar que a palavra “cueca” tem acepções diferentes no Brasil e em Portugal. No Brasil é uma peça de vestuário íntimo masculina; em Portugal, uma peça de vestuário íntimo que serve para homens e mulheres.

de balanço na venda ou transferência de estabelecimento mercantil ou industrial; 6 Recompensa recebida por quem presta um serviço ou facilita negócio alheio; 7 Dinheiro recebido por jogador na assinatura de novo contrato. (HOUAISS, 2009, p. 1204).

Entretanto, dentro da definição de “luvas”, o dicionário Houaiss oferece a explicação da expressão “luvas de pelica”: “aquelas feitas com pele fina de animal, curtida e preparada para que fique bem macia” (HOUAISS, 2009, p. 1204). Ou seja, mesmo que, e de acordo com o próprio dicionário, a palavra só tenha um sentido que se relaciona com o vestuário no singular, na entrada do termo no plural é apresentada uma expressão que usa a palavra no plural, remetendo a uma peça de indumentária. Tal incoerência também ocorre com “meia”, cuja entrada no plural não faz menção ao campo do vestuário e da moda, mas na definição da palavra no singular aparece a indicação de que o termo é mais usado no plural. Junto com “sapato/sapatos”, vale mencionar que esses pares dizem respeito a peças que cobrem as extremidades do corpo, mãos e pés, e podem ser utilizados com a expressão “um par de”.

Da mesma maneira como acontece com “meia”, no par “manga/mangas” prevalece o uso de “manga”, no singular, pois nos três dicionários não constam entradas para a forma no plural. Entretanto, os exemplos oferecidos pelo Houaiss para “manga” utilizam a palavra no plural (HOUAISS, 2009, p. 1232): “arregaçar as mangas”, “pôr as mangas de fora”, “em mangas de camisa”. O mesmo ocorre em “polaina/polainas” e “suspensório/suspensórios”, cuja entrada no plural não existe nos dicionários consultados, mas o Aulete dá a indicação de que a palavra “polaina” é mais usada no plural. E, no caso de “suspensório”, a frase ilustrativa empregada pelo Houaiss utiliza a palavra no plural.

Dos dez pares de palavras selecionados, apenas “calcinhas” é majoritariamente usada no plural, ou seja, há uma tendência dos dicionários a empregarem esse termo no plural (Houaiss e Michaelis), apesar de não haver consenso (já que o Aulete prioriza “calcinha”). Nos termos “cueca/cuecas” há menção ao *pluralia tantum* na entrada “cuecas” (Houaiss), apesar de quantitativamente prevalecer o uso do singular.

SUMÁRIO

Nos dicionários especializados em vestuário e moda (*Terminologia do vestuário* e *Enciclopédia da moda*), nem todos os pares de termos analisados foram encontrados aqui: “calcinha/calcinhas” e “cueca/cuecas” não constam em nenhum dos dicionários. A *Enciclopédia da moda* não apresenta definição para o par “meia/meias”, apesar de oferecer explicações de peças de vestuário que derivam de “meia”, por exemplo, “meia-calça”, “meia fina”, “meia fina três-quartos”, “meia-luva (mitene)”, “meia soquete”. Também não há nessa obra referência ao par “polaina/polainas”.

Percebemos que a *Terminologia do vestuário*, que foi produzida em língua portuguesa por profissionais do campo do vestuário e da moda, tende a empregar os termos no singular, seguindo a norma dos dicionários de língua geral, e, como mencionado acima, além de não apresentar definições para “calcinha/calcinhas” e “cueca/cuecas”, também não propõe entrada para os termos “suspensório/suspensórios”. Na *Terminologia do vestuário* constam entradas para as palavras “bermuda”, “calça”, “luva”, “manga”, “meia”, “polaina”, todas no singular; ao contrário do que acontece na *Enciclopédia da moda*, que tende a priorizar o uso do plural, como nos casos “bermudas”, “calças” e “luvas”. Os termos “manga” e “suspensório” surgem no singular.

Em seguida, nos voltamos para os resultados da análise dos dados depreendidos nos catálogos on-line das lojas Renner e Riachuelo.⁷⁷ No catálogo da Renner, todas as buscas remetem às palavras “bermuda”, “suspensório” e “luva”, no singular. Existem resultados para as palavras na forma plural, mas estes remetem aos termos no singular. Em relação aos pares “cueca/cuecas” e “manga/mangas”, a pesquisa revela ocorrências das palavras tanto no singular quanto no plural. Na loja Riachuelo, constam as palavras “bermuda” e “suspensório”, no singular. Ao digitar “bermudas” e “suspensórios”, no plural, a pesquisa traz resultados em que essas palavras remetem à forma singular. Existe também uma prevalência de resultados para

77 As pesquisas nos sites das lojas Renner e Riachuelo foram feitas em julho de 2021.

a palavra “cueca”, no singular, e o plural, “cuecas”, remete ao singular, pois a Riachuelo usa a referência no singular para expressar o plural (por exemplo, “kit cueca duas peças”). O par “manga/mangas” é encontrado somente no singular, não existindo resultados para esse termo no plural. É importante ressaltar que os resultados das buscas variam em função do dia da pesquisa, e por vezes encontramos plural onde antes não havia, ou seja, não são resultados estáveis. Entretanto, podemos afirmar que há nas duas lojas, acompanhando a lógica das obras lexicográficas, uma preferência para uso dos vocábulos no singular.

Por fim, procuramos empreender uma análise cruzada dos dados, fazendo a triangulação entre a maneira como os termos surgem nas obras lexicográficas (valor normativo), o modo como aparecem nas terminologias do vestuário e nos catálogos on-line das lojas (valor de uso), e a história das peças que essas palavras nomeiam e as partes do corpo que vestem (determinamos três categorias: tronco, bifurcação e extremidades).

Como afirma Maria Cristina Volpi, “o vestuário ocidental contemporâneo caracteriza-se pela predominância de peças cortadas e costuradas” (VOLPI, 2018, p. 64). Originalmente a “calça”, por exemplo, era feita de duas partes separadas, cada uma cobria uma perna, que só depois foram unidas pelo fundilho, formando uma peça única. As “mangas” também são um caso provocativo, já que um dos maiores desafios das roupas costuradas é a junção da manga com a cava. Em se tratando de roupas cortadas e ajustadas, os pontos de articulação do corpo – ombros, cotovelos, joelhos – constituem as partes mais difíceis de vestir. Dos termos selecionados, “suspensório”, “calcinha” e “cueca” vestem o tronco; “manga”, “bermuda” e “calça”, as partes bifurcadas do corpo (braços e pernas); e “luva”, “polaina”, “meia” e “sapato” são peças que cobrem as extremidades do corpo (mãos e pés).

Havia a expectativa de que ao menos as peças bifurcadas tivessem relação com o *pluralia tantum*, já que, ao contrário daquelas que cobrem as extremidades do corpo, as roupas bifurcadas modernas

não podem ser usadas separadamente. Contudo, após a análise dos dados, essa hipótese não se sustentou. Nem os dicionários de língua geral, nem dicionários especializados na área da moda e vestuário, e tampouco os catálogos on-line das lojas tratam os termos referentes às partes bifurcadas do corpo e as palavras que nomeiam as peças que cobrem as extremidades do corpo como *pluralia tantum*. Foi surpreendente constatar que o único par de palavras que efetivamente parece estar sujeito a esse fenômeno linguístico – “calcinha/calcinhas” – cobre o quadril, que faz parte do tronco. Ainda assim, somente as obras lexicográficas generalistas tratam esse par como *pluralia tantum*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre um fenômeno conhecido na lexicologia e lexicografia como *pluralia tantum*, para avaliar se deveríamos incluir na versão em língua portuguesa do Vocabulário de Termos Básicos (VTB) a forma plural ou a forma singular de termos do vestuário aparentemente associados a esse fenômeno. Curiosamente, a revisão da literatura sobre o assunto mostrou que, para os lexicógrafos, a terminologia do vestuário também constitui um caso problemático, que divide opiniões e motiva reflexões no campo da lexicografia. Ficou clara a variedade de caminhos possíveis que os lexicógrafos teoricamente podem seguir na hora de incluir esse tipo de palavras nos dicionários, bem como a falta de critérios para identificar eficazmente os *pluralia tantum*. Este leque de possibilidades também foi observado na prática.

De modo a verificar o uso singular ou plural dos dez pares de termos selecionados por nós para este estudo, analisamos o emprego das palavras em três dicionários da língua portuguesa impressos e on-line, em dois dicionários especializados na área do vestuário e em dois catálogos de lojas on-line. O resultado da análise dos dicionários

SUMÁRIO

nos permite afirmar que, quando se trata da flexão de número dos termos selecionados, existe uma preferência pelo uso do singular, e que o único termo, dentro do nosso corpus de análise, que efetivamente é empregado como *pluralia tantum* é “calcinhas”, uma peça de vestuário que, curiosamente, não cobre partes bifurcadas do corpo, mas veste o tronco. Note-se, no entanto, que, apesar de tal preferência, a forma plural dos termos como entrada ou como menção no interior dos verbetes não é negligenciável. Um exemplo dessa contra-tendência é o dicionário Houaiss, que emprega os termos na forma plural mais vezes do que os outros dois dicionários. Tal inconsistência confirma a falta de sistematicidade no tratamento do fenômeno dos *pluralia tantum* que nos motivou a querer investigar este assunto e que foi constatada também na revisão bibliográfica.

O resultado da análise dos dicionários de vestuário e moda e dos catálogos das lojas revelou uma tendência idêntica, pois estes recursos também privilegiam a forma singular dos termos, sendo a *Enciclopédia da moda* de Georgina O’Hara Callan, na tradução de Glória Maria de Mello Carvalho e Maria Ignez França, a voz dissonante no conjunto destas duas categorias de fontes consultadas. Nos parece possível formular a hipótese de que esta obra, por se tratar de uma tradução da língua inglesa para o português, utiliza majoritariamente o plural, pois os tradutores procuraram palavras mais próximas do uso da língua, ou seja, também eles ou elas tinham uma percepção idêntica à nossa de que esses termos poderiam ser *pluralia tantum*.

O fato de existirem duas vozes dissonantes (*Houaiss* e *Enciclopédia da moda*) em nosso corpus majoritariamente voltado para o emprego da forma singular dos termos selecionados se alinha com as descobertas de Baayen et al. (1997), discutidas no início deste capítulo. Baayen et al. (1997) mostraram que o fato de um substantivo ser usado muito mais no plural do que no singular é considerado algo mais especial e digno de nota do que o fato de um substantivo ser usado mais no singular do que no plural, o que seria uma situação bem mais

comum. Parece, portanto, que os dicionários que, por vezes, fogem da regra identificada (*Houaiss* e *Enciclopédia da moda*) podem ter sido influenciados por essa percepção de que há algo especial nesses termos do vestuário que tantas vezes empregamos, em nosso dia a dia, na forma plural.

Em todo o caso, a tendência geral observada é o emprego dos termos na forma singular, o que está em consonância com Blühdorn et al. (2008), que defendem que não existem *pluralia tantum* em português e que sugerem a inclusão de todos os substantivos na sua forma singular canônica nas entradas dos dicionários da língua portuguesa.

Ainda que para o presente estudo tenhamos analisado um pequeno corpus composto por dez pares de termos do vestuário, com os quais nos deparamos durante a elaboração do VTB, parece-nos que os resultados obtidos apontam para a conclusão que o fenômeno dos *pluralia tantum* é raro, senão mesmo inexistente em língua portuguesa. Um dos impactos imediatos trazidos por essa conclusão é a constatação de que será necessário revisar a flexão do conjunto de termos inseridos no VTB. Este será, certamente, um dos desdobramentos do estudo que aqui apresentamos.

Por fim, esperamos que a nossa reflexão e conclusão sobre os *pluralia tantum* seja útil para os pesquisadores e as pesquisadoras que trabalham com a terminologia do vestuário bem como para os lexicógrafos que confeccionam dicionários especializados e/ou gerais.

REFERÊNCIAS:

ATKINS, Sue; RUNDELL, Michael. **The Oxford Guide to Practical Lexicography**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BAAYEN, Harald; DIJKSTRA, Ton; SCHREUDER, Robert (1997). Singulars and plurals in Dutch: Evidence for a parallel dual route model. **Journal of Memory and Language**, v. 36, 1997, p. 94–117.

SUMÁRIO

BERGENHOLTZ, Henning; TARP, Sven. **Manual of Specialized Lexicography**: The Preparation of Specialised Dictionaries. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

BLUHDORN, Hardarik; SIMÕES, Luciene; SCHMALTZ, Márcia. Sintagmas nominais contáveis e não-contáveis no alemão e no português brasileiro. *In*: BATTAGLIA, Maria Helena; NOMURA, Masa (orgs.). **Estudos lingüísticos contrastivos em alemão e português**. São Paulo: Annablume, 2008, pp. 41-82.

CALUWE, Johan; VAN SANTEN, Ariane. Phonological, morphological and syntactic specifications in monolingual dictionaries. *In*: VAN STERKENBURG, Piet (ed.). **A Practical Guide to Lexicography**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 71-82.

CORBETT, Greville. Pluralia tantum nouns and the theory of features: a typology of nouns with non-canonical number properties. **Morphology**, v. 29, 2019, p. 51–108.

CUNHA, Cláudio. O léxico e as unidades lexicais: revisitando a teoria. **Guavira Letras**, Três Lagoas/MS, v. 15, n. 30, p. 15-30, maio/ago. 2019.

MEL'CUK, Igor; POLGUÈRE, Alain. **Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire**. Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot/AUPELF-UREF, 1995.

MIHATSCH, Wiltrud. Collectives, object mass nouns and individual count nouns: nouns between lexical and inflectional plural marking. **Lingvisticae Investigationes**, v. 39, n. 2, 2016, p. 289–308.

NUCCORINI, Stefania. Towards an 'ideal' Dictionary of English Collocations. *In*: VAN STERKENBURG, Piet (ed.). **A Practical Guide to Lexicography**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003, p.366-387.

VOLPI, Maria Cristina. **Estilo urbano**: modos de vestir na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018

Fontes consultadas (lexicográficas e outras):

AULETE. **Dicionário Aulete Digital**. 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/> . Acesso em 08 de junho de 2022.

CALLAN, Georgina O'Hara. **Enciclopédia da moda**: de 1840 à década de 90, tradução de Glória Maria de Mello Carvalho e Maria Ignez França, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1a edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis Online**. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/> . Acesso em 08 de junho de 2022.

RENNER. **Catálogo online das lojas Renner**. 2022. Disponível em: <https://www.lojasrenner.com.br/> . Acesso em 08 de junho de 2022.

RIACHUELO. **Catálogo online das lojas Riachuelo**. 2022. Disponível em: <https://www.riachuelo.com.br/> . Acesso em 08 de junho de 2022.

SENAI. **Terminologia do vestuário**: português; espanhol-português; inglês-português; francês-português, São Paulo: Escola SENAI “Engenheiro Adriano José Marchini” - Centro Nacional de Tecnologia em Vestuário, 1996.



SUMÁRIO

ANEXO A

A.1) Equipe de execução do projeto

Docentes Universidade Federal do Rio de Janeiro:

Janine Pimentel (coordenadora), Programa interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras

Maria Cristina Volpi (coordenadora), Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes

Madson Oliveira, Programa de Pós-Graduação em Design, Escola de Belas Artes

Discentes Universidade Federal do Rio de Janeiro:

Graduação:

Luciene C. Alves De Lucena, Graduação em Letras: Português-Literaturas

Mestrado:

Hellen Alves Cabral, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes

Henrique Guimarães dos Santos, Graduação em Artes Cênicas - Indumentária

Doutorado:

Carolina Casarin, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes

Carolina Morgado Pereira, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes

Fuviane Galdino Moreira, Programa de Pós-Graduação em Artes
Visuais, Escola de Belas Artes

Pesquisadora Museu Histórico Nacional:

Maria do Carmo Rainho

Pesquisadora Arquivo Nacional:

Jeane Mautoni

SUMÁRIO

ANEXO B

B.1) Grupo de peças de vestuário (versão em inglês) do Vocabulário de Termos Básicos - *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume* - ICOM International Committee for the Museums and Collections of Costume:

Women's Garments:

1. Main Garments
2. Outerwear
3. Protective Wear (against dirt or danger, not weather)
4. Underwear
5. Supporting and/or Shaping Structures
6. Night and Dressingwear
7. Accessories Worn
 - a. Head
 - b. Hairdressing
 - c. Face coverings and additions
 - d. Above waist
 - e. At waist and below
 - f. Arms and hands
 - g. Legs and feet
8. Accessories Carried
9. Accessories Added to Body or Clothing for Ornament
10. Accessories Used in the Care of the Person
11. Accessories Used in the Care of Clothing

12. Accessories Used in the Making and Adjusting of Clothes

Men's Garments:

1. Main Garments
2. Outerwear
3. Protective Wear (against dirt or danger, not weather)
4. Underwear
5. Supporting and/or Shaping Structures
6. Night and Dressingwear
7. Accessories Worn
8. Head
9. Hairdressing
10. Face coverings and additions
11. Above waist
12. At waist and below
13. Arms and hands
14. Legs and feet
15. Accessories Carried - See Women's Garments
16. Accessories Added to Body or Clothing for Ornament - See Women's Garments
17. Accessories Used in the Care of the Person - See Women's Garments

18. Accessories Used in the Care of Clothing - See Women's Garments
19. Accessories Used in the Making and Adjusting of Clothes - See Women's Garments

Infants' Garments:

1. Main Garments
2. Outerwear
3. Protective Garments
4. Underwear
5. Supporting and/or Shaping Structures
6. Nightwear
7. Accessories Worn
8. Head
9. Hairdressing
10. Face
11. Above waist
12. At waist or below
13. Arms and hands
14. Legs and feet
15. Accessories Carried
16. Accessories Added to Body or Clothing for Ornament - See Women's Garments



SUMÁRIO

17. Accessories Used in the Care of the Person - See Women's Garments
18. Accessories Used in the Care of Clothing - See Women's Garments
19. Accessories Used in the Making and Adjusting of Clothes - See Women's Garments

Fonte: Terminology, Disponível em: <http://terminology.collectionstrust.org.uk/ICOM-costume/> . Acesso em 03 de março de 2018.
©ICOM International Committee for the Museums and Collections of Costume

B.2) Lista de termos em inglês para vestuário – feminino, masculino e infantil do Vocabulário de Termos Básicos - *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume* - ICOM International Committee for the Museums and Collections of Costume:

Women's Garments:

1. Main Garments

1.1 Covering body above and below the waist - Dress (Types 1-6)

1.11 **Dress (1)** one piece

1.12 **Dress (2)** two pieces

1.13 **Dress (3)** three or more pieces

1.14 **Dress (4)** as 1 to 3 with additional, optional piece, but complete without it (including dresses with alternative day/evening bodices)

1.15 **Dress (5)** one piece needing additional garment for completion



SUMÁRIO

1.16 **Dress (6)** two pieces needing additional garment for completion

1.2 Covering body below waist

1.21 **Bodice**

Bodice Blouse

1.22 **Bodice** Jacket Cardigan

1.23 **Bodice** Jacket Waistcoat

1.24 **Bodice** Pullover

Bodice Pullover (Tee shirt)

1.3 Covering body below waist

1.31 **Skirt**

Skirt (Petticoat)

1.32 **Skirt** Divided

1.33 **Trousers**

Trousers Jeans

1.34 **Trousers** Knickerbocker

1.35 **Trousers** Shorts

2. Outerwear

2.1 Unshaped textile, covering upper half of body or more

Shawl

2.2 Covering body above and below waist without shaping for arms

Cloak

with shaping for arms

Coat



SUMÁRIO

2.3 Covering body above and below waist without shaping for arms

Cape

with shaping for arms

Jacket

2.4 Covering body above and below waist or above waist with partial shaping for arms

Mantle

Mantle Dolmen

3. Protective Wear against dirt or danger, not weather

3.1 Completely covering person or garment without shaping for legs, knee level and below

Overall Overall

3.2 Covering upper part of the body to knees

Overall Jacket - with or without opening

3.3 Covering body with shaping for legs

Overalls

3.4 Covering front of body only

Pinafore above and below waist

Apron below waist

Note: 3.5 **Pinafore** with complete front shaped over shoulder. Apron if front is limited to small bib.

4. Underwear

4.1 Worn next to the body above and below waist

Chemise

Chemise Vest



SUMÁRIO

4.2 Above and below waist with shaping for legs

Combinations

Combinations Camiknickers

4.3 Above waist

Underbodice

Underbodice Camisole

Underbodice Spencer

4.4 Below waist with shaping for legs

Drawers

Drawers Knickers Directoire

Drawers Knickers French

Drawers Knickers Briefs

4.5 Above and below waist immediately beneath main garment

Underdress

Underdress Petticoat

Underdress Slip

4.6 Below waist immediately beneath main garment

Underskirt

Underskirt Petticoat Slip

5. Supporting and/or Shaping Structures

5.1 Supporting or shaping body above waist

Brassiere

5.2 Supporting or shaping body above and below waist

Corset

Corset (Corselet)

5.3 Supporting or shaping body below waist

Corset Belt

Corset Belt (Pantie girdle)

5.4 Supporting or shaping garments above waist

5.41 **Collar Support** (supportasse)

5.42 **Bust Improvers**

5.43 **Sleeve Supports**

5.5 Supporting or shaping garments below waist

5.51 **Hoop**
Hoop Crinoline frame

5.52 **Bustle**

5.53 **Suspender Belt**

6. Night and Dressingwear

6.1 Worn in bed covering body above and below waist

Nightdress one piece (including garment divided for legs)

Pyjamas two pieces (jacket and trousers)

6.2 Worn in bed over nightjacket

Bedjacket

6.3 Worn while dressing or when not fully dressed above and below the waist

Dressing Gown

Dressing Gown Bathrobe

Dressing Gown Powdering gown

6.4 Worn while dressing or when fully dressed above waist

Dressing Jacket

Dressing Cape

7. Accessories Worn

7.1 Head



SUMÁRIO

- 7.11 **Hat**
 - Hat** Bonnet
- 7.12 **Cap**
 - Cap** Turban
- 7.13 Covering head and extending to shoulders and beyond
 - Hood**
 - Hood** Calash
- 7.14 Covering head and/or face and extending to shoulders and beyond
 - Veil**
- 7.15 Covering head unshaped textile
 - Handkerchief**
- 7.2 Hairdressing
 - 7.21 **Hair**
 - Hair** Switch
 - Hair** Curls
 - Hair** Pads
 - 7.22 **Wig**
 - 7.23 **Hairpin**
 - 7.24 **Comb**
 - 7.25 **Hairnet**
 - 7.26 **Hairband**
- 7.3 Face coverings and additions
 - 7.31 **Mask**
 - 7.32 **Patches**

7.33 **Eyelashes**

7.34 **Spectacles**

Spectacles Sunglasses

7.4 Above waist

7.41 **Collar**

7.42 **Tie**

7.43 **Scarf**

7.44 **Handkerchief**

7.45 **Chemisette**

Chemisette Modesty vest

7.46 **Stomacher**

Stomacher Plastron

7.5 At waist and below

7.51 **Sash**

7.52 **Belt**

Belt Chatelaine

7.53 **Chatelaine**

7.54 **Bag**

Bag Pocket

7.6 Arms and hands

7.61 **Sleeves**

7.62 **Oversleeves**

7.63 **Undersleeves**



SUMÁRIO



SUMÁRIO

7.64 **Cuffs**

7.65 **Sleeve Ruffles**

7.66 **Gloves**

7.67 **Mittens**

Mittens Wristlets

7.68 **Muff**

7.7 Legs and feet

7.71 **Stockings**

Stockings Tights

Stockings Socks

Stockings Kneestockings

7.72 **Garters**

7.73 **Gaiters**

Gaiters Spats

7.74 **Boots**

Boots Knee

7.75 **Shoes**

Shoes Sandals

Shoes Slippers

7.76 **Overshoes**

Overshoes Galoshes Snowboots

Overshoes Pattens

8. **Accessories Carried**

8.1 **Bag**

Bag Handbag

Bag Suitcase



SUMÁRIO

8.2 **Purse**

8.3 **Fan**

8.4 **Bouquet** Holder

8.5 **Watch** (all types of watches)

8.6 **Umbrella**

8.7 **Parasol**

8.8 **Walking Stick**

8.9 **Handkerchief**

9. Accessories Added to Body or Clothing for Ornament

9.1 Worn as a group on different parts of the body

Set

Set Purse

9.2 Worn on head or face

9.21 **Wreath**

9.22 **Tiara**

9.23 **Comb**

9.24 **Hairpin**

9.25 **Earrings**

9.3 Worn on body

9.31 **Brooch**

Brooch Pin Tie-pin

Brooch Clip

9.32 **Necklace**

9.33 **Pendant**

9.34 **Insignia**

9.4 Worn on arms and legs

9.41 **Bracelet**

9.42 **Ring**

9.43 **Anklet**

9.5 Worn on unspecified parts of the body

9.51 **Button**

Button Stud

9.52 **Buckle**

9.53 **Flowers**

9.54 **Feathers**

Note: 9.34 Orders if worn as addition to normal civilian dress

10. Accessories Used in the Care of the Person

10.1 Hair Equipment

Hair Equipment Brush

Hair Equipment Comb

Hair Equipment Curling implements

10.2 Cosmetic Equipment

Cosmetic Equipment Beauty box

Cosmetic Equipment Powder box

Cosmetic Equipment Powder puff

Cosmetic Equipment Scent bottle

Cosmetic Equipment Smelling salts

Cosmetic Equipment Vinaigrette



SUMÁRIO

- 10.3 **Dressing and Toilet Equipment** (including equipment for washing, teeth, shaving, powdering infants)
 - Dressing and Toilet Equipment** Dressing case, Dressing basket (infants)
 - Dressing and Toilet Equipment** Looking glass
 - Dressing and Toilet Equipment** Pincushion
- 10.4 **Manicure and Pedicure Equipment**
- 10.5 **Exercise and Posture Equipment**
- 11. **Accessories Used in the Care of Clothing**
 - 11.1 **Brush**
 - 11.2 **Button Hook**
 - 11.3 **Glove Stretchers**
 - 11.4 **Shoe Horn**
 - Boot Jack**
 - 11.5 **Trees**
 - Trees** Boot
 - Trees** Shoe
 - 11.6 **Coat Hanger**
 - 11.7 **Case** (including any container or cover for garments of men, women, infants)
 - Case** Spectacle
 - Case** Sachet Handkerchief
 - Case** Hatbox
- 12. **Accessories Used in the Making and Adjusting of Clothes**
 - 12.1 **Fastenings**
 - Fastenings** Laces Shoes

Fastenings Laces Corset
Fastenings Pins Safety pins
Fastenings Suspenders
Fastenings Buttons and Studs
Fastenings Hooks and Eyes
Fastenings Zipfastener
Fastenings Buckle
Fastenings Hatpin
Fastenings Cuff-links

12.2 Supports

Supports Busks
Supports Collar supports
Supports Suspender

12.3 Protectors

Protectors Dress protectors
Protectors Dress holders
Protectors Cycling clips
Protectors Sleeveholders

12.4 Trimmings

Trimmings Bead
Trimmings Embroidery
Trimmings Lace

12.5 Dressmaking Materials

SUMÁRIO

Men's Garments:

1. Main Garments

1.1 Covering body above and below waist - **Suit** (Types 1-5)

1.11 **Suit (1)** three pieces (coat, waistcoat, breeches or trousers)

1.12 **Suit (2)** two pieces (coat, breeches or trousers)

1.13 **Suit (3)** two pieces (coat, waistcoat)

1.14 **Suit (4)** two pieces (jacket or waistcoat, trousers or breeches)

1.15 **Suit (5)** one piece (combination garment shaped for legs)

1.16 **Gown**

1.17 **Gown** more than one piece (i.e. with matching waistcoat)

1.2 Covering body above waist and to knee level

1.21 **Coat**

Coat Frock (18th century)

Coat Frock coat (19th century)

Coat Jacket Blazer

Coat Jacket Cardigan

Coat Jacket Shirt

Coat Jacket Jerkin

1.22 **Waistcoat**

Waistcoat Doublet

1.23 **Pullover**

Pullover Tee shirt (see Women 1.24)

1.24 **Shirt**



SUMÁRIO

1.3 Covering body below waist

1.31 **Trousers**

Trousers Pantaloons

Trousers Oxford bags

1.32 **Breeches**

Breeches Plus fours

Breeches Shorts

Breeches Bibbed breeches

1.33 **Skirt** Kilt

2. Outerwear

2.1 Unshaped textile, covering upper half of body or more

Shawl

Shawl Plaid

2.2 Covering body above and below waist without shaping for arms

Cloak

with shaping for arms

Overcoat

Overcoat Mackintosh

2.3 Covering body above waist without shaping for arms

Cape

with shaping for arms

Jacket

2.4 Covering body above and below waist or above only with partial
shaping for arms

Mantle Inverness cape

3. Protective Wear against dirt or danger, not weather



SUMÁRIO

3.1 Completely covering person or garment without shaping for legs,
knee level and below

Overall

Overall Smock - with or without opening

3.2 Covering upper part of the body to knees

Overall Jacket - with or without opening

3.3 Covering body with shaping for legs

Overalls

3.4 Covering front of body only

Apron with or without bib section

4. Underwear

4.1 Worn next to the body above and below waist

Undershirt

Undershirt Vest

4.2 Above and below waist with shaping for legs

Combinations

4.3 Above waist

Shirt

4.4 Below waist

Drawers

Drawers Pants

Drawers Trunks

Drawers Linings

4.5 Above waist immediately beneath main garment

Under Waistcoat

Under Waistcoat Waistcoat borders

5. Supporting and/or Shaping Structures



SUMÁRIO

5.1 Supporting or shaping body

Corset

Corset Belt

Calf Improvers

5.2 Supporting garments

Braces

Belt

6. Night and Dressingwear

6.1 Worn in bed covering body above and below waist

Nightdress one piece (including garment divided for legs)

Pyjamas two pieces (jacket and trousers)

6.2 Worn in bed over nightwear

Bedjacket

6.3 Worn while dressing or when not fully dressed above and below the waist

Dressing Gown

Dressing Gown Banyan

Dressing Gown Nightgown

Dressing Gown Powdering gown

Dressing Gown Bath wrap

6.4 Worn while dressing or when fully dressed above waist

Dressing Jacket Powdering jacket

Dressing Cape Shaving Cape Powdering Cape

7. Accessories Worn

7.1 Head

7.11 **Hat**



SUMÁRIO

- 7.12 **Cap**
 - Cap** Nightcap
- 7.13 Covering head and extending to shoulders and beyond
 - Hood**
- 7.14 Unshaped textile
 - Handkerchief**
 - Hatscarf**
 - Hatband**
- 7.2 Hairdressing
 - 7.21 **Hair**
 - Hair** False hair
 - Hair** Pads Frame
 - 7.22 **Wig**
 - 7.23 **Hairpin**
 - 7.24 **Comb**
 - 7.25 **Hairnet**
 - Wigbag**
 - 7.26 **Hairband**
 - Hairtie**
- 7.3 Face coverings and additions
 - 7.31 **Mask**
 - 7.32 **Patches**
 - 7.33 **Spectacles**
 - Spectacles** Sunglasses
 - Spectacles** Eyeglass

7.4 Above waist

7.41 **Neckcloth**

Neckcloth Ruff

Neckcloth Cravat

Neckcloth Collar

Neckcloth Collar Stock

7.42 **Tie**

7.43 **Scarf**

7.44 **Shirtfront** with or without collar

Shirtfront Chest protector

7.5 At waist and below

7.51 **Sash**

7.52 **Belt**

Belt Sword

7.53 **Fob**

7.54 **Sword**

7.6 Arms and hands

7.61 **Sleeves**

7.62 **Oversleeves**

7.63 **Undersleeves**

7.64 **Cuffs**

7.65 **Sleeve Ruffles**

7.66 **Gloves**

SUMÁRIO

7.67 **Mittens**

7.68 **Muff**

7.7 Legs and feet

7.71 **Stockings** Tights

Stockings Socks

Stockings Understockings

Overstockings

7.72 **Garters**

Suspenders

7.73 **Gaiters**

Gaiters Spats

Gaiters Puttees

7.74 **Boots**

Boots Knee

7.75 **Shoes**

Shoes Pumps

7.76 **Overshoes**

Overshoes Galoshes Snowboots

Overshoes Pattens

Infants' Garments

1. Main Garments

1.1 Longer than body, full length or below knees

Dress

1.11 Extending longer than body

Dress

1.111 **Dress** Gown back opening

SUMÁRIO



SUMÁRIO

- 1.112 **Dress** Gown front opening
- 1.12 Full length or shorter without shaping for legs
 - Dress**
 - 1.121 **Dress** Frock one piece
 - 1.122 **Dress** Bodice and skirt
 - 1.123 **Dress** three or more pieces
- 1.13 Full length or shorter with shaping for legs
 - 1.131 **Dress** Suit one piece
 - 1.132 **Dress** two pieces, lower part shaped for legs
- 1.2 Covering upper half of body
 - 1.21 **Bodice**
 - Bodice** Jacket
 - Bodice** Pullover
- 1.3 Covering lower half of body
 - 1.31 **Skirt**
 - 1.32 **Trousers** open or with foot covering
 - Trousers**
 - Trousers** Tights (rompers)
 - 1.33 **Trousers** Leggings (detachable lower part of trouser legs)
- 2. **Outerwear**
 - 2.1 Unshaped textile
 - Bearing Cloth**
 - Shawl**

Bed-Cloth folded to enclose whole or part of body, tied or sewn to make enclosure

2.2 Covering body above and below waist without shaping for arms

Cloak

with shaping for arms

Coat

2.3 Covering body above waist without shaping for arms

Cape

with shaping for arms

Jacket

2.4 Covering body above and below or above waist with only partial shaping for arms (see: Women's Garments)

Mantle

3. Protective Garments

3.1 Completely covering main garment

Overall

divided for legs

Overalls Overall

3.2 Covering front of main garment

Pinafore

3.3 Covering upper part of front

Bib

3.4 Covering lower part of front

Apron

Apron with Bib

4. Underwear



SUMÁRIO

4.1 Unshaped or slightly shaped textile

Napkin

Flannel square or rectangular cloth folded round body

4.2 Worn next to body

Shirt

Shirt Vest

4.3 Above and below waist, with shaping for legs

Combinations

4.4 Above waist

Underbodice

4.5 Below waist, shaped for legs

Drawers

Drawers Pilch

4.6 Beneath dress, full length

Underdress Petticoat

Underdress Slip

4.7 Beneath dress, below waist

Underskirt Petticoat

5. Supporting and/or Shaping Structures

5.1 Unshaped or slightly shaped textiles

Bands Swathe Binder

Bands Swaddling

5.2 Shaped garment

Stays

Stays Waistcoat

6. Nightwear

6.1 Full length or extending longer than body

Nightgown

6.2 Shaped for legs

6.21 **Sleeping Suit** one piece

6.22 **Sleeping Suit** two pieces, lower piece divided

6.3 **Dressing Gown**

7. Accessories Worn

7.1 Head

7.11 **Hat**

7.12 **Cap**

7.13 **Hood**

Hood Stayband

7.14 **Headcloth** square or rectangle

Headcloth Shawl

Headcloth Forehead piece (triangle)

7.15 **Helmet** (i.e. padded cap for early stages in walking)

7.2 Hairdressing

Hairdressing Hairband or Ribbon

7.3 Face

7.31 **Veil**

7.4 Above waist

7.41 **Collar**

7.42 **Neckcloth**

SUMÁRIO



SUMÁRIO

7.43 **Leading Strings**

7.5 At or below waist

7.51 **Sash**

7.52 **Pocket**

7.6 Arms and hands

7.61 **Sleeves**

7.62 **Cuffs**

7.63 **Gloves**

7.64 **Mittens**

7.7 Legs and feet

7.71 **Stockings**

Stockings Socks

7.72 **Leggings**

7.73 **Boots**

7.74 **Shoes**

Fonte: Terminology, Disponível em: <http://terminology.collectionstrust.org.uk/ICOM-costume/> . Acesso em 03 de março de 2018.
©ICOM International Committee for the Museums and Collections of Costume

B.3) Grupo de peças de vestuário (versão em português do Brasil) do Vocabulário de Termos Básicos para Catalogação de Termos de Indumentária - Comitê Internacional para Museus e Coleções de Indumentária/ICOM



SUMÁRIO

Vestuário feminino

1. Vestuário principal
2. Agasalhos
3. Roupa de proteção contra sujeira ou perigo, não contra o tempo
4. Roupa de baixo
5. Peças para sustentar ou modelar
6. Roupa de dormir
7. Acessórios usados
 - a. Na cabeça
 - b. No cabelo
 - c. Como revestimentos de rosto e adições
 - d. Acima da cintura
 - e. Na cintura e abaixo
 - f. Nos braços e nas mãos
 - g. Nas pernas e nos pés
8. Acessórios usados à mão
9. Acessórios apostos ao corpo ou usados como enfeite
10. Acessórios utilizados no cuidado da pessoa
11. Acessórios utilizados no cuidado de roupas
12. Acessórios usados na confecção e no ajuste de roupas

Vestuário feminino

1. Vestuário principal

1.1 Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura

Vestido (Tipos 1-6)

1.11 **Vestido (1)** uma peça

1.12 **Vestido (2)** duas peças

1.13 **Vestido (3)** três ou mais peças

1.14 **Vestido (4)** como os modelos de 1 a 3, com uma peça adicional, opcional, mas, completo sem esta peça (ex: vestido com vários corpetes)

1.15 **Vestido (5)** uma roupa necessitando de uma peça complementar

1.16 **Vestido (6)** duas peças necessitando de traje adicional para complementar

Traje

Nota: As peças referidas nesta classificação são as partes principais de um todo, isto é, **corpete** e **saia** do **vestido (2)**; **vestido, saia, estomaqueira [stomacher]** (século XVIII) **(3)**. Um traje com Calça será **vestido/traje (6)** se for feito com **paletó/casaco/pulôver** e **Calça, vestido (6)** se for feito com casaco, colete e **Calça** – outros acessórios como cinto, colarinho não são levados em conta; uma entrada de catálogo separada tem essas informações.

1.2 Cobrindo o corpo acima da cintura

1.21 **Corpinho**

Corpinho Blusa

Corpinho Corpete

Corpinho Bolero

1.22 **Corpinho** Jaqueta
Corpinho Cardigã

1.23 **Corpinho** Colete

1.24 **Corpinho** Pulôver
Corpinho Camiseta

1.3 Cobrindo o corpo abaixo da cintura

1.31 **Saia**
Saia (Anágua)

1.32 **Saia** Saia-calça

1.33 **Calça**
Calça Jeans

1.34 **Calça** Bermuda

1.35 **Calça** Shorts

Nota: 1.2 e 1.3 inclui roupas separadas e aquelas peças que ficam sozinhas a partir de um traje completo. 1.22. Jaqueta se refere a uma peça feita de tecido ou de couro. Cardigã é uma peça feita de malha com abertura frontal. 1.24. O termo pulôver é usado no Brasil se referindo a uma peça de malha industrial ou não, sem gola, com decote redondo ou em V, sem abertura frontal e mangas compridas.

2. Agasalhos

2.1 Têxtil não modelado, cobrindo a metade da parte superior do corpo ou *mais*

Xale

Com abertura para passar a cabeça

Poncho



SUMÁRIO

2.2 Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura sem modelagem para os *braços*

Manto

Com modelagem para os braços

Casaco

2.3 Cobrindo o corpo acima da cintura sem modelagem para os braços

Pelerine

Capa

Com modelagem para braços

Jaqueta

2.4 Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura ou acima da cintura com modelagem parcial para os braços

Mantelete

Mantelete Visita

3. Roupa de proteção contra sujeira ou perigo, não contra o tempo

3.1 Cobrindo completamente a pessoa ou traje sem modelagem para as pernas, na altura do joelho e abaixo

Guarda-pó

3.2 Cobrindo a parte de cima do corpo até os joelhos

Bata - com ou sem abertura

Jaleco

3.3 Cobrindo o corpo com modelagem para as pernas

Macacão

3.4 Cobrindo somente a frente do corpo

Avental acima e abaixo da cintura

Avental abaixo da cintura

Nota: 3.5 Avental se refere a ambas as modelagens:
com frente completa formada sobre o ombro e se a frente estiver limitada a um pequeno babador.

4. Roupas de baixo

4.1 Usado próximo ao corpo acima e abaixo da cintura

Camisa

Camisa Camisola

4.2 Acima e abaixo da cintura com modelagem para as pernas

Combinação

Combinação Cinta modeladora

4.3 Acima da cintura

Corpinho

Corpinho Camiseta

4.4 Abaixo da cintura com modelagem para as pernas

Calcinha

4.5 Acima e abaixo da cintura imediatamente sob a roupa principal

Combinação

4.6 Abaixo da cintura imediatamente sob a roupa principal

Anágua

5. Peças para sustentar e/ou modelar

5.1 Sustenta ou modela o corpo acima da cintura

Sutiã

5.2 Sustenta ou modela o corpo acima e abaixo da cintura

Corpete

Corpete Espartilho

5.3 Sustenta ou modela o corpo abaixo da cintura

Cinta

5.4 Peças acima da cintura que sustentam ou modelam

5.41 **Suporte para gola**

5.42 **Bojo**
Bustiê

5.43 **Suporte para manga***

5.5 Peças abaixo da cintura que sustentam ou modelam

5.51 **Anquinha**
Anquinha Crinolina

5.52 **Anágua***

5.53 **Cinta-liga**

Nota: Existem dois tipos de anáguas estruturantes: (anquinha) geralmente feita de vime ou barbatana de baleira e outra, (crinolina) feita de metal e crina, cuja forma completa a circunferência da saia.

6. Roupas de dormir

6.1 Usado para dormir cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura

Camisola uma peça (incluindo roupa com modelagem para pernas)

Pijama duas peças (blusa e calça)

6.2 Usado sobre a roupa de dormir

Liseuse

6.3 Usado enquanto se veste ou não está completamente vestido acima e abaixo da cintura

Robe

Robe Roupão de banho

Robe Quimono

Robe Penhoar

6.4 Usado enquanto se veste ou quando está completamente vestido acima da cintura

Capa

Nota: Peças ou trajes de baixo íntimos sob o **Vestuário Principal** distintas desse grupo por sua função.

7. Acessórios usados no corpo

7.1 Na cabeça

7.11 **Chapéu**

Chapéu Casquete

7.12 **Tocado**

Tocado Turbante

7.13 Cobrindo a cabeça estendendo-se para os ombros e além

Capuz

Capuz Coifa

7.14 Cobrindo a cabeça e/ou o rosto e estendendo-se para os ombros e além

Véu

Véu Mantilha

7.15 Tecido sem modelagem cobrindo a cabeça

Lenço

7.2 Acessórios apostos no cabelo

7.21 **Cabelo**

Aplique de cabelo

7.22 **Peruca**

7.23 **Grampo**

7.24 **Pente**

7.25 **Rede**

7.26 **Faixa**

7.3 Como revestimentos de rosto e adições

7.31 **Máscara**

7.32 **Mosca** (pintas feitas de tecido aplicadas em várias posições no rosto, séc. XVIII)

7.33 **Cílios**

7.34 Óculos
Óculos de sol

7.4 Acima da cintura

7.41 **Colarinho**

7.42 **Gravata**

7.43 **Cachecol**
Echarpe
Lenço

7.44 **Estola**

7.45 **Camisete**
Camisete Peitilho

7.46 **Estomaqueira**
Estomaqueira Plastrão

Nota: **Cachecol** e **echarpe** quando o comprimento excede a largura; **cachecol** é geralmente feito em material para aquecer. **Estola** é uma peça retangular modelada.

7.5 Na cintura e abaixo

SUMÁRIO

7.51 **Faixa**

7.52 **Cinto**

7.53 Châtelaine
Châtelaine

7.54 **Bolsa**
Bolsa Pochete

Nota: 7.53 e 7.54 Sem cinto, mas feito para anexar na cintura. 7.53 *Châtelaine* é um conjunto de correntes curtas presas ao cinto de uma mulher, usadas para transportar chaves ou outros itens.

7.6 Nos braços e nas mãos

7.61 **Manga**

7.62 **Sobre manga**

7.63 **Manguito**

7.64 **Punho**

7.65 **Babado**

7.66 **Luva**

7.67 **Mitene**

7.68 **Regalo**

7.7 Nas pernas e nos pés

7.71 **Meia**

Meia Meia sete oitavos

Meia Meia três-quartos

Meia Meia-calça

Meia Soquete

SUMÁRIO

7.72 Liga

7.73 Polaina
Perneira

7.74 Bota
Bota Botina

7.75 Sapato
Sapato Chinelo
Sapato Sandália
Sapato Tamanco
Sapato Tênis

7.76 Galocha
Bota de neve

8. Acessórios usados à mão

8.1 Bolsa
Bolsa Bolsa de mão
Bolsa Mala

8.2 Carteira

8.3 Leque
Ventarola

8.4 Porta buquê

8.5 Relógio (todo tipo de relógio)

8.6 Guarda-chuva

8.7 Sombrinha

8.8 Bengala

8.9 Lenço

SUMÁRIO



SUMÁRIO

9. Acessórios apostos ao corpo ou usados como enfeite

9.1 Usado como um grupo em diferentes partes do corpo

Ornamento

9.2 Usado na cabeça ou no rosto

9.21 **Grinalda**

Coroa

9.22 **Tiara**

9.23 **Pente**

9.24 **Grampo de cabelo**

9.25 **Brinco**

9.3 Usado no corpo

9.31 **Broche**

Broche Alfinete de gravata

Broche Clipe

9.32 **Colar**

9.33 **Pendente**

9.34 **Insígnia**

9.4 Usado nos braços nas pernas

9.41 **Pulseira**

9.42 **Anel**

9.43 **Tornozeleira**

9.5 Usado em partes inespecíficas do corpo

9.51 **Botão**
Botão Bóton

9.52 **Fivela**

9.53 **Flor**

9.54 **Pluma**

Nota: 9.34 Comenda se usado como complemento ao traje civil normal

10. Acessórios utilizados no cuidado da pessoa

10.1 Artefato para cabelo

Artefato para cabelo Escova

Artefato para cabelo Pente

Artefato para cabelo Ferro para modelar cachos

10.2 Cosméticos

Cosméticos Caixa de maquiagem

Cosméticos Caixa de pó de arroz

Cosméticos Esponja de pó de arroz

Cosméticos Frasco de perfume

Cosméticos Frasco de sais

Cosméticos Vinagreta*

10.3 Artefato de Toalete e Toucador (incluindo **Artefato** para lavar, escovar os dentes, barbear, empoar)

Artefato de Toalete e Toucador Cesto para bebê

Artefato de Toalete e Toucador Espelho

Artefato de Toalete e Toucador Almofada de alfinetes

10.4 Artefato de Manicure e Pedicure

10.5 Artefato para postura e exercício físico

11. Acessórios utilizados no cuidado de roupas



SUMÁRIO

11.1 **Escova**

11.2 **Gancho** para fechar sapato*

11.3 **Forma para luva***

11.4 **Calçadeira**

11.5 **Forma**

Forma para bota

Forma para sapato

11.6 **Cabide**

11.7 **Caixa** (incluindo qualquer recipiente ou cobertura para roupas de homens, mulheres, crianças)

Caixa de Óculos

Caixa de lenço

Caixa de chapéu

Caixa de costura

Caixa de joias

12. **Acessórios usados na confecção e no ajuste de roupas**

12.1 **Fechos**

Fechos Cadarços de sapato

Fechos Laços de corpete

Fechos Alfinetes de segurança

Fechos Botões e Colchetes

Fechos Ganchos e Ilhoses

Fechos Zíper

Fechos Fivela

Fechos Alfinete de chapéu

Fechos Abotoaduras

12.2 **Suportes**

Suportes Barbatanas



SUMÁRIO

Suportes Suporte para gola*

Suportes Suspensório

12.3 Protetores

Protetores Protetores de vestido

Protetores Suportes para saia*

Protetores Prededores de calça para ciclismo

Protetores Manguito

12.4 Guarnições

Guarnições Miçanga

Guarnições Bordado

Guarnições Renda

12.5 Material para costura

Nota: Os têxteis de que são feitos os artigos de vestuário não estão incluídos, pois formam um outro estudo principal.

Vestuário Masculino

1. Vestuário principal
2. Agasalhos
3. Roupa de proteção contra sujeira ou perigo, não contra o tempo
4. Roupa de baixo
5. Peças para sustentar ou modelar
6. Roupa de dormir
7. Acessórios usados
 - a. Na cabeça
 - b. No cabelo
 - c. Como revestimentos de rosto e adições
 - d. Acima da cintura

- e. Na cintura e abaixo
- f. Nos braços e nas pernas
- g. Nas pernas e nos pés

8. Acessórios usados à mão (ver Vestuário Feminino)
9. Acessórios apostos ao corpo ou usados como enfeite (ver Vestuário Feminino)
10. Acessórios utilizados no cuidado da pessoa (ver Vestuário Feminino)
11. Acessórios utilizados no cuidado de roupas (ver Vestuário Feminino)
12. Acessórios usados na confecção e no ajuste de roupas (ver Vestuário Feminino)

Vestuário Masculino

1. Vestuário Principal

1.1 Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura

Traje (Tipos 1-5)

- 1.11 **Traje (1)** três peças (casaco, colete, calção ou calça)

Terno

- 1.12 **Traje (2)** duas peças (casaco, calção ou calça)

- 1.13 **Traje (3)** duas peças (casaco, colete)

- 1.14 **Traje (4)** duas peças (casaco ou colete, calça ou calção)

- 1.15 **Traje (5)** uma peça (modelando braços e pernas)

Macacão

- 1.16 **Veste talar**

SUMÁRIO

- 1.17 **Túnica** mais de uma peça (por exemplo, combinando com o colete)

Nota: 1.13 é o único tipo que aparece como uma peça de roupa principal incompleta, necessitando a adição de calça ou calção; 1.12 e 1.14 podem ser completos, embora uma terceira peça possa ser adicionada (colete 1.12 ou casaco 1.14).

1.2 Cobrindo o corpo acima da cintura e até a altura do joelho

1.21 **Casaco**

Casaco Casaca (séc. XVIII)

Casaco Redingote

Casaco Casaca (séc. XIX)

Casaco Fraque

Casaco Paletó-saco

Casaco Cardigã

Casaco Jaqueta

Casaco Gibão

1.22 **Colete**

Colete Dublê (Idade Média) *

1.23 **Pulôver**

1.24 **Camisa**

1.3 Cobrindo o corpo abaixo da cintura

1.31 **Calça**

Calça comprida

1.32 **Calça** Bermuda

Calça Calção

Calça Short

Jardineira

1.33 **Saia Kilt**

2. Agasalhos

2.1 Tecido sem forma, cobrindo a parte de cima do corpo ou mais

Xale

2.2 Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura, sem manga

Capa

com manga

Sobretudo

2.3 Cobrindo o corpo acima da cintura, sem manga

Capelo

com manga

Jaqueta

2.4 Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura ou acima somente
com cobertura parcial dos braços

Manto

3. Roupa de proteção contra sujeira ou perigo, não contra o tempo

3.1 Cobrindo completamente a pessoa ou a roupa sem modelar as
pernas, na altura dos joelhos e abaixo

Capa

Capa de chuva - com ou sem abertura

3.2 Cobrindo a parte superior do corpo até os joelhos

Casaco - com ou sem abertura

3.3 Cobrindo o corpo e modelando as pernas

Macacão

3.4 *Cobrindo apenas a frente do corpo*

Avental com ou sem babador

4. Roupa de baixo



SUMÁRIO

4.1 Usada colada ao corpo, acima e abaixo da cintura

Camisa

Camiseta

4.2 Acima e abaixo da cintura, com modelagem para as pernas

Roupa de baixo

4.3 Acima da cintura

Camisa

4.4 Abaixo da cintura

Ceroula

Cueca

4.5 Acima da cintura imediatamente sob o vestuário principal

Colete

Cachecol

5. Peças para sustentar ou modelar

5.1 Sustenta ou modela o corpo

Espartilho

Cinta

Enchimento para panturrilha*

5.2 Suportes

Cinto

Suspensórios

6. Roupa de dormir

6.1 Usado para dormir cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura

Camisola de uma peça (incluindo roupa com modelagem para as pernas)

Pijama duas peças (casaco e calça)

6.2 Usado sobre a roupa de dormir

Casaco de dormir*

6.3 Usado acima e abaixo da cintura enquanto se veste ou não está completamente vestido

Roupão de banho

Roupão

Quimono

6.4 Usado enquanto se veste ou quando está completamente vestido acima da cintura

Guarda-pó

Capa de cabeleireiro

7. Acessórios usados

7.1 Na cabeça

7.11 **Chapéu**

7.12 **Tocado**

Tocado Gorro

Tocado Boné

Tocado Boina

7.13 Cobrindo a cabeça estendendo-se para os ombros e além

Capuz

7.14 Pedaco de tecido sem forma

Lenço

Barrete

Bandana

7.2 No cabelo

7.21 **Cabelo**

Cabelo Aplique de cabelo

SUMÁRIO



SUMÁRIO

7.22 **Peruca**

7.23 **Grampo**

7.24 **Pente**

7.25 **Rede**
Touca

7.26 **Faixa**
Arco^{*78}

7.27 *Pelos no rosto* **Bigode**
Barba

7.3 *Como revestimento de rosto e adições*

7.31 **Máscara**

7.32 **Mosca** (pintas feitas de tecido aplicadas em várias partes do rosto, séc. XVIII)

7.33 Óculos
Óculos de sol
Óculos Monóculo

7.4 *Acima da cintura*

7.41 **Em volta do pescoço**
Em volta do pescoço Rufo
Em volta do pescoço Colarinho
Em volta do pescoço Falso Colarinho

7.42 **Gravata**

7.43 **Cachecol**
Lenço

78 Os termos marcados com * não foram validados pelos especialistas em português do Brasil.



SUMÁRIO

- 7.44 **Plastrão** com ou sem colarinho
- 7.5 Na cintura e abaixo
 - 7.51 **Faixa**
 - 7.52 **Cinto**
Bainha
 - 7.53 **Bolsa de algibeira**
Pochete
 - 7.54 **Espada**
- 7.6 Nos braços e nas mãos
 - 7.61 **Manga**
 - 7.62 **Manguito**
 - 7.63 **Sobre manga**
 - 7.64 **Punho**
 - 7.65 **Babado de manga**
 - 7.66 **Luva**
 - 7.67 **Mitene**
 - 7.68 **Regalo**
- 7.7 Nas pernas e nos pés
 - 7.71 **Meia**
 - Meia** Meia Soquete
 - Meia** Meia três-quartos
 - Meia** Meião



SUMÁRIO

- 7.72 **Liga**
Suspensório
- 7.73 **Polaina**
Perneira
- 7.74 **Bota**
Bota Bota cano longo
Bota Botina
- 7.75 **Sapato**
Sapato Chinelo
Sapato Sandália
Sapato Tamanco
Sapato Tênis
- 7.76 **Galocha**

Vestuário Infantil

1. Vestuário principal
2. Agasalhos
3. Vestuário de proteção
4. Roupas de baixo
5. Peças para sustentar ou modelar
6. Roupas de dormir
7. Acessórios usados
 - a. Na cabeça
 - b. No cabelo
 - c. No rosto
 - d. Acima da cintura
 - e. Na cintura e abaixo

f. Nos braços e nas mãos

g. Nas pernas e nos pés

8. Acessórios usados à mão (ver Vestuário Feminino)
9. Acessórios apostos ao corpo ou usados como enfeite (ver Vestuário Feminino)
10. Acessórios utilizados no cuidado da pessoa (ver Vestuário Feminino)
11. Acessórios utilizados no cuidado de roupas (ver Vestuário Feminino)
12. Acessórios usados na confecção e no ajuste de roupas (ver Vestuário Feminino)

Vestuário Infantil

1. Vestuário Principal

1.1 Mais longo que o corpo, comprimento total ou abaixo dos joelhos

Camisola

1.11 Estendendo-se além do corpo

1.111 **Camisola Mandrião** Peça aberta atrás

1.112 **Camisola** Peça aberta na frente

Comprimento total ou menor sem modelagem para as pernas

Camisola

1.121 **Vestido** Casaco e saia

1.122 **Vestido** Corpinho e saia

1.123 **Vestido** três ou mais peças



SUMÁRIO

1.13 Longo ou curto com modelagem das pernas

1.131 **Macaquinho** traje com uma peça

1.132 **Conjunto infantil** duas peças, parte inferior com modelagem para as pernas

1.2 Cobrindo a *metade superior do corpo*

1.21 **Corpinho**

Corpinho Camisa de Pagão

Corpinho Pulôver

1.3 Cobrindo a metade inferior do corpo

1.31 **Cueiro**

1.32 **Calça** aberta ou com cobertura de pé

Calça

Calça Meia-calça

1.33 **Calça** (parte inferior destacável das pernas da calça)

2. Agasalho

2.1 Têxteis não modelados

Manta

Porta bebê Cama -Tecido dobrado para envolver todo ou parte do corpo, amarrado ou costurado para fazer um envelope -

2.2 Cobrindo o corpo acima e abaixo da cintura sem dar forma aos braços

Capa

com forma para braços

Casaco

2.3 Cobrindo o corpo acima da cintura sem forma para os braços

Pelerine

com forma para os braços

Jaqueta

- 2.4 Cobrindo o corpo acima e abaixo ou acima da cintura com apenas uma forma parcial para os braços
(veja: Vestuário Feminino)

Manto

3. Vestuário de proteção

- 3.1 Cobrindo completamente o vestuário principal

Avental

dividido por pernas

Macaquinho

- 3.2 Cobrindo a frente da roupa principal

Avental

- 3.3 Cobrindo a parte superior da roupa principal

Babador

- 3.4 Cobrindo a parte inferior da frente

Avental

Avental com babador

4. Roupas de baixo

- 4.1 Tecido sem forma ou ligeiramente moldado

Fralda

- 4.2 Usado próximo do corpo

Camisa

Camisa Camiseta

- 4.3 Acima e abaixo da cintura, com a modelagem das pernas

Macaquinho



SUMÁRIO



SUMÁRIO

4.4 Acima da cintura

Camisa de pagão

4.5 Abaixo da cintura, com modelagem das pernas

Calça

Calça Calça plástica

4.6 Abaixo do vestido, comprimento total

Combinação

4.7 Sob o vestido, abaixo da cintura

Anágua

5. Peças para sustentar ou modelar

5.1 Têxteis sem forma ou ligeiramente moldados

Faixa umbilical

5.2 Peça modelada

Corpete

6. Roupa de dormir

6.1 Comprimento total ou estendendo-se além do corpo

Camisola

6.2 Modelando as pernas

6.21 **Macaquinho**

6.22 **Pijama** duas peças, a roupa inferior dividida

6.3 **Roupão**

7. Acessórios usados

7.1 Na cabeça

7.11 **Chapéu**

7.12 **Gorro**

7.13 **Capuz**

7.14 **Lenço**

Lenço Xale

7.15 **Capacete protetor** (gorro acolchoado para estágios iniciais do andar)

7.2 No cabelo

Acessórios para o cabelo Faixa para cabelo, fita ou arco (objeto estruturado por arame ou plástico)

7.3 No rosto

7.31 **Véu**

7.4 Acima da cintura

7.41 **Gola**

7.42 **Lenço de pescoço**

7.43 **Coleira infantil**

7.5 Na cintura e abaixo

7.51 **Faixa**

7.52 **Bolso**

7.6 Nos braços e nas mãos

7.61 **Manga**

7.62 **Punho**

7.63 **Luva**

7.64 **Mitene**



SUMÁRIO

7.7 Nas pernas e nos pés

7.71 **Meia**

Meia Soquete

7.72 **Polaina**

7.73 **Bota**

7.74 **Sapato**

Sapato Chinelo

Sapato Sandália

Sapato Tênis

8. Acessórios usados à mão

8.1 **Chupeta**

8.2 **Mordedor**

8.3 **Chocalho**

8.4 **Lenço**

Fonte: os autores.

APÊNDICE A

1. Corpus

1.1. Relação de obras que compõe o corpus textual em formato eletrônico

1.1.1. Colunas de moda

CARVALHO, Sophia Jobim Magno de. Coluna Elegâncias. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 1928-1965. 1932 – 1935.

CARVALHO, Sophia Jobim Magno de. Crônicas. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1900-1959. 1936-1937.

CARVALHO, Sophia Jobim Magno de. **A Noite - Noite Ilustrada** [suplemento]. Rio de Janeiro, 1911-1964. 1932-1935.

1.1.2. Manuais de corte e costura

ABREU, Dener Pamplona de. **Curso básico de corte e costura**. Vol. I. São Paulo, Editora Rideel Ltda., [197-].

ABREU, Dener Pamplona de. **Curso básico de corte e costura**. Vol. II. São Paulo, Editora Rideel Ltda., [197-].

ABREU, Dener Pamplona de. **Curso básico de corte e costura**. Vol. III. São Paulo, Editora Rideel Ltda., [197-].

BRANDÃO, Alice Dutra. **Método de corte**. Porto Alegre/São Paulo: Livraria do Globo Rio de Janeiro, 1946.

PORTUGAL, J. Dias. **Método** “toutemode”; prepara-te para os maus dias – e vencerás na vida (corte, alta costura e alfaiates). 16ª edição. [s.l.]: [s.d.]. [exemplar nº 102457].

1.1.3. Textos científicos

ANDRADE, Rita Moraes de. **Boué Soeurs RG 7091, a biografia cultural de um vestido**. 2008. Tese (Doutorado em História) – orientadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BARROS, Sigríd Porto de. A condição social e a indumentária feminina no Brasil Colônia. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Vol. 8. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1947. P. 117-154.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda e Publicidade no Brasil nos anos 1960**. 1ª ed. São Paulo: Editora nVersos, 2014. ISBN-13: 978-8564013650.

BONADIO, Maria Claudia. **O fio sintético é um show!** Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970. Tese (Doutorado em História) orientadora Vera Hercília (Vavy) Pacheco Borges - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

BONADIO, Maria Claudia; SIMILI, Ivana Guilherme (org.) **Histórias do vestir masculino**: narrativas de moda, beleza, elegância. Maringá, PR: Eduem, 2017. ISBN: 9788576287230, eISBN: 9788576287445, DOI: <https://doi.org/10.7476/9788576287445>.

CALLAS, Marcelo Girotti. **O traje de cena como documento**: estudo de casos de acervos da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) orientador Fausto Roberto Poço Viana - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2012.

DEBOM GARCIA, Paulo Júnior. **Sob o Império da Aparência**: Moda e Imagem na França de Luís Napoleão Bonaparte (1848-1870). Tese (Doutorado em História) orientadora Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ESCOREL, Sílvia. **Vestir poder e poder vestir**: o tecido social e a trama cultural nas imagens do (Rio de Janeiro - século XVIII). Dissertação (Mestrado em História Social) orientadora Miridan Britto Knox Falei - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FRANÇOZO, Laura de Campos. **Lume teatro**: trajes de cena e processo de criação. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – orientador Fausto Roberto Poço Viana - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FRASQUETE, Débora Russi. **Dener Pamplona de Abreu e as costuras de luxo e elegância para as donas de casa no início da década de 1970**. Dissertação (Mestrado em História) orientadora Ivana Guilherme Simili – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, PR, 2016.



SUMÁRIO

SUMÁRIO

GORBERG, Marissa. **Parc Royal**: um magazine na modernidade carioca. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) orientadora Helena Bomery – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013.

LIMA, Andresa Taís Bortoloto de. **Laurinda Santos Lobo**: roupas, estilo de vida e as memórias da Belle Époque tropical. Dissertação (Mestrado em História – orientadora Ivana Guilherme Simili – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, PR, 2016.

LIMA, Laura Ferrazza de. **Na trama das aparências**: moda e arte na obra de Antoine Watteau (1684 – 1721). Tese (Doutorado em História) orientadora Maria Lúcia Bastos Kern – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LINHARES, Anna Maria Alves. **Um grego agora nu**: índios marajoara e identidade nacional brasileira. Tese (Doutorado em História Social) orientador Aldrin Moura de Figueiredo – Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2015.

MATSUDA, Juliana Miyuki. **As influências japonesas nos trajés de cena de Ariane Mnouchkine**: conceituação, modelagem e construção. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) orientador Fausto Roberto Poço Viana - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MONTEIRO, Aline Oliveira Temerloglou. **Para além do “Traje de Crioula”**: um estudo sobre materialidade e visualidade de saias estampadas da Bahia oitocentista. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) orientadora Rita Moraes de Andrade – Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **Indumentária colonial. Comentário. A roupa e a moda no período joanino. O Arquivo Nacional e a história luso-brasileira**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018. Disponível em: http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3931:comentario-indumentaria-colonial&catid=77&Itemid=215. Acesso em 14 de julho de 2020.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. ISBN 85-230-0708-3.

SUMÁRIO

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A inventiva brasileira na virada do século XIX para o XX. Coleção Privilégios Industriais do Arquivo Nacional. **HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE-MANGUINHOS** (IMPRESSO), Rio de Janeiro, v. 3, n.2, p. 319-332, 1996.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A moda como campo de estudos do historiador: balanço da produção acadêmica no Brasil. **Anais do 11º Colóquio de Moda**, 8ª Edição Internacional, Curitiba, 2015.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A roupa, a moda e a beleza nos impressos efêmeros. **Anais do 7º Colóquio de Moda**, Maringá, 2011.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Algumas proposições acerca da fotografia de moda. **Anais do 8º Colóquio de Moda**, Rio de Janeiro, Faculdade Senai-Cetiqt, 2012.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Do espírito das roupas ao novo luxo: moda e produção editorial no Brasil. **Anais do 2º Colóquio Nacional de Moda**, Salvador, UNIFACS, 2006.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Imagens encenadas? Atos performativos e construção de sujeitos nas fotografias de moda. **Estudos Ibero-Americanos**, 44(1), p. 28-40. 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2018.1.27736>.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Moda e fontes visuais: duas ou três coisas que sei delas. **Anais do 4º Colóquio Nacional de Moda**, Novo Hamburgo, 2008.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **Moda e revolução nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014. ISBN 978-85-7740-167-3.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Notas sobre a presença de um costureiro francês no Rio de Janeiro (1958-1967). **Anais do 9º Colóquio de Moda**, 6ª Edição Internacional, Fortaleza, 2013.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Notas sobre sujeitos e roupas na fotografia de imprensa: Rio de Janeiro, anos 60. **Anais do 9º Colóquio de Moda**. 2ª Edição Internacional. Faculdade Boa Viagem, Recife, 2009.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Roupa, Moda e Política nos últimos dias da monarquia. **Anais do 10º Colóquio de Moda**, 7ª Edição Internacional, Caxias do Sul, 2014.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Sobre roupas, imagens e revoluções: moda e fotografia de moda nos anos de 1960. **Anais do 6º Colóquio de Moda**, São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi, 2010.



SUMÁRIO

ROCHA, Rosane Muniz. **Um panorama do traje teatral brasileiro na Quadrienal de Praga (1967-2015)**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) orientador Fausto Roberto Poço Viana - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo**. São Paulo: Estação das Letras, 2005.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Elegância, beleza e poder na sociedade de moda dos anos 50 e 60**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **História da Moda em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2015.

SANT'ANNA, Mara Rúbia; RECH, Sandra Regina (Org.). **Trânsitos vestíveis**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2015. ISBN: 978-85-8302-048-6.

SANTUCCI, Natália de Noronha. **O elegante sport: conexões entre a moda, a modernidade e o ciclismo em Porto Alegre (1895-1905)**. Dissertação (Mestrado em História) orientadora Maria Lúcia Bastos Kern - Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SIMÃO, Luisa de Almeida Magalhães. **O terno na contemporaneidade: entre a tradição e o design de moda**. Dissertação (Mestrado em Design) orientadora Cristiane Mesquita - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

SOUZA, Érica Fernanda Brasil Carosia Paulino de. **O traje medieval português e sua função alegórica no Auto da Barca do Inferno e no Auto da Alma de Gil Vicente**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) orientador Fernando Segolin - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

TORRES, Heloisa Alberto. Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana. Tese (Concurso para a Cátedra de Antropologia e Etnografia) Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1950 (mimeo.). [**Cadernos Pagu** (23), julho-dezembro de 2004, p.413-467].

TROIANI, Sílvia Rodrigues. **Reorganização de um ateliê de produção de artefatos de couro**. Monografia (Graduação em Engenharia de Produção) orientador Paulino Francischini - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.



SUMÁRIO

VALE, Renilda Santos do. **Memória da fé**: a coleção de paramentos litúrgicos do Museu do Traje e do Têxtil do Instituto Feminino da Bahia. Dissertação (Mestrado em Museologia) – orientador Luiz Alberto Ribeiro Freire - Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VIANA, Fausto Roberto Poço. **Fontes documentais para o estudo da história da moda e da indumentária**: o caso James Laver e novas perspectivas. Dissertação (Mestrado em Ciências Têxteis e Moda) orientadora Isabel Cristina Italiano - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

VIANA, Fausto. Uma coleção de trajes de cena: como lidar com ela? *In*: AZEVEDO, Elisabeth Cardoso Ribeiro, org. **Anais do I Seminário de Preservação de Acervos Teatrais**. Universidade de São Paulo, 8 a 10 de agosto de 2012. São Paulo: USP – PRCEU; TUSP; LIM CAC, 2015. Pp.19-28.

VIANA, Fausto; NEIRA, Luz Garcia. (2010). Princípios gerais de conservação têxtil. **Revista CPC**, (10), 206-233. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i10p206-233> .

VOLPI [NACIF]. Maria Cristina. A moda no Brasil e os modelos estrangeiros: a influência do cinema de Hollywood no comportamento feminino dos anos 30-40. **A moda do corpo o corpo da moda**. 1ª ed. São Paulo: Esfera, 2002, p. 35-47.

VOLPI [NACIF]. Maria Cristina. Confecção e mão de obra, no Rio de Janeiro, nos primeiros cinquenta anos do século XX. *In*: **Plugados na moda**. 1ª ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006, p. 53-62.

VOLPI. Maria Cristina. A roupa nova do Imperador: D. Pedro I e Dona Leopoldina em trajes de grande gala. **RIHGB**, v.467, p.257 - 274, 2015.

VOLPI. Maria Cristina. Cosmopolitismo e vestuário masculino na Belle Époque no Rio de Janeiro. **Arte & Ensaio** (UFRJ), v.25, p.66 - 77, 2013.

VOLPI. Maria Cristina. **Estilo urbano**: modos de vestir na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

VOLPI. Maria Cristina. O traje de João do Rio; um dândi decadente nos trópicos. **Revista Interfaces** (UFRJ), v.2, p.170 - 181, 2011.

1.1.3. Textos literários

ALENCAR, José de (1829-1877). **Senhora**. 4. ed. [s.l.]: Melhoramentos, [1862] [19--].

ALENCAR, José de (1829-1877). **Senhora**. 4. ed. [s.l.]: Melhoramentos, [1875] [19--].

ALENCAR, José de (1829-1877). **Til**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1872] [19--].

ALMEIDA, Manuel Antônio de (1830-1871). **Memórias de um sargento de milícias**. 25ª ed. São Paulo: Ática, [1853]1996. (Bom Livro).

AZEVEDO, Aluísio (1857-1913). **O cortiço**. 30ª ed. São Paulo: Ática, [1890]1997. (Bom Livro).

AZEVEDO, Aluísio (1857-1913). **O mulato**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro/Ministério da Cultura, [1881], [s.d.]

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de (1881-1922). **Contos** (1910-1925). Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=2140&co_midia=2 Acesso em: 05 de julho de 2018.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de (1881-1922). **Crônicas** (1918 – 1922). Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf> Acesso em: 05 de julho de 2018.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de (1881-1922). **Marginália** (artigos e crônicas). São Paulo: Mérito, 1953. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000154.pdf> Acesso em: 05 de julho de 2018.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de (1881-1922). **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 17ª ed. São Paulo: Ática, [1915] [s.d.]. (Bom Livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000159.pdf> Acesso em: 05 de julho de 2018.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de (1881-1922). **Vida urbana**: artigos e crônicas. (1911-1922). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000161.pdf> Acesso em: 05 de julho de 2018.⁷⁹

MACEDO, Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). **A moreninha**. Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro/Ministério da Cultura, [1844] [s./d.]. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/a_moreninha.pdf Acesso em 05 de julho de 2018.

79 Excluídos os contos repetidos em outras coletâneas.



SUMÁRIO

MACEDO, Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). **As mulheres de mantilha**. [1870]. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2133 Acesso em 05 de julho de 2018.

MACEDO, Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). **Memórias da rua do Ouvidor**. [publicadas em folhetins semanais no Jornal do Comércio em 1878]. V. 41. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria (1839-1908). Capítulo dos Chapéus. *In*: **Volume de contos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria (1839-1908). Dom Casmurro. **Obras Completas**. Vol. I. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1899.

RIO, João do. (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto - 1881 – 1921). **A alma encantadora das ruas**. Fundação Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro / Ministério da Cultura, [1908] [s.d.] Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf Acesso em 05 de julho de 2018.

RIO, João do. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar - Coleção Biblioteca Manancial n.º 47, [1904] 1976. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=7617 . Acesso em 05 de julho de 2018.

RIO, João do. **Dentro da noite**. Fundação Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro / Ministério da Cultura, [1910] [s.d.]. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/dentro_da_noite.pdf . Acesso em 05 de julho de 2018.

1.2. Relação de obras que compõe o corpus textual digital

1.2.1. Catálogos de lojas on-line

ALÔ BEBÊ. 2019. Disponível em: www.alobebe.com.br. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

AMARO. 2012. Disponível em: www.amaro.com Acesso em: 03 de novembro de 2019.

AMERICANAS. 2019. Disponível em: www.americanas.com.br. Acesso em: 02 de setembro de 2019.



SUMÁRIO

ATELIÊ LA SALETTE. 2019. Disponível em: www.atelielasalette.com.br. Acesso em: 05 de agosto de 2019.

ATITUDE COSMÉTICOS. 2019. Disponível em: www.atitudecosmeticos.com.br. Acesso em: 27 de setembro de 2019.

BEBÊ ATACAREJO. 2019. Disponível em: www.bebeenxoval.com.br. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

BEBÊ FORMOSURA. 2019. Disponível em: www.bebeformosura.com.br. Acesso em: 19 Agosto de 2019.

BEBÊ VESTE BEM. 2019. Disponível em: www.bebevestebem.com.br. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

CENTAURO. 2019. Disponível em: www.centauro.com.br. Acesso em: 14 Novembro de 2019.

DECATHLON. 2019. Disponível em: www.decathlon.com.br. Acesso em: 09 Agosto de 2019.

DEMILLUS. 2019. Disponível em: www.demillus.vestemuitomelhor.com.br. Acesso em: 17 de agosto de 2019.

DHGATE. 2019. Disponível em: pt.dhgate.com. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

DINDA BABY. 2019. Disponível em: dindababy.lojaintegrada.com.br. Acesso em: 07 de novembro de 2019.

ELO 7. 2019. Disponível em: www.elo7.com.br. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

FANTASIAS CAROL. 2019. Disponível em: www.fantasiascarol.com.br. Acesso em: 8 de setembro de 2019.

FARFETCH. 2019. Disponível em: www.farfetch.com/br/. Acesso em: 09 de outubro de 2019.

GRÃO DE GENTE. 2019. Disponível em: www.graodegente.com.br. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

HAPPY GIRL. Disponível em: www.happygirl.com.br. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

KIABI. 2019. Disponível em: www.kiabi.pt/. Acesso em: 02 e Outubro de 2019.

LIMINHA DOCE. 2019. Disponível em: www.liminhadoce.com.br. Acesso em: 03 de novembro de 2019.

LOJA ERA UMA VEZ. 2019. Disponível em: www.lojaeraumavez.com.br. Acesso em: 06 de outubro de 2019.

LUPO. 2019. Disponível em: www.lupo.com.br. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

MARISA. 2019. Disponível em: www.marisa.com.br. Acesso em: 15 Agosto de 2019.

MEU LAÇO DE FITA. 2019. Disponível em: www.meulacodefita.com.br. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

NETSHOES. 2019. Disponível em: www.netshoes.com.br. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

PAMPILI. 2019. Disponível em: www.pampili.com.br. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

PINK NINAS. 2019. -Vestindo Sonhos. Disponível em: www.pinkninas.com.br. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

RIACHUELO. 2019. Disponível em: www.riachuelo.com.br. Acesso em: 17 Novembro 2019.

TRICAE. 2019. Disponível em: www.tricae.com.br. Acesso em: 06 de agosto de 2019.

VALERY COSMÉTICOS. 2019. Disponível em: www.valerycosmeticos.com.br. Acesso em: 07 de agosto de 2019.

ZATTINI. 2019. Disponível em: www.zattini.com.br. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

1.2.2. Periódicos

A ESTAÇÃO: Jornal Ilustrado para a Família. Rio de Janeiro: Livraria Lombaerts & Comp., 1879 - 1904.

A MARMOTA. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, 1859 – 1864.

A NOITE. Rio de Janeiro, 1910-1964.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília, DF: Diários Associados, 1960-2019.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1900-1979.

CORREIO DA NOITE. Rio de Janeiro: 1879.

CORREIO DAS MODAS, Jornal Critico e Litterario: Das Modas, Bailes, Theatros, Etc. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert Editores, 1830-1849.

SUMÁRIO

DIARIO CARIOCA: Rio de Janeiro, J. E. de Macedo Soares (ed.), 1920-1969.

DIARIO DE NOTICIAS: Rio de Janeiro, 1930-1979.

DIARIO DE PERNAMBUCO: Recife, PE: Typographia de Miranda e Companhia, 1820-1999.

DIARIO DO MARANHÃO: São Luiz, MA, 1850-1919

ECHO DAS DAMAS. Orgão dedicado aos interesses da Mulher, Critico, Recreativo, Scientifico e Litterario. Rio de Janeiro: Amélia Carolina da Silva e Comp., 1870 - 1889.

ESPELHO FLUMINENSE OU NOVO GABINETE DE LEITURA: Modas, Poesias, Charadas, Etc. Rio de Janeiro: E. e H. Lammert ed., 1840-1849.

ESTRELLA DO AMAZONAS. Barra do Rio Negro, AM: Typographia de M. da S. Ramos, 1850-1869.

FON FON: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante: Rio de Janeiro, 1900-1989. Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, RJ: C. e H. Fleuiss, 1850 - 1879.

JORNAL DAS FAMILIAS. Publicação Ilustrada, Recreativa, Artística, Etc. Rio de Janeiro, RJ: B. L. Garnier editor-proprietário, 1860 - 1879.

JORNAL DAS MOÇAS: Revista Quinzenal Ilustrada. Rio de Janeiro, RJ: F. A. Pereira, 1910-1969.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, RJ: Henrique de Villeneuve e Cia., 1890-2019. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, RJ: Typographia D'Emile Seignot Plancher, 1820 - 2019.

JORNAL DO RECIFE. Recife, PB: Luiz Pereira de Oliveira Faria (dir.), 1858-1938.

NOVO CORREIO DAS MODAS: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas. Rio de Janeiro, RJ: E. & H. Laemmert, 1850-1859.

O CRUZEIRO: Revista Semanal Ilustrada. Rio de Janeiro, RJ: Empresa Gráfica Cruzeiro S. A., 1920-1989.

O ESPELHO DIAMANTINO: Periodico de Politica, Litteratura, Bellas Artes, Theatro e Modas dedicado às Senhoras Brasileiras. Rio de Janeiro, RJ: Imperial Typographia P. Planchet-Seignot, 1827-1828.

O ESPELHO: Revista Semanal de Litteratura, Modas, Industria e Artes. Rio de Janeiro, RJ: Typographia de F. de Paula Brito, 1850-1969.



SUMÁRIO

- O FLUMINENSE. Niterói, RJ: P. L. Ferreira Travassos, 1870-2019.
- O JORNAL. Rio de Janeiro, RJ: Renato de Toledo Lopes, 1910-1979.
- O JORNAL DAS SENHORAS. Modas, Literatura, Bellas-Artes, Theatros e Critica. Rio de Janeiro, RJ: Typographia Parisiense, 1852-1855
- O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, RJ: Nova Typographia de J. Paulo Hildebrant, 1870 a 1899.
- O MERCANTIL. Petrópolis, RJ: B. Pereira Sudré, 1872 - 1999.
- O MOSQUITO. Rio de Janeiro, RJ, 1872-1877.
- O SEXO FEMININO. Semanário dedicado aos interesses da mulher. Rio de Janeiro, RJ: Francisca Senhorinha da Motta Diniz, 1873 a 1889.
- PHAROL (MG). Typographia do Pharol, Juiz de Fora, 1876-1933.
- PUBLICADOR MARANHENSE (MA). Typographia de Ignácio José Ferreira, 1840 a 1889.
- RECREIO DO BELLO-SEXO. Modas, Literatura, Bellas-Artes e Theatro. Rio de Janeiro, RJ. 1850-1859.
- REVISTA BRAZILEIRA. Jornal de Ciencias, Letras e Artes. Rio de Janeiro, RJ: Typographia Universal de Laemmert, 1850 - 1979.
- REVISTA DA SEMANA. [Edição semanal ilustrada do Jornal do Brasil]. Rio de Janeiro, RJ: 1900 – 1959
- REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, RJ; Angelo Agostini, 1876 – 1898.
- REVISTA MANCHETE. Rio de Janeiro, RJ; Editora Block, 1952-2007.
- SEMANA FAMILIAR. Rio de Janeiro, RJ: Typographia Comercial de Fontes & Irmão, 1860-1869.
- SEMANA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, RJ: Livraria F. L. Pinto e Cia., 1860 - 1889. ISTO É (Revista Semanal) (SP) 1976-2019
- VILA MULHER (Blog) E-midia, 2019

1.3. Relação de obras que compõe o corpus textual impresso.

1.3.1. Catálogos

CATÁLOGO D'A NOTRE DAME DE PARIS. Rio de Janeiro: Tip. Mercantil, s. d.

CATÁLOGO MAPPIN STORES verão 1937. Arquivo Mappin. Acervo do Museu Paulista, SP.

1.3.2. Manuais de corte e costura e normas técnicas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normalização: **Caminho da qualidade na confecção** [recurso eletrônico] / Associação Brasileira de Normas Técnicas, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. – Rio de Janeiro: ABNT; SEBRAE, 2012. 66 p. Disponível em: <http://portalmppe.abnt.org.br/bibliotecadearquivos/>. Acesso em 15 de agosto de 2021. ISBN 978-85-07-03412-4.

DUARTE, Sonia; SAGGESE, Sylvia. **Modelagem industrial brasileira**. Rio de Janeiro: Letras & Expressões, 1998. ISBN 85-85484-05-9.

LEITE, Adriana Sampaio; VELLOSO, Marta Delgado. **Desenho técnico de roupa feminina**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004. 160p. ISBN:85-7458159-3.

RAMOS, Ana Maria Pereira. **Modelagem industrial feminina**. Senai/ Modatec – Centro de Desenvolvimento Tecnológico para Vestuário. Belo Horizonte: SENAI/FIEMG, s. d.

RAMOS, Ana Maria Pereira. **Modelagem industrial infantil**. Senai/ Modatec – Centro de Desenvolvimento Tecnológico para Vestuário. Belo Horizonte: SENAI/FIEMG, s. d.

RAMOS, Ana Maria Pereira. **Modelagem industrial masculino**. Senai/ Modatec – Centro de Desenvolvimento Tecnológico para Vestuário. Belo Horizonte: SENAI/FIEMG, s. d. São Paulo (Estado).

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Via Rápida Emprego**: vestuário: costureiro, v.2. São Paulo: SDECT, 2013. (Série Arco Ocupacional Vestuário) ISBN: 978-85-65278-73-7 (Impresso) 978-85-65278-81-2 (Digital).

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Carolina Casarin

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ (2020), mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ (2008) e graduada em Letras (2005) pela mesma instituição, Carolina Casarin é professora de história do vestuário e da moda. Além da carreira acadêmica e docente, atua como editora de livros e figurinista. É autora do livro *O guarda-roupa modernista: o casal Tarsila e Oswald e a moda* (Companhia das Letras, 2022). Atualmente, faz parte do coletivo Encruzilhadas do Sul global: moda e decolonialidade, que integra o grupo de pesquisa DiHCI - Direitos Humanos, Cultura e Identidade.

Email: carolinacasarin7@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2303207649130794>

Carolina Morgado Pereira

Graduada em Artes Cênicas com Habilitação em Indumentária pela UFRJ (2011), e em Bacharelado em Design de Moda da Faculdade Senai-Cetiqt (2012). Doutora (2019) e Mestre (2014) em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Atualmente é professora do Curso Técnico Pós-médio de Produção de Moda da FAETEC-RJ (2011). Estuda as aproximações entre as produções artísticas/culturais e a moda, por meio da cultura material e visual.

Email: carolina.morgado.carol@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0978957818718523>

Fuviane Galdino Moreira

Artista Plástica pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestre em Artes, na linha de Patrimônio e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA) da Ufes. Atuou como professora substituta do Departamento de Artes Visuais da Ufes (2013–2015); e do Departamento de Arte e Preservação da Escola de Belas da UFRJ (2019). Tem interesse pelos seguintes temas: patrimônio histórico, artístico e cultural; conservação e restauração de pinturas e esculturas; arte sacra; história da arte, desenho; pintura; sociologia do vestuário e produção cultural.

Email: moreira.fuvi@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0085464740753410>

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Hellen Alves Cabral

Doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/ EBA/UFRJ) e mestra pelo mesmo programa e instituição. Formou-se em Design de Moda na Faculdade Senai Cetiqt em 2016, e atualmente também cursa graduação em História da Arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seus temas de interesse e pesquisa são as interfaces entre moda, arte e vestuário, bem como as interseções entre seus campos, sistemas e mídias.

Email: h.alvescabral@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2125243483242495>

Henrique Guimarães dos Santos

Bacharel em Artes Cênicas – Indumentária pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é mestrando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma universidade. Graduando em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Foi pesquisador no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro na coleção Sophia Jobim Magno de Carvalho pelo projeto Memórias do curso de Artes Cênicas. Integrou projetos de terminologia do vestuário, conservação têxtil e produções cênicas. Possui interesse nas áreas de preservação e documentação têxtil/vestuário, História da Arte e do Vestuário nos séculos XVII e XVIII e representações visuais alegóricas. Membro ICOM BR / ICOM Costume.

Email: sguimaraeshenrique@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5056253877756103>

Janine Pimentel

Janine Pimentel licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães) pela Universidade Nova de Lisboa em 2003. É mestre em Linguística com especialização em Lexicografia e Terminologia pela mesma universidade. Desde o mestrado que se interessa pela elaboração de recursos linguísticos para a tradução. É PhD em Estudos da Tradução pela Universidade de Montreal desde 2012, onde lecionou na graduação e na pós-graduação primeiro como assistente e depois como professora convidada. Atualmente, é Professora Adjunta no Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona tradução, e no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma faculdade, onde leciona teorias da tradução e linguística de corpus. Os seus interesses de pesquisa inserem-se nos Estudos de Tradução com ênfase na tradução especializada. É líder do grupo de pesquisa NET - Núcleo de Estudos da Tradução da UFRJ, cadastrado no CNPq.

Email: janinepimentel@letras.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7411620486443897>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6576-9898>

SUMÁRIO

Jeane Mautoni

Museóloga. É responsável pela Reserva Técnica do Museu Histórico Nacional-MHN. Trabalhou no Museu da Casa de Oswaldo Cruz, foi curadora assistente no Boca Raton Museum of Art (Boca Raton - EUA). Foi diretora do Las Olas Art Center, Fort Lauderdale - EUA. Trabalhou no Museu Casa Geyer e no Departamento de Processos Museais do IBRAM.

Email: jejemautoni@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6667877587318863>

Luciene C. Alves de Lucena

Graduanda em Letras Português/Literaturas. Recebeu menção honrosa na jornada de Iniciação científica de 2019 com o Projeto Combate ao Preconceito Linguístico, comunicativa, organizada, proativa, fluente em francês e Inglês. Poetisa e roteirista de histórias infantis e contos para adultos. Apaixonada por projetos no setor da arte e da literatura. Pintora e artista plástica. Participante do projeto de extensão Terminologia do vestuário.

Email: lu.luce@yahoo.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4334036326184232>

Madson Oliveira

Graduado em Moda (UFC, 2002); Mestre (2006) e Doutor (2010) em Design (ambos na PUC-Rio). Professor lotado na Escola de Belas Artes-EBA / Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, onde ministra aulas e orienta trabalhos para: o Curso de Graduação em Artes Cênicas – Indumentária e a Pós-Graduação em Design-PPGD. Temas de interesse para pesquisa: Figurino; Moda; Carnaval.

Email: madsonluis@eba.ufrj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7992901895916913>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3888-6292>

Maria do Carmo Rainho

Historiadora. Doutora em História Social (UFF), mestra em História Social da Cultura – Puc-Rio. Pesquisadora do Arquivo Nacional atuando na difusão dos acervos institucionais. Curadora de exposições. Autora dos livros *A cidade e a moda*, 2002; *Moda e revolução nos anos 1960*, 2014; *Retratos Modernos* (com Cláudia Heynemann), 2005. Curadora e editora do site *Cadernos de Marc Ferrer* (com Ileana Pradilla), 2021-22. Seus temas de pesquisa incluem história da fotografia, cultura visual, fotografia de moda, teoria e história da moda.

Email: mctrainho@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1805110945057633>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1706-955X>

Maria Cristina Volpi

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (2000) com pós-doutorado em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). É autora do livro *Estilo Urbano* (2018) e de capítulos de livros e artigos em revistas científicas. *mcvolpi@eba.ufrj.br*. Professora titular da Escola de Belas Artes da UFRJ.

Email: mcvolpi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9190076196174431>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1832-3011>

Mara Rúbia Sant'Anna

Possui graduação em História Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1990), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Realizou estágio de doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales (2003) sob a direção de Monique de Saint-Martin, Pós-Doutoramento na Universidade de Strasbourg (2011), sob a supervisão de Benoit Tock e George Bischoff e Pós-Doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGAV sob a supervisão de Maria Cristina Volpi. É líder do grupo de pesquisa "Moda, Artes, Ensino e Sociedade" e coordenadora de atividades de Extensão. É professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da mesma instituição. Também é professora associada da Equipe d'Accueil 3400 "ARCHE", filiada à Universidade de Strasbourg (FR). Concentra suas pesquisas na área de História da Cultura e da Moda e Ensino Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: aparência, moda, estudos da imagem relacionados ao consumo e ao ensino, a formação em artes e design. Expertises em Victor Meirelles e sua coleção "Estudo de Trajes Italianos".

Email: sant.anna.udesc@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/894904241227782>

SUMÁRIO

ÍNDICE REMISSIVO

A

acesso online 17, 135
ações acadêmicas 14
Anais 77, 79, 105, 106, 132, 215, 217, 219
anos 1980 93, 95, 103, 119
aplicada 14, 15, 31
Arquivo Histórico 15, 50, 88, 92, 109, 110,
111, 112, 125, 127
arte 16, 23, 24, 25, 27, 49, 52, 58, 59, 60,
65, 69, 79, 84, 105, 111, 216, 227, 228,
229

B

Biblioteca 15, 36, 37, 39, 46, 88, 90, 92,
109, 112, 113, 114, 220, 221
biografia 15, 82, 87, 91, 92, 103, 214

C

campanha de marketing 12
catalogação 13, 15, 17, 19, 22, 27, 30, 53,
54, 56, 66, 69, 70, 77, 88, 94, 97, 135
catálogos 36, 37, 39, 44, 86, 137, 144,
145, 150, 151, 152, 153
coleções 14, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 26, 27,
28, 30, 33, 47, 58, 59, 61, 65, 77, 79, 80,
81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 91, 94, 100,
101, 105, 113, 115, 135
coleções de indumentária 14, 24, 25, 30,
58, 61, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 90, 91, 100
composição de narrativas 14
Conselho Internacional de Museus 13, 22,
45, 78, 106
corpus 32, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43,
44, 45, 46, 49, 50, 75, 76, 136, 145, 147,
153, 154, 214, 221, 226, 228
corpus digital 36, 37, 39, 40, 41, 43, 44
cultura 14, 15, 16, 17, 30, 61, 66, 79, 82,
83, 84, 85, 105, 227, 229

cultura do vestir 15
cultura material 14, 17, 30, 79, 227
cultura material têxtil 14

D

década de 1960 13
década de 1970 13, 22, 45, 59, 215
dicionários 38, 76, 136, 137, 140, 142,
143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 152,
153, 154

E

equipe 13, 15, 23, 33, 34, 39, 40, 41, 54,
75, 76, 95, 102
espaço histórico 12
Estados Unidos da América 13
standardização 26
estudo aplicado 15

F

fenômeno linguístico 136, 147, 152
forma plural 20, 135, 136, 137, 138, 139,
141, 142, 150, 152, 153, 154
forma singular 135, 136, 138, 139, 140,
141, 142, 147, 148, 150, 152, 153, 154

H

história 12, 13, 16, 20, 24, 25, 26, 35, 52,
53, 60, 63, 65, 66, 75, 79, 81, 88, 102, 105,
106, 109, 110, 151, 216, 219, 227, 229

I

ICOM 8, 13, 14, 18, 22, 23, 25, 30, 47, 48,
50, 53, 54, 56, 70, 71, 72, 75, 76, 78, 81,
99, 109, 123, 132, 135, 159, 162, 185, 228
indumentária 14, 15, 16, 17, 19, 20, 24, 25,
26, 27, 28, 30, 35, 37, 39, 44, 45, 46, 50,
53, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 77, 80, 81, 82,
83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93,

SUMÁRIO

94, 96, 98, 99, 100, 103, 105, 107, 113,
114, 116, 117, 118, 120, 121, 123, 124,
129, 132, 133, 149, 215, 218, 219
Indumentária 9, 13, 17, 18, 20, 23, 24, 26,
45, 47, 57, 61, 71, 77, 82, 83, 98, 100, 105,
106, 108, 109, 112, 113, 115, 117, 120,
121, 122, 123, 126, 130, 131, 132, 133,
157, 185, 216, 227, 228, 229
Instituição da Capela de Nossa Senhora
Aparecida 64, 65, 78

L

lexicografia 20, 50, 135, 152
lexicologia 135, 136, 152
língua estrangeira 12
lojas virtuais 36, 37, 39, 76, 123

M

marketing 12, 60
material têxtil 13, 14
memória 12, 66, 67, 109
metalexícógrafos 136, 142
MHN 8, 15, 75, 89, 93, 100, 105, 106, 109,
110, 112, 114, 117, 118, 119, 121, 124,
125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 229
moda 12, 16, 17, 18, 20, 25, 27, 35, 36,
39, 44, 47, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62,
65, 69, 73, 74, 75, 77, 79, 81, 82, 83, 92,
94, 100, 105, 106, 108, 110, 116, 117, 118,
132, 133, 135, 137, 143, 144, 145, 147,
148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 214,
215, 216, 217, 218, 219, 227, 228, 229,
230
museu 14, 19, 23, 26, 28, 54, 60, 79, 80,
81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 94, 97,
101, 102, 103, 105, 106, 110, 111, 112,
114, 118, 120, 124, 125, 126, 130, 131,
132
Museu Histórico Nacional 8, 14, 15, 18, 19,
33, 45, 50, 75, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88,
89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101,
105, 106, 107, 109, 110, 118, 121, 122,
126, 132, 135, 158, 215, 228, 229

museus 14, 22, 23, 25, 26, 27, 30, 33, 47,
53, 60, 61, 62, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 94, 95, 99, 103, 104, 105, 106,
114, 117, 118, 119, 122, 132

N

narrativas 14, 215

O

O guarda-roupa modernista 66, 67, 227
Olly e Werner Reinheimer 58, 68, 69, 72

P

patrimônio 22, 23, 25, 69, 78, 90, 227
patrimônio cultural 22, 78
pluralia tantum 135, 136, 137, 138, 139,
140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148,
149, 151, 152, 153, 154
Pós-Graduação 15, 58, 63, 66, 68, 69, 157,
158, 227, 228, 229
práticas do vestir 14

R

roupa 16, 50, 52, 53, 58, 63, 65, 66, 67,
68, 74, 81, 85, 90, 129, 137, 187, 190, 191,
201, 202, 203, 204, 210, 211, 216, 217,
219, 226, 227

T

terminologia 14, 15, 18, 19, 20, 22, 25, 29,
31, 32, 33, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 55, 57,
58, 62, 65, 73, 75, 77, 81, 82, 88, 89, 95,
99, 100, 101, 104, 109, 122, 123, 124, 135,
136, 141, 144, 145, 150, 152, 154, 156,
228, 229
termos 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 22, 25,
27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37,
38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 53,
54, 55, 56, 57, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 81,
82, 83, 85, 86, 89, 91, 92, 95, 96, 97, 98,
99, 100, 103, 104, 107, 109, 114, 120, 121,
122, 123, 124, 132, 134, 135, 136, 137,
138, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150,
151, 152, 153, 154, 162, 205

termos básicos 15, 19, 27, 29, 54, 75, 107
trabalho 12, 14, 15, 18, 19, 22, 26, 27, 28,
29, 30, 32, 34, 41, 45, 52, 53, 54, 56, 57,
58, 67, 68, 70, 72, 73, 76, 81, 90, 93, 94,
96, 100, 101, 110, 121, 135, 136, 152
tradição lexicográfica 137

V

VBT 9, 18, 22, 34, 35, 37, 45
vestir 14, 15, 17, 22, 29, 53, 57, 58, 62, 64,
67, 68, 73, 75, 89, 135, 151, 155, 215, 219
vestuário 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20,
22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 36,
38, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54,
55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66,
67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 79, 89, 109,
116, 117, 118, 122, 123, 128, 129, 130,
131, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 142,
143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150,

151, 152, 153, 154, 156, 159, 162, 185,
199, 203, 210, 219, 226, 227, 228, 229
vestuário feminino 27, 29, 38, 42, 43, 44,
45, 46, 54, 70, 71, 76, 123
vestuário infantil 28, 43, 44, 46, 55, 76
vestuário masculino 28, 38, 43, 44, 55, 76,
219
vocabulário 13, 18, 22, 25, 26, 27, 30, 33,
42, 44, 45, 50, 54, 56, 58, 62, 68, 70, 71,
72, 75, 76, 81, 86, 98, 99, 116, 122, 135
VTB 9, 13, 14, 15, 18, 19, 30, 33, 34, 35,
37, 40, 45, 46, 54, 55, 56, 70, 71, 72, 75,
100, 109, 117, 122, 123, 125, 127, 128,
129, 130, 132, 136, 143, 152, 154

SUMÁRIO



www.pimentacultural.com

Terminologia e Catalogação do Vestuário

percursos
interdisciplinares